

DESPORTO OS ATLETAS MAIS MEDALHADOS DE SEMPRE DA RAEM

Macau

澳門



TRADIÇÃO À MESA

Chá Gordo ganha toque moderno
e conquista cada vez mais apreciadores

DIPLOMACIA
O LONGO CAMINHO
DO BRASIL ATÉ À CHINA



LUSOFONIA
A RÁDIO CHINESA QUE
QUER FALAR PORTUGUÊS

Momentos Deliciosos

Desfrute da fusão entre o esplendor da cozinha internacional e local;
saboreie o contraste entre o moderno e o tradicional.

Usufrua da cultura dinâmica da cidade e aprecie cada momento de bom-gosto.



MOMENTOS MEMORÁVEIS

SENTIR **MACAU**



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macautourism.gov.mo



DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto, Au Kam Va

EDITOR EXECUTIVO

Fernando Sales Lopes

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@ges.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luis Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda
CLL design

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORAM NESTA EDIÇÃO

António Caeiro (Pequim), Diana do Mar, Filipa Queiroz, Luís Ortet,
Marco Carvalho, Margarida Saraiva, Nuno G. Pereira, Patrícia Cruz,
Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel e Tiago Quadros

FOTOGRAFIA

Carmo Correia, Gonçalo Lobo Pinheiro,
Paulo Cordeiro (Portugal), Rita Tudela (Pequim)

ILUSTRAÇÃO

Rui Rasquinho

FOTOGRAFIA DA CAPA

Gonçalo Lobo Pinheiro
Modelos: António Monteiro, Bárbara Barreto Ian, Catarina Lau Pineda,
Daniel Yan, Geneveva Rodrigues, José Basto da Silva
Agradecimentos ao Restaurante Feast do Hotel Sheraton

TRADUÇÃO

Cecilia Lin

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

3000 exemplares

ISSN: 0871-004X

PREÇOS POR ASSINATURA ANUAL

ANGOLA: AOA 3.390,00 | BRASIL: BRL 78,00
CABO VERDE: CVE 2.760,00 | GUINÉ-BISSAU: XOF 16.400,00
MACAU: MOP 200,00 | MOÇAMBIQUE: MZM 1.075,00
PORTUGAL: EUR 25,00 | S.TOMÉ E PRÍNCIPE: STD 607.000,00
TIMOR-LESTE: USD 35,00 | RESTO DO MUNDO: USD 40,00



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

Neste mês de Dezembro celebra-se o 15º aniversário do estabelecimento da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), com um vasto programa que assinalará a efeméride. Ao mesmo tempo o Chefe do Executivo Chui Sai On tomará posse para um segundo mandato. Este será o quarto mandato de Chefe de Executivo da RAEM, desde o seu estabelecimento, tendo sido Edmund Ho Hau Wa o titular nos dois primeiros mandatos.

Em destaque nesta edição da revista MACAU está a cultura macaense, através da tradição gastronómica do chá gordo, com uma explicação do que são os principais pratos que a constituem. Por outro lado, a prestação dos atletas de Macau nos Jogos Asiáticos da Coreia do Sul merece igualmente uma reportagem desenvolvida.

Entre outros temas, o leitor encontrará ainda informação actualizada sobre produção de automóveis de fabrico chinês no Brasil, a participação de Macau e dos países lusófonos na Feira de Cantão, as emissões em língua portuguesa da Rádio Internacional da China, o décimo aniversário do Observatório da China, uma entrevista com o cônsul brasileiro para Hong Kong e Macau e a abertura do Consulado Geral de Moçambique na RAEM.

A propósito deste último evento re-fira-se que funcionam presentemente em Macau os consulados gerais de Angola, Moçambique e Portugal, além do consulado honorário de Cabo Verde, do posto consular da Guiné-Bissau e da presença dos delegados de diversos países lusófonos junto do Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa.

Luis Ortet



- 6 ACONTECEU**
As notícias que marcaram a actualidade da RAEM
- 12 REGRESSO À ROTA DA SEDA**
Oportunidades e desafios discutidos no Fórum de Economia de Turismo Global
- 14 CARROS CHINESES CRESCEM NAS RUAS BRASILEIRAS**
Indústria automotiva chinesa com novas estratégias
- 16 FEIRA DE CANTÃO: LUSOFONIA EM DESTAQUE**
A maior montra do mundo
- 18 GRANDES EMPRESAS: CTM**
A crescer com Macau
- 26 PME: CORE PRODUCTIONS**
Nuno Veloso, fotógrafo e patrão
- 30 OBSERVATÓRIO DA CHINA, 10 ANOS**
Muito para além das relações económicas
- 38 RÁDIO INTERNACIONAL DA CHINA**
A rádio chinesa que fala português
- 44 DIPLOMACIA: AMIZADE ENTRE GIGANTES**
Entrevista com José Antônio de Macedo Soares, cônsul do Brasil
- 50 DIPLOMACIA: MOÇAMBIQUE INAUGURA CONSULADO**
Macau como porta para a China
- 54 FOTO-REPORTAGEM: FESTIVAL FRINGE**
Bairros antigos como palco de todas as artes



A cultura como dinamizador económico

Rui D'Ávila Lourido, presidente do Observatório da China, instituição que completa dez anos em 2015, defende que o apoio do Fórum Macau à cultura deve ser intensificado, já que é um suporte da economia e um pilar para o aprofundamento da identidade de Macau

“Um brasileiro em Macau sente-se parte do que vê”

José Antônio de Castello Branco de Macedo Soares nasceu na Argentina, viveu em Itália, trabalhou em Inglaterra, EUA, Áustria e Panamá. Só há ano e meio é que conheceu a China, país cuja descoberta não cessa de fasciná-lo. Tanto que vê com bons olhos passar os próximos anos entre Hong Kong e Macau



62 **GASTRONOMIA: O 'NOVO' CHÁ GORDO**
Tradição macaense em transformação

70 **DESPORTO: OS GRANDES ATLETAS DE MACAU**
Um longo caminho para a glória

82 **CYNTHIA TANG: DE MACAU PARA A ANTÁRTIDA**
De sonho de infância à expedição internacional

86 **MOSTRA DE TEATRO DOS PAÍSES LUSÓFONOS**
Brasil, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau estreiam-se em Macau

94 **LÍNGUA CHINESA: O BATER DO CORAÇÃO**
O conteúdo semântico do 心 *xīn*

104 **URBANISMO: PONTE NOBRE DE CARVALHO**
40 anos a ligar Macau e Taipa

112 **ARQUITECTURA: CONJUNTO EDIFICADO NO TAP SEAC**
Tempo e evento

118 **ÁTRIO: MUNHUB**
Criativos lusófonos unidos na Ásia

124 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
O que ver e ler

130 **MEMÓRIAS: PADRÃO PORTUGUÊS NA PRAIA GRANDE**
As comemorações em Macau dos 45 anos da implantação da República Portuguesa

Uma 'pitada' de modernidade na tradicional mesa macaense

Ritual enraizado no seio da comunidade macaense, o Chá Gordo figura como um dos mais apreciados costumes de uma cultura de sabores de distintas influências. Outrora servido como tradicional lanche festivo em casa de abastadas famílias, hoje conquista um lugar à mesa de modernos restaurantes



O bater do coração



Os caracteres chineses estão longe de ser conjuntos de traços sem sentido. Na sua origem, eles começaram por ser representações pictográficas de objectos e seres. Um dos caracteres mais antigos da língua chinesa é 心 *xīn*, que significa "coração" (o órgão do corpo) mas também "mente" e "sentimento"

A primeira ponte Macau-Taipa

A primeira travessia terrestre entre Macau e Taipa, a ponte Governador Nobre de Carvalho, foi aberta ao trânsito há 40 anos. Antes disso, a ligação estava sujeita a travessias marítimas irregulares que chegavam a levar uma hora de viagem para cruzar os três quilómetros que separam as duas margens



Morreu o vice-presidente do jornal Ou Mun

Lei Pang Chu, vice-presidente do jornal em língua chinesa de maior circulação em Macau, o Ou Mun, morreu no final de Outubro, o que, na opinião do Chefe do Executivo da RAEM, representa uma “pesada perda” para a imprensa local. Lei Pang Chu foi um dos membros-fundadores da Associação Promotora da Lei Básica de Macau, membro da Comissão de Selecção do Primeiro Governo da RAEM e assumiu o cargo de delegado de Macau à Assembleia Popular Nacional. Numa carta enviada à família, o Chefe do Executivo recordou Lei Pang Chu como alguém que “envidou todos os esforços para a promoção da comunicação social de Macau, divulgando as opiniões da população, fiscalizando o Governo, colaborando com colegas do sector da comunicação social e ajudando jovens jornalistas”.

ESCOLA PORTUGUESA RECEBE PRÉMIO IDENTIDADE

O Instituto Internacional de Macau (IIM) atribuiu o Prémio Identidade à Escola Portuguesa de Macau pelo seu trabalho na área da língua portuguesa. Segundo Jorge Rangel, presidente do IIM, a distinção é o reconhecimento pela formação em português de gerações de jovens de Macau. O Prémio Identidade é atribuído desde 2003 a instituições ou personalidades que contribuem para o reforço da identidade singular de Macau tendo sido, pela primeira vez, entregue a Monsenhor Manuel Teixeira.



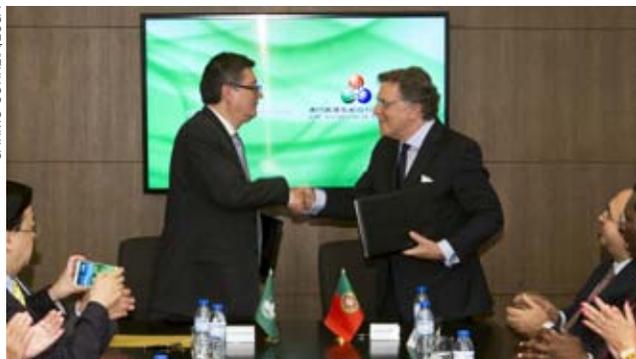
RTP e TDM assinam novo protocolo de cooperação

A Teledifusão de Macau (TDM) e a Rádio e Televisão de Portugal (RTP) assinaram em Novembro um protocolo de cooperação que abrange as áreas da formação, co-produção e partilha de conteúdos. O novo acordo vem no seguimento de outro assinado em 1993, ao abrigo do qual é transmitido o sinal da RTP em Macau, via TDM e em canal autónomo. A grande novidade, porém, recai numa colaboração tripartida com a CCTV, a maior estação da China: os programas são enviados para a TDM, onde é feita a dobragem e tradução, sendo depois disponibilizados à RTP para locução e transmissão.

Mo Yan galardoado com doutoramento *honoris causa*

O escritor Mo Yan, que em 2012 se tornou o primeiro cidadão chinês a receber o Prémio Nobel da Literatura, é uma das cinco figuras a quem a Universidade de Macau vai conferir doutoramentos *honoris causa* para distinguir “contributos significativos no desenvolvimento social e na educação”. Mo Yan vão juntar-se outros dois galardoados com o Nobel – Robert C. Merton (Economia, 1997) e Chen-Ning Franklin Yang (Física, 1957), além de Lee Chak Fan, professor honorário do Departamento de Engenharia Civil da Universidade de Hong Kong, e Ir Siu Yin Wai, engenheiro residente em Macau.

CARMO CORREIA/LUSA



Restaurantes locais garantem estrelas do Guia Michelin

A edição de 2014 do Guia Michelin continua a atribuir três estrelas, a mais alta classificação gastronómica, a dois restaurantes da região: o Robuchon au Dôme e o Eight, ambos no *resort* Grand Lisboa. Dois restaurantes mantêm também a classificação de duas estrelas – o Golden Flower, no Plaza Macao, e o Zi Yat Heen, no Wynn. Já na lista de recomendações há novidades: o Café Leon, restaurante português na Taipa, e o Temptations, restaurante francês no Star World. Os restaurantes A Lorch, Manuel Cozinha Portuguesa, e o estabelecimento do Instituto de Formação Turística continuam com o seu lugar garantido na lista.



Conhecimento cultural através dos sabores lusófonos

Em mais uma edição do Festival de Sabores dos Países de Língua Portuguesa, em Outubro, o secretário-geral do Fórum Macau, Chang Hexi, afirmou que a iniciativa continuará a ser levado a cabo, já que a gastronomia é um elemento importante para o conhecimento multilateral entre as culturas lusófonas e da China. Durante o mês de Outubro, foi possível provar pratos tradicionais de Portugal, Angola, Brasil, Timor-Leste, São Tomé e Príncipe e Macau num menu variado e disponível ao almoço e jantar. A mostra gastronómica fez parte da 6.ª semana cultural da China e dos países de língua portuguesa, uma iniciativa que também contou com a exposição de arte contemporânea do macaense Eugénio Novikoff Sales.



UNIVERSIDADE DE MACAU ENTRE AS 300 MELHORES DO MUNDO

A Universidade de Macau entrou, pela primeira vez, no *ranking* das 300 melhores universidades do mundo do *Times Higher Education World University Rankings*, publicado em Outubro. A instituição destaca que o feito deve ser considerado como "notável" até porque, há poucos anos, não constava sequer da lista das 400 melhores.

ENFERMEIROS LUSÓFONOS REUNIDOS EM MACAU

Um curso de formação técnica em Enfermagem destinado a participantes dos países lusófonos, patrocinado pelo Ministério do Comércio da China, trouxe a Macau 17 enfermeiros de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste. A passagem de três dias pela RAEM como parte do programa de 50 dias de formação, que decorreu na Província de Sichuan, serviu para os formandos terem contacto com as infra-estruturas locais de saúde.

UNIVERSIDADE DE SÃO JOSÉ APOSTA NO PORTUGUÊS

A antiga docente da Universidade de Macau Maria Antónia Espadinha assumiu, em Outubro, o cargo de vice-reitora na Universidade de São José (USJ) como forma de reforçar o ensino e as iniciativas em língua portuguesa. Apesar da língua veicular em todos os níveis ser o inglês, a instituição quer explorar mais a vertente da lusofonia.

David Beckham treina jovens talentos

O futebolista inglês David Beckham regressou a Macau em Novembro para ministrar uma acção de formação para 40 jovens do território desenvolverem aptidões no futebol. A presença da estrela, promovida pela Sands China, teve o apoio da Associação de Futebol local, que seleccionou o grupo de participantes sub-15 e sub-17 de clubes de Macau.



Jovem cineasta premiado na Índia

Chao Koi Wang, jovem de Macau a estudar em Taiwan, venceu o primeiro prémio na categoria internacional do 4.º Festival Internacional de Curtas Metragens de Bangalore, na Índia. O filme, *A Oração de um Rapaz*, foi inspirado num camião de lixo e conta a história de um encontro casual entre um rapaz e uma empregada de limpeza que o incentiva a seguir o seu sonho. Mais de 500 realizadores de 50 países diferentes concorreram ao prémio. Chao Koi Wang frequenta um mestrado no Departamento de Cinema da Universidade Nacional de Belas-Artes de Taipé, com uma bolsa do Instituto Cultural de Macau.



Colóquio mostra Administração Pública à lusofonia

O Fórum Macau organizou, em Outubro, mais uma iniciativa de formação destinada a profissionais dos países lusófonos, desta vez na área da Administração Pública. No total, 27 participantes atenderam à chamada, que contou ainda com quatro representantes do Ministério da Economia de Portugal. O programa de 14 dias incluiu palestras de temas diversos, como gestão de recursos humanos no sector público, conflitos laborais, gestão de negociação colectiva, ou o desenvolvimento do governo electrónico, e ainda uma visita de estudo à Província de Guangdong e à Feira Internacional de Macau.

FUNDO PARA LUSOFONIA FINANCIA DOIS PROJECTOS

O Banco de Desenvolvimento da China aprovou em Outubro dois projectos lusófonos, no âmbito do fundo de mil milhões de dólares norte-americanos, anunciado em 2010 pelo então primeiro-ministro da China, Wen Jiabao. O fundo disponibiliza mais de dez milhões de dólares a cada projecto: um ligado à agricultura em Moçambique e outro de energias renováveis em Angola. Outras dez candidaturas estão ainda a ser avaliadas.

Sueco vence Fórmula 3 do Grande Prémio de Macau

O sueco Felix Rosenqvist, em Dallara Mercedes, venceu a Taça Intercontinental da FIA em Fórmula 3 do Grande Prémio de Macau, terminando a prova com uma dobradinha, depois de ter vencido a corrida qualificativa para a prova rainha do certame. O britânico Robert Huff, em Lada, venceu a última corrida do mundial WTCC, numa prova dominada desde o início pelo português Tiago Monteiro que, à nona volta, perdeu a direcção do seu Honda. No Grande Prémio de Motos, outro britânico, Stuart Easton, levou a melhor, acumulando quatro subidas ao principal lugar no pódio.



NÚMEROS

162.877

TRABALHADORES
NÃO-RESIDENTES
REGISTADOS ATÉ AO FINAL
DE SETEMBRO (+24,5%)

\$ 100.618

PREÇO MÉDIO DO
METRO QUADRADO
RESIDENCIAL EM MACAU
EM SETEMBRO (+23,7%)

Mio Pang Fei representa Macau na Bienal de Veneza

O pintor Mio Pang Fei vai representar Macau na 56.^a Exposição Internacional de Arte - Bienal de Veneza 2015, que decorre entre 9 de Maio e 22 de Novembro. O Museu de Arte de Macau justificou a escolha de Mio – entre uma lista com cerca de 40 nomes – pelas “notáveis realizações tanto em termos de produção artística como de contributo para a promoção das artes”. Nascido em 1939 em Xangai, o artista formou-se em Belas Artes na Universidade Normal de Fujian, e vive em Macau desde 1982. Foi docente na Academia de Artes Visuais de Macau, na Universidade de Nanjing, no Colégio de Belas-Artes da Universidade de Xangai, e também na Universidade de Wolverhampton, no Reino Unido.

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Académicos discutem novos caminhos para lusofonia

Repensar e avaliar possíveis caminhos para a lusofonia e a língua portuguesa foram os objetivos da conferência internacional “Entre a desmistificação e a utopia: Indagação sobre as lusofonias”, promovida pela Universidade de São José em Outubro. O evento contou com painéis antropológicos, históricos e dedicados à componente de estratégia e políticas de língua numa tentativa de traçar perspectivas de como o projecto lusófono pode conquistar o seu espaço. Os trabalhos abriram com uma conferência sobre “Camões e os ecos das suas obras na cultura contemporânea”, como uma das primeiras instâncias de mitificação e simultaneamente crítica da expansão. No debate foram ainda equacionados conceitos relativamente afins como a lusofonia, francofonia, sinofonia.

EDP E THREE GORGES CRIAM EMPRESA

A EDP e a China Three Gorges (CTG) vão criar no próximo ano uma nova empresa para conceber, construir e operar barragens em África e na América Latina tendo Macau como base. A portuguesa e a chinesa detêm cada 50 por cento da nova empresa, que tem como objectivo agarrar oportunidades do mercado global de energia, principalmente na geração de energia hídrica, em países emergentes.

Aeroporto Internacional distinguido com prémio

O Aeroporto Internacional de Macau foi considerado o “Pequeno Aeroporto Internacional do Ano na região Ásia Pacífico”. A distinção, que se refere a 2014, foi atribuída em Outubro em Singapura, durante a cerimónia de entrega dos Prémios de Excelência em Aviação, do CAPA – Centro para a Aviação. As estimativas é que este ano se encerre com um acréscimo de dez por cento no tráfego de passageiros pelo segundo ano consecutivo.



1375

NOVAS SOCIEDADES FORAM CRIADAS NO 3.º TRIMESTRE, MAIS 228 DO QUE NO MESMO PERÍODO DE 2013

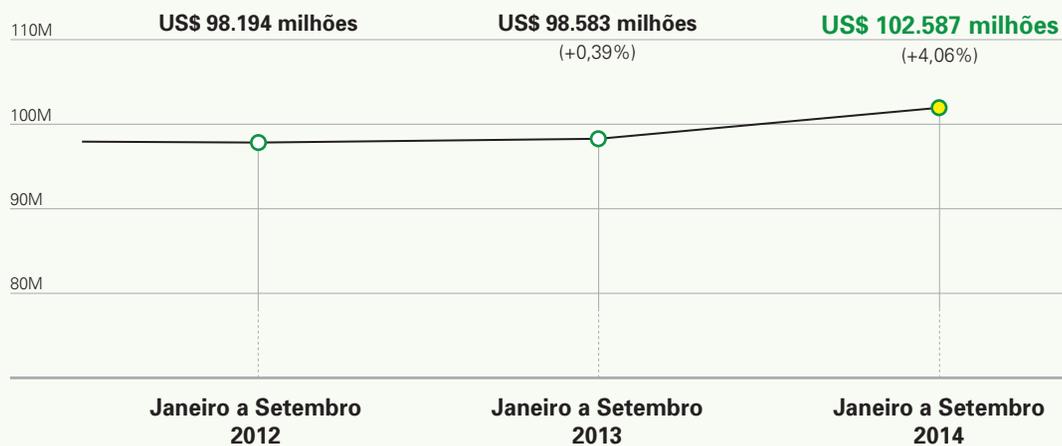
236.334

VEÍCULOS ESTAVAM EM CIRCULAÇÃO ATÉ AO FINAL DE SETEMBRO, MAIS 5% EM RELAÇÃO A 2013

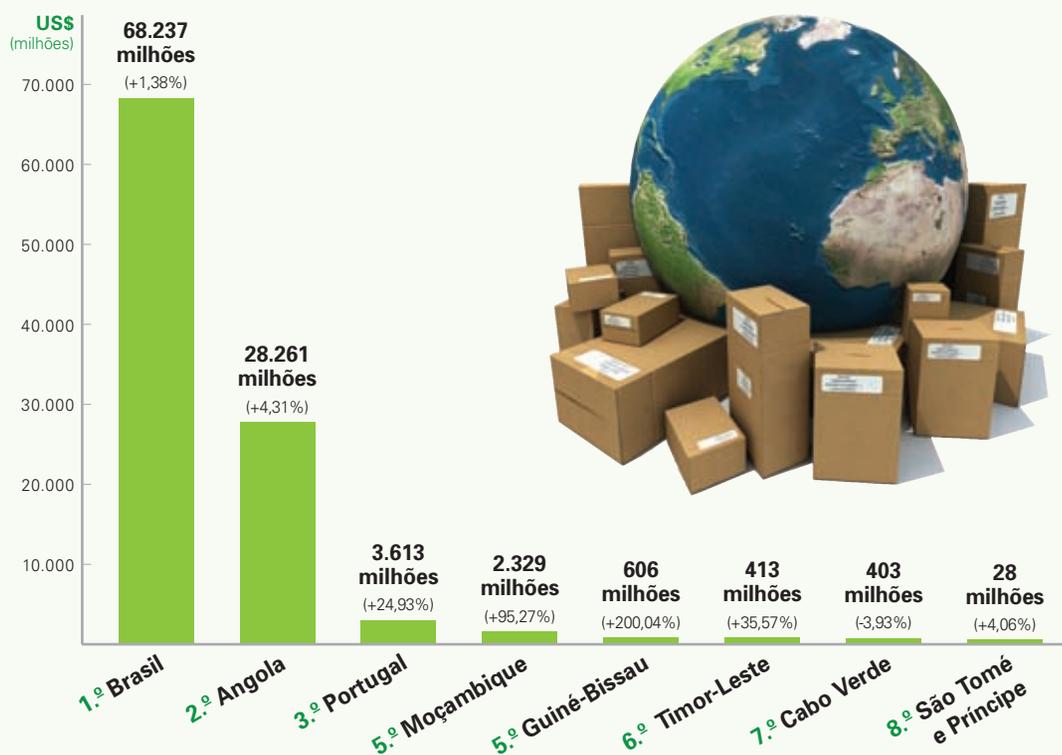
1.686.971

UTENTES DE TELEMÓVEL FORAM REGISTRADOS NO TERCEIRO TRIMESTRE (+8%)

COMÉRCIO ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



PRINCIPAIS PARCEIROS COMERCIAIS DA CHINA EM SETEMBRO DE 2014



Fonte: Estatísticas dos Serviços da Alfândega da China



MACAU 2014

LIVRO DO ANO

As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO”, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. O “MACAU 2014 - LIVRO DO ANO” pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhados da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e no Centro de Informações ao Público, e na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong



Regresso à Rota da Seda

A terceira edição do Fórum de Economia de Turismo Global reuniu cerca de mil delegados e 40 responsáveis ministeriais em Macau, em Outubro, que discutiram as tendências e os desafios para o crescimento da indústria na Ásia. A RAEM quer recuperar o seu papel como ponto central da Rota Marítima da Seda

A REGIÃO Ásia-Pacífico deverá receber 30 por cento do total de turistas internacionais até 2030, o que corresponde a 535 milhões de chegadas, segundo dados da Organização Mundial do Turismo (OMT). Os números, divulgados durante a terceira edição do Fórum de Economia de Turismo Global realizado em Macau, no mês de Outubro, surgem no relatório anual sobre as tendências do turismo na Ásia, que aponta que a região registou em 2013 um forte crescimento no fluxo de turistas, com um total de 248 milhões de

chegadas, equivalente a cerca de 23 por cento do total mundial. Entre os destinos de eleição surge em primeiro lugar a China, seguindo-se Tailândia, Malásia, Hong Kong e Macau.

O Fórum, que este ano adoptou o tema “Rota da Seda Marítima – Partindo de Macau”, concentrou-se sobretudo na cooperação intercontinental e as oportunidades de negócios com os países da Rota da Seda Marítima. O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, salientou que o território ocupa um papel central



no turismo da região e que, por isso mesmo, o Governo “está empenhado em agarrar a oportunidade trazida pela Roda da Seda Marítima do século XXI”. Neste sentido, e ao mesmo tempo em que é solidificado e aumentado o potencial ao nível da indústria turística, “aceleramos a criação de um turismo integrado e o desenvolvimento de novos sectores, movendo esforços para impulsionar uma diversificação moderada da economia”.

Estiveram presentes 40 oficiais ministeriais, líderes de corporações mundiais, especialistas e académicos, para “encetar um debate e análise de fundo e formular soluções inovadoras para a prosperidade sustentável da região da Rota da Seda Marítima”, referiu a organização. Este ano o evento atraiu perto de mil delegados provenientes de 29 países de todo o mundo, além de delegações de quatro províncias e regiões autónomas do Interior da China parceiras do Fórum. Para além de Chui Sai On, o evento contou ainda com a presença do vice-presidente do Comité Nacional da Conferência

Consultiva Política do Povo Chinês (CCPPC) e presidente do Fórum de Economia de Turismo Global, Edmund Ho, que destacou o turismo como “uma indústria pilar estratégica do país, e também um elemento imprescindível para impulsionar a criação de uma faixa económica ao longo da nova Rota da Seda Marítima”.

Esta foi a terceira vez consecutiva que o evento decorreu em Macau, o que possibilita a região desempenhar ainda mais o seu papel de plataforma regional. Para Maria Helena de Senna Fernandes, directora dos Serviços de Turismo de Macau, o Fórum também serve para uma troca aprofundada de experiências e desafios e ajuda Macau a aprender mais sobre a indústria, de forma “a atingir a meta de erguer um centro mundial de turismo e lazer”. Pansy Ho, vice-presidente e secretária-geral do Fórum de Economia de Turismo Global, enfatizou que o evento “mostra a importância de Macau na antiga Rota da Seda Marítima”, pretendendo, através do desenvolvimento da economia do turismo, “incentivar os vários países do mundo para uma cooperação mútua e benéfica”. ■

INDÚSTRIA AUTOMOTIVA

Chineses aceleram no Brasil

Treze das 51 marcas de carros vendidas no Brasil já são chinesas. Para contornar a concorrência de montadoras mais conhecidas e altos impostos sobre os veículos importados, as empresas chinesas investem milhões a abrir fábricas locais e a criar gamas de alto luxo para conquistar as classes média e alta



EM 2010, elas começaram a entrar discretamente no mercado brasileiro e agora, em 2014, já se contam 13 empresas chinesas a pôr em circulação carros nas ruas do Brasil. Com a chegada da Geely e da Zotye este ano, a lista de marcas chinesas que actuam no Brasil bateu o recorde e figura agora como o maior contingente estrangeiro, juntamente com a JAC, Chery, Hafei, Lifan, Shineray, Chana, Jinbei, Rely, Effa, Foton e DFM. Ainda assim, a quota de mercado não ultrapassou o 0,96 por cento em 2013.

Com o alargamento do poder de compra das classes mais baixas e facilidades de financiamento para a compra do primeiro carro, a indústria automotiva no Brasil bateu recordes de venda entre 2011 e 2013, com um crescimento médio de 10 por cento a cada ano, numa altura em que o Produto Interno Bruto (PIB) não ultrapassava os 3 por cento.

Mesmo com uma forte aposta em carros económicos e populares e com celebridades brasileiras a estrelarem publicidades, as marcas chinesas passaram a enfrentar mais dificuldades para agarrar consumidores. No final de 2011, o Governo brasileiro aumentou o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) com incidência directa sobre os carros importados, o que criou um forte obstáculo para a expansão das chinesas. Por outro lado, as montadores nacionais ficaram isentas de impostos, o que levou as empresas do outro lado do mundo a reavaliarem estratégias para abocanhar o vasto mercado brasileiro.

Foi então que a Chery abriu caminho e fez uma parceria local para conseguir uma isenção de impostos para o fabrico

A CHERY INVESTIU 400 MILHÕES DE DÓLARES PARA ABRIR A SUA PRIMEIRA FÁBRICA NO INTERIOR DE SÃO PAULO. A MARCA CHINESA QUER PRODUZIR 150 MIL CARROS EM 2016 E USAR A FÁBRICA BRASILEIRA COMO CENTRAL DE EXPORTAÇÃO PARA TODA A AMÉRICA LATINA

e a comercialização de mais de 7000 unidades entre Junho do ano passado e Maio deste ano. A JAC Motors seguiu as pisadas e conquistou uma quota de 10 mil veículos isentos para o mesmo período. Com o prazo de isenções já expirado, chegou a altura de pisar no acelerador e investir na abertura de fábricas em solo brasileiro.

Investimentos avultados

A Chery, a maior construtora privada de automóveis da China, fundada em 1997 na Província de Anhui, inaugurou em Junho a sua primeira fábrica 100 por cento brasileira na cidade de Jacaré, no interior do Estado de São Paulo. O investimento rondou os 400 milhões de dólares e o objectivo é fabricar entre 30 e 35 mil veículos ainda este ano. Porém, a capacidade máxima de 150 mil carros só será atingida em 2016, quando a unidade prevê servir de central de exportação

para toda a América Latina. Além da já conhecida linha popular, com carros bastante mais baratos do que as congéneres europeias e asiáticas, a Chery quer entrar em força na gama de alto luxo a pensar nas classes média e alta.

A JAC Motors também está a construir a sua primeira fábrica em Camaçari, no Estado da Bahia, com o início da produção prevista para o segundo semestre de 2015 e um investimento a rondar os 450 milhões de dólares. O anúncio já tinha sido feito em 2011, mas as obras só arrancaram este ano depois de várias negociações com o governo baiano e problemas com licenças ambientais. A meta é produzir 100 mil automóveis por ano e mais 15 mil camiões. Parte dos equipamentos para a linha de produção será enviada da China, mesma estratégia adoptada pela Chery. Quando entrou no mercado brasileiro em 2011, a JAC vendeu 23.700 automóveis, mas o volume caiu para 15.900 unidades no ano passado devido à alta taxaço do Governo brasileiro.

Ainda a explorar mercado está a Zotye Motors, que vai iniciar vendas no Brasil em Outubro com dois modelos – um compacto e outro desportivo –, alargando assim a lista para 13 marcas chinesas no país. Os veículos são equipados com motores de tecnologia Mitsubishi e prometem custar cerca de 40 por cento menos do que modelos da mesma gama comercializados pela Ford, por exemplo. Com confiança no sucesso, a Zotye já anunciou que também vai começar a construir a sua própria fábrica em Colatina, no Espírito Santo, no início do próximo ano, ainda sem previsão de data de funcionamento e capacidade. ■

116.ª FEIRA DE CANTÃO

Macau fortalece apoio aos produtos lusófonos

A parceria da RAEM com a lusofonia não pára, com uma aposta agora reforçada: Macau como centro de distribuição de produtos alimentares dos países de língua portuguesa. Cantão foi um bom exemplo deste passo de maior aproximação à China

riores que temos recrutado empresas de Macau representantes de produtos de países de língua portuguesa para expor no Pavilhão de Macau, fazendo com que a RAEM se evidencie como plataforma de cooperação comercial com os países de língua portuguesa. Num aspecto mais recente, também temos promovido o papel de Macau enquanto centro de distribuição de produtos alimentares dos países lusófonos, fazendo com que, mais uma vez, a região fortaleça a sua função de plataforma sino-portuguesa.”

O IPIM foi responsável pelo Pavilhão de Macau na Feira de Cantão, nas Fases 1 e 3 do evento. A primeira vez que a instituição esteve envolvida na organização das delegações empresariais locais foi na 101.ª edição da feira, pelo que este certame marcou a 16.ª participação do IPIM (a Feira de Cantão realiza-se duas vezes por ano). “Na Fase 1 da feira, de 15 a 19 de Outubro, o Pavilhão de Macau ocupou uma área de 45 metros quadrados, com três expositores, principalmente focados em electrónica, materiais de construção e produtos mecânicos. Na Fase 3, de 31 de Outubro a 4 de Novembro, o Pavilhão estendeu para 108 metros quadrados a área ocupada, incluindo dez expositores de F&B, de produtos de Macau e de Portugal (com destaque para vinho, presunto e sardinhas em lata). Hoje em dia, há uma grande preocupação com a segurança alimentar e a chancela *MinM (Made in Macau)* tem boa reputação na China. Os produtos alimentares dos países de língua portuguesa também foram muito populares na feira, por serem únicos e de grande qualidade. Estas podem ser as principais vantagens competitivas das empresas de Macau.”

Tanto na Fase 1 como na Fase 3, o IPIM marcou presença com um *stand* próprio, de 18 metros quadrados (o dobro de área dos *stands* dos expositores), para estimular os negócios na RAEM. “Os interessados podiam informar-se



T NUNO G. PEREIRA

A PARTICIPAÇÃO na edição de Outono da Feira de Import Export da China (também chamada Feira de Cantão) deixou a comitiva de Macau agradada. Apesar de uma pequena redução no número de visitantes, os negócios correram bem aos empresários locais, segundo revelou Jackson Chang. O presidente do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) explicou também que a parceria com os países lusófonos, em particular na área de *Food & Beverage* (F&B, ou seja, produtos alimentares e bebidas), está cada vez mais forte. “Desde as edições ante-



sobre os ambientes de investimento em Macau, os serviços prestados pelo IPIM e o *One-stop Service* para quem quer apoio em acções na área MICE (exposições e convenções). Foi ainda feita promoção da 19.ª edição da Feira Internacional de Macau.”

Negócios encaminhados

A maioria dos empresários de Macau que acompanhou a delegação do IPIM é repetente neste tipo de viagem, tendo por isso termos de comparação com outras edições. Jackson Chang diz que, no regresso a casa, partilharam palavras animadas. “Mostraram-se satisfeitos, revelando terem potenciais acordos negociados durante a feira. A reacção geral foi positiva, com resultados acima das expectativas. Apesar disso, os expositores notaram que número de compradores foi menor do que nos últimos anos. A organização explicou que as razões principais para isso foram a instabilidade da economia mundial e os riscos de saúde relacionados com



o dengue e o ébola, que levaram algumas pessoas a evitar viajar.”

A Feira de Cantão tem níveis de organização bastante altos, mas há sempre espaço para melhorias. Nomeadamente, sublinha o presidente do IPIM, na atracção de mais visitantes. “Para as futuras edições, julgo que se deveria apostar em novas formas de promoção para atrair mais compradores à feira.” ■

COMPANHIA DE
TELECOMUNICAÇÕES
DE MACAU (CTM)

É preciso ter fibra

T NUNO G. PEREIRA

Falar de telecomunicações em Macau é o mesmo que falar da CTM, companhia dominante nesta área há mais de 30 anos. O seu futuro tem como objectivo primordial reforçar o estatuto da RAEM como cidade digital. Nesse sentido, um passo está já alinhado para ser concluído até ao início de 2015: garantir que a rede de fibra óptica tenha cobertura total





“A NOSSA visão é transformar Macau numa cidade digital”, diz Vandy Poon, CEO da Companhia de Telecomunicações de Macau (CTM). “Para isso, temos um plano de investimentos que inclui a optimização da tecnologia FTTH [sigla inglesa de *fiber to the home*, ou seja, a fibra óptica levada aos lares e às empresas] e estamos confiantes que, até ao próximo ano, conseguiremos que a nossa rede de fibra tenha cobertura de 100 por cento.”

A CTM irá assim concentrar-se no desenvolvimento dos serviços de telecomunicações com ênfase na convergência. “Para melhorar a estabilidade e a capacidade de expansão da rede de telecomunicações de Macau, estamos empenhados em criar uma rede de alta velocidade com integração de elementos de voz, dados, vídeo e multimédia. Irá fazer com que Governo, empresas e todos os residentes usufruam de serviços de comunicação em alta velocidade, onde e quando quiserem. Este desenvolvimento ajudará Macau a transfor-

mar-se numa cidade digital integrada, com a consequente melhoria de vida para os seus habitantes e para quem tem negócios.”

O “Projecto de Modernização da Rede da CTM” para as redes de linha fixa, telemóvel e internet foi anunciado ainda em 2013, criando a base para o desenvolvimento da integração da rede tripartida. A empresa investiu 409 milhões de patacas em 2013, representando um aumento de 70 milhões em relação a 2012. Os projectos mais significativos, segundo o Relatório de Gestão, incluíram as expansões da rede móvel WCDMA 3G, da rede de circuitos alugados e da banda larga da rede de internet.

O início da implementação de um novo sistema de facturação foi também outro dos grandes projectos de 2013. “Com o objectivo de reforçar o apoio que concedemos aos nossos clientes, anunciámos um investimento superior a 120 milhões de patacas para o desenvolvimento de um sistema de pagamento de con-



O “PROJECTO DE MODERNIZAÇÃO DA REDE DA CTM” PARA AS REDES DE LINHA FIXA, TELEMÓVEL E INTERNET FOI ANUNCIADO AINDA EM 2013, CRIANDO A BASE PARA O DESENVOLVIMENTO DA INTEGRAÇÃO DA REDE TRIPARTIDA. A EMPRESA INVESTIU 409 MILHÕES DE PATACAS EM 2013, REPRESENTANDO UM AUMENTO DE 70 MILHÕES EM RELAÇÃO A 2012

tas e taxas consolidado, a fim de proporcionar um serviço mais rápido, além de otimizar o nosso modelo de gestão de serviços. Estimamos que será implementado em fases ao longo de um período de três anos, permitindo assegurar uma maior eficiência tanto para os nossos clientes como para a CTM.”

Sobre os aspectos operacionais de 2014, a CTM não adianta ainda muito, guardando essa análise para o próximo Relatório de Gestão. Mantém-se, no entanto, a previsão sobre

o total de investimento ao longo do ano: cerca de 400 milhões de patacas, o mesmo valor do ano passado.

Ano de ouro

Vandy Poon lidera a CTM desde 2007, mas entrou na empresa em 1987. Com tanto tempo na casa, conhece-a bem, tal como o contexto de Macau, onde nasceu. Sabe por isso que os obstáculos superados valem o que valem, já que numa sociedade de progresso acelerado como



CTM 

CTM 

澳門電訊

繼

C

é Macau estão sempre a surgir novos desafios. Ainda assim, não esconde orgulho por tudo o que foi feito em 2013. “O ano passado foi um marco fundamental na história da CTM. Foi-nos concedida uma licença para as Redes Públicas de Telecomunicações Fixas, o que nos permite continuar a operar serviços de linha fixa numa base não exclusiva. Além disso, com a aquisição de uma participação controladora por parte da CITIC Telecom International, os nossos recursos foram consolidados para verdadeiramente reflectirem os pontos fortes da empresa e garantirem o desenvolvimento saudável do sector de telecomunicações local a longo prazo.”

O lucro anual atingiu 1000 milhões de patacas, uma subida de quatro por cento em relação a 2012. Houve crescimento de dois dígitos em vários mercados, incluindo serviços móveis, serviços a empresas e de internet, mas também uma redução nos custos operacionais. A taxa de penetração dos serviços de telemóvel subiu para 281 por cento, com o número de clientes de serviços de telemóveis e de banda larga móvel a subir seis por cento e 12 por cento. Os assinantes de serviços de internet aumentaram cinco por cento, sendo que 14 por cento subcreveram serviços de banda larga mais rápidos. A base de clientes de banda larga de fibra óptica também aumentou.

Para o CEO da CTM, quanto mais a economia da RAEM cresce, mais vantagens há para a sua empresa. “Beneficiámos da continuada expansão dos sectores de turismo e jogo, assim como da situação económica favorável. Resultaram num crescimento dos serviços empresariais de 32 por cento e na celebração de novos contratos de grande envergadura. Continuámos a explorar as aplicações dos serviços de tecnologia em nuvem, para satisfazer as necessidades de diferentes empresas.”

Sobre os avanços em 2013, Vandy Poon destaca ainda a criação do “Telecentro Conceito”, a maior loja de telecomunicações em Macau, além de vários serviços de telecomunicações de alta-tecnologia, como o *Ticket Easy*. Outro aspecto que realça é a dupla redução das tarifas de *roaming* móvel para o Interior da China, um exemplo do esforço da CTM no reforço da sua cooperação com as outras regiões do país.

Lado social

Segundo Vandy Poon, a CTM atribui muita importância ao seu papel social. “Temos uma longa tradição de boa responsabilidade empre-

FACTOS E NÚMEROS

Fundada em Outubro de 1981, a Companhia de Telecomunicações de Macau S.A.R.L. (CTM) oferece serviço de telefones móveis e fixos, internet e soluções empresariais. Em Junho de 2013, a CITIC Telecom International Holdings Limited tornou-se accionista controladora da CTM, passando a deter 99 por cento das acções. A Direcção de Serviços de Correios de Macau detém os restantes um por cento.

CLIENTES COM TELEFONE FIXO

2009 – 171.360
2010 – 168.374
2011 – 166.310
2012 – 172.126
2013 – 168.107

CLIENTES COM TELEFONE MÓVEL

2009 – 523.141
2010 – 513.866
2011 – 633.936
2012 – 745.460
2013 – 788.616

CLIENTES COM SERVIÇO DE INTERNET

2009 – 127.996
2010 – 132.757
2011 – 138.222
2012 – 145.120
2013 – 152.291

LOJAS (2013)

8

FUNCIONÁRIOS (2013)

918

FACTURAÇÃO (2013)

4700 MILHÕES DE PATACAS

LUCRO (2013)

1002 MILHÕES DE PATACAS



sarial. O terramoto que afectou Sichuan gerou preocupações intensas na comunidade local. A CTM, naquela altura, não só doou dinheiro, como também colaborou com a Cruz Vermelha de Macau para criar uma plataforma de angariação de doações por telemóvel. Somos também um parceiro de longa data do Centro de Serviços de Tele-Assistência Peng On Tung, que dá apoio a idosos carenciados. Reservamos todos os anos um milhão de patacas para atribuir subsídios a vários serviços de telecomunica-

ções dos utilizadores do Peng On Tung, incluindo isenção de taxas de instalação e descontos de 25 por cento nas tarifas mensais de linha fixa. Quase 1000 utilizadores têm beneficiado destas ofertas ao longo dos anos.”

Esta atitude de estímulo à solidariedade é promovida juntos dos colaboradores, com gestos concretos para que seja espalhada com entusiasmo. “A equipa de voluntariado da CTM foi criada há mais de dez anos. Incentivamos os funcionários a participar em acções de vo-

EM 2013, A TAXA DE PENETRAÇÃO DOS SERVIÇOS DE TELEMÓVEL SUBIU PARA 281 POR CENTO, COM O NÚMERO DE CLIENTES DE SERVIÇOS DE TELEMÓVEIS E DE BANDA LARGA MÓVEL A SUBIR 6% E 12%





luntariado e em actividades relevantes durante os seus tempos livres. No ano passado, a equipa trabalhou com organizações como a *Macau Special Olympics*, a *Visão do Mundo de Macau*, a *ORBIS*, a *Associação de Reabilitação Fu Hong*, a *União Geral da Associação dos Moradores de Macau* e a *Caritas de Macau*. Fizeram-se mais de 15 eventos de solidariedade, para ajudar os mais carenciados.”

Além das acções de solidariedade, a companhia está também empenhada em fomentar talentos locais. “No ano passado, organizámos o ‘Concurso de Desenho de Aplicações para Telemóveis da CTM’ em conjunto com a Direcção dos Serviços de Regulação de Telecomunicações e o Centro de Produtividade

e Transferência de Tecnologia. O concurso atraiu inúmeros talentos locais na área da informática e proporcionou oportunidades de negócios para os criadores de programas.”

Vandy Poon reconhece que, como quase todas as empresas da RAEM, a CTM também tem dificuldades no recrutamento de mão-de-obra qualificada local. Uma das maneiras de lutar contra esse problema é a aposta forte na formação in-

“ BENEFICIÁMOS DA CONTINUADA EXPANSÃO DOS SECTORES DE TURISMO E JOGO, ASSIM COMO DA SITUAÇÃO ECONÓMICA FAVORÁVEL. RESULTARAM NUM CRESCIMENTO DOS SERVIÇOS EMPRESARIAIS DE 32 POR CENTO E NA CELEBRAÇÃO DE NOVOS CONTRATOS DE GRANDE ENVERGADURA ”

VANDY POON, CEO DA CTM

terna. “Vamos continuar a investir enormemente na formação dos nossos quadros, em particular na área técnica. Só assim conseguimos aprofundar o profissionalismo da equipa, para que a CTM tenha uma evolução sustentada.” ■

C



P R O D U C T

PME

EMPREENDEDORISMO

**“Sou ribatejano,
gosto de pegar
touros de frente”**

T NUNO G. PEREIRA **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Director criativo num grande casino, Nuno Veloso ultrapassou todos os desafios em três anos. Quando o tédio se instalou, ele disparou o *flash* – despediu-se para abrir a sua produtora de fotografia e vídeo. À frente da Core Productions, é todos os dias fotógrafo, como sempre foi, mas também o empresário que lidera a gestão. E trabalho não lhe falta

R E

I O N S



HÁ QUATRO anos, Nuno Velloso recebeu uma proposta aliciante: tomar as rédeas da direcção criativa do grupo Sands China para a área de fotografia. Um desafio que exigia mais do que a sua experiência acumulada. “Tive de montar o departamento de fotografia, gerir pessoal e equipamentos, fazer a ligação entre as unidades de negócio. Não foi fácil para um fotógrafo de moda. Estava habituado a fotografar meninas e meninos todos ‘XPTO’, com uma equipa para tratar dos cabelos, da maquilhagem e da roupa. Agora ia fotografar pratos de comida, fichas de casino, espaços arquitectónicos, além de ser responsável pelo controlo de qualidade. Havia ainda outra dificuldade: lidar com muitas pessoas, incluindo chefias de vários departamentos, em que uns querem uma coisa e outros querem outra.” Apesar dos riscos, foi à luta. “Era um desafio único, trata-se do maior casino do mundo. E eu, *freelancer* há já 12 anos, ia ter um trabalhinho com um óptimo salário ao fim do mês pela primeira vez, além de um grande enriquecimento do currículo... claro que aceitei. Andei três anos e meio de fato e gravata, agora felizmente já não uso todos os dias (risos). Mas foi bom, aprendi muita coisa. Se tiver uma reunião amanhã com o Obama não vou suar das mãos de certeza.”

Ao fim desses três anos e meio, Nuno tinha dominado a máquina. Era um profissional com capacidades que ultrapassavam a fotografia, a ganhar bem, sem stress. Encontrava-se confortável. E foi esse o problema. “Já não havia desafio.”

A ideia de ter o próprio negócio tinha amadurecido, decidiu avançar. “Quis juntar aquilo



REGRESSO A MACAU

Nascido em Portugal há 36 anos, Nuno veio para Macau em 2009. Pela segunda vez, porque já cá tinha estado. “Vim com dez anos, estive cá até aos 17 e depois voltei para Portugal. Acabei lá a faculdade, trabalhei uns anos e depois fui para Londres, onde fiquei cinco anos.” A vida na capital inglesa era proveitosa do ponto de vista profissional e financeiro, mas ele e a mulher, Marta, queriam outra vida. Menos extenuante, mais familiar. “Londres é uma cidade ultracansativa. Estava a trabalhar 16, 17 horas por dia, porque geria um estúdio de fotografia durante oito horas e depois tinha a minha carreira de fotógrafo de moda para tratar. Esgotante. Além disso, competia com milhares de fotógrafos. Um gajo adoece uma semana, na seguinte já perdeu um cliente. E o clima... Cinco anos sem sol chegou (risos). A minha mulher é arquitecta, trabalhava na 22.ª melhor companhia de arquitectura do mundo, tudo cinco estrelas, mas estávamos cansados e queríamos aumentar a família. Só que ter um filho em Londres nem pensar, não tínhamos capacidade financeira para pô-lo nos colégios dos príncipes e também não queríamos que fosse para a escola pública.” Ponderaram ir para Angola ou Brasil, mas escolheram Macau, onde se tinham conhecido. Depois de uma falsa partida em 2008, vieram mesmo em 2009, quando Marta arranjou emprego no gabinete de arquitectura de Carlos Marreiros. “Tive então a percepção que era impossível sobreviver em Macau só fotografando moda. Mas não desisti, apanhei o barco, ia e vinha todos os dias para Hong Kong, tinha os meus clientes lá, as revistas para as quais trabalhava. Foi assim que me aguntei durante ano e meio, até que recebi a proposta por parte de um casino.”

que sabia agora fazer enquanto gestor com a parte criativa e visual, criando uma só coisa: a Core Productions. Quando contei aos meus patrões que ia embora, disse-lhes que possivelmente estava a ter a atitude mais estúpida da minha vida. Mas era inevitável, não consigo estar quieto. Sou ribatejano, gosto de pegar touros de frente. Sentado na bancada a vê-los não é para mim.”

Vida de patrão

A Core Productions, produtora de fotografia e vídeo, arrancou em Abril, e já fechou contrato com grandes empresas locais. “Tem três serviços fundamentais: produção (se alguma equipa quiser vir fotografar ou filmar a Macau, prestamos o serviço de produção), fotografia (tudo: pré-produção, produção, concepção e pós-produção) e vídeo (também tudo). Fazemos ainda consultoria de comunicação visual de marcas.”

A empresa é só de Nuno, colocando-o numa posição

À SUA REDE PESSOAL DE CONTACTOS PROPORCIONOU À EMPRESA UM INÍCIO EMPOLGANTE, COM MUITOS PEDIDOS DE TRABALHO E A CONCRETIZAÇÃO DE CONTRATOS

inédita. É bom ser o patrão? “A grande vantagem é o poder de decisão, isso faz com que as coisas aconteçam mais depressa. Mas estar sozinho também implica menor capacidade de investimento, o que se reflecte no número de pessoas que posso contratar. A Core Productions começou com três pessoas a *full-time*, incluindo eu. A dificuldade é fazer o raciocínio entre a quantidade de mão-de-obra que te-

nho e os objectivos que quero atingir. Se fosse eu e mais cinco seria muito melhor.”

Acrescenta que a sua rede pessoal de contactos proporcionou à empresa um início empolgante, com muitos pedidos de trabalho e a concretização de contratos. Apesar do número reduzido de empregados, conta com colaboradores externos que, garante, foram escolhidos a dedo. “São pessoas com quem temos uma parceria segura, porque conhecemos bem o seu trabalho. Somos pequeninos – chamamo-nos *boutique production house* – e é assim que queremos ser, privilegiando qualidade sobre quantidade.” O mercado gosta? “O cliente tem de estar consciente disso, o que é difícil na China. Quando ouço ‘ah, mas o outro faz mais barato’, tenho resposta pronta.” Qual? “Não venho aqui concorrer com preços, venho prestar um serviço e o meu custa X. Tenho a certeza que se for a um restaurante com estrelas Michelin não vai estar a discutir o preço do prato.” ■







OBSERVATÓRIO DA CHINA
COMPLETA UMA DÉCADA

**“A cultura é
um suporte
da economia”**

T PATRÍCIA LEMOS **F** PAULO CORDEIRO, EM PORTUGAL

O apoio do Fórum Macau à cultura deve ser intensificado. “Ela é um suporte da economia criativa e de lazer e um pilar para o aprofundamento da identidade de Macau”, salienta Rui D’Ávila Lourido, presidente do Observatório da China, nas vésperas de celebrar dez anos de actividade

O OBSERVATÓRIO da China (OC) aproxima-se do seu décimo aniversário, já que foi criado em 2005. Que balanço faz destes anos de trabalho?

A evolução do OC tem sido muito positiva, podemos mesmo dizer surpreendente, quer ao nível da sua capacidade de realização, quer no número de associados. De nove, quando o fundámos em 2005, passámos para mais de uma centena de sócios. E se considerarmos a reduzida dimensão dos estudos chineses em Portugal, este é um número muito significativo. O OC é uma associação de académicos e de pessoas interessadas em estudos multidisciplinares sobre a China e na divulgação da civilização chinesa. A sua principal missão é a organização de actividades académicas ou culturais e o apoio à divulgação de trabalhos de especialistas sobre a China. A sede é em Lisboa, no entanto, tem associados em várias universidades e localidades de norte a sul de Portugal. Possui, igualmente, associados no Bra-

sil, com um activo pólo em Salvador, e na China, em particular nas cidades de Macau, Xangai e Pequim. Esta instituição desenvolve um amplo e diversificado conjunto de actividades, culturais e científicas, em Portugal, na China e no Brasil, de modo a estimular a troca de experiências, a reflexão e a divulgação do conhecimento. Participa também em algumas redes internacionais relacionadas com os estudos chineses, como o *East Asia Net* e o Fórum China-Europa.

Considera que a missão que a China deu a Macau, de ser plataforma para os países lusófonos, está a funcionar?

Consideramos muito importante para Macau e para Portugal, bem como para os países lusófonos em geral, que o Governo Central tenha instituído o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Naturalmente, a China

“EM MACAU TEM SIDO ESTIMULADO O INTERCÂMBIO COM AS CULTURAS E A LÍNGUA PORTUGUESA, NOMEADAMENTE, APOIANDO A EDUCAÇÃO DE FORMADORES PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CHINA, A ORGANIZAÇÃO DE ENCONTROS, COLÓQUIOS E CONFERÊNCIAS INTERNACIONAIS E INCENTIVANDO A DIFUSÃO DA OBRA DE ESCRITORES LOCAIS”



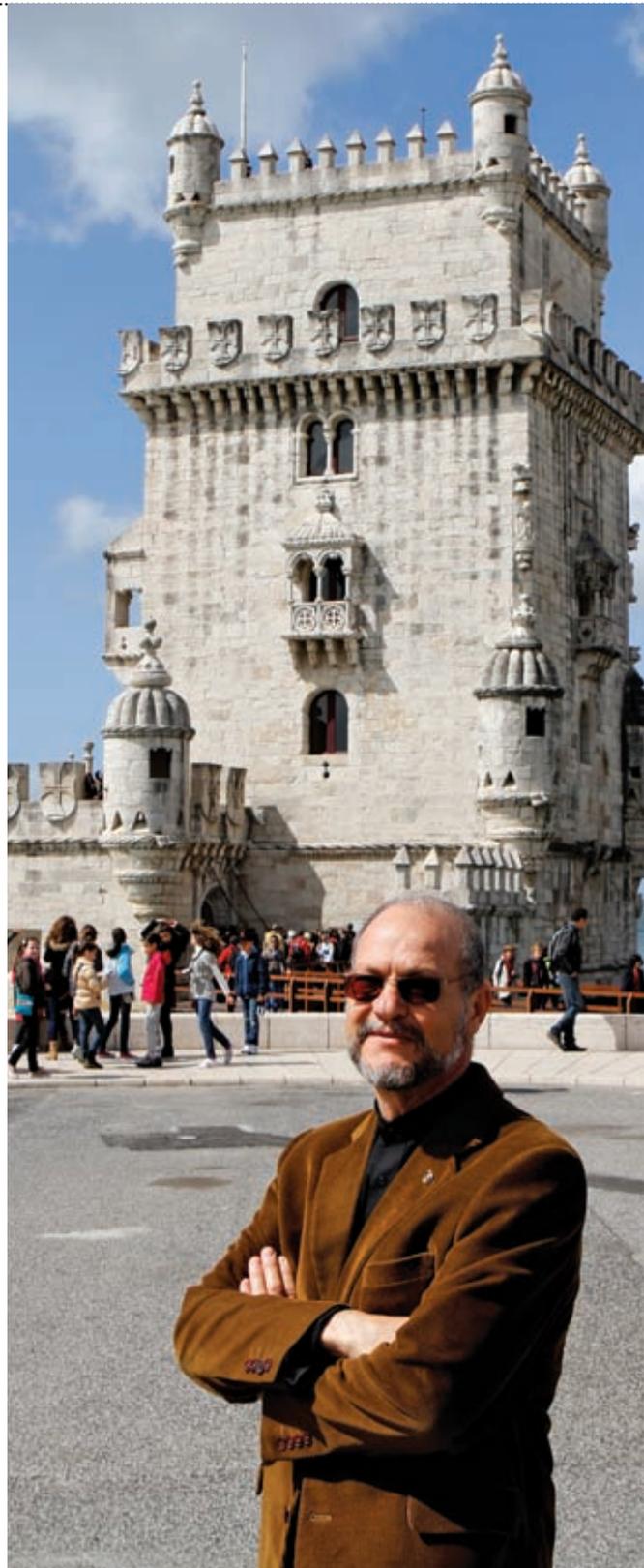
GRUPOS DE TRABALHO

- Ambiente e Recursos Energéticos
- Audiovisual
- Ciência e Tecnologia
- Cultura e Sociedade
- Economia e Gestão Empresarial
- História
- Política e Relações Internacionais

compreendeu a mais-valia que representa a região de Macau, com as suas raízes e ligações histórico-culturais e económicas, para a transformar numa plataforma oficial, facilitadora de contactos com os países lusófonos. Macau tem vindo a consolidar-se como uma plataforma que facilita os negócios para empresários chineses que querem investir em empresas de países de língua portuguesa e vice-versa. Apresenta várias vantagens, designadamente, o sistema legal de Macau que é semelhante ao português, simplificando as relações económicas. Para prevenir uma taxa dupla, foram já criados acordos, entre Macau, Portugal e Moçambique, mas o objectivo é estendê-los a todos os países-membros. Naturalmente que a maior parte dos negócios entre esses países e a China se tem realizado bilateralmente, mas o Fórum tem aumentado as suas oportunidades. A Associação Comercial Internacional para os Mercados Lusófonos tem desenvolvido, igualmente, um diversificado número de negócios. Os investimentos da China nos países lusófonos devem ser enquadrados nas suas relações com África e o resto do mundo.

Que recomendações pode fazer nesta área?

Partilhamos da opinião dos que pensam que Portugal e Macau podem e devem reforçar o seu papel, como plataformas facilitadoras de relações culturais e de negócios entre a China e os países lusófonos. As perspectivas futuras das relações económicas entre a China e Portugal são de reforço e valorização, facilitadas com o alargamento do Canal do Panamá, o qual permitirá o acesso mais rápido e directo da China a Portugal. O porto oceânico de águas profundas de Sines sairá valorizado por ser o primeiro na rota para a Europa que os navios gigantes provenientes da Ásia, dos Estados Unidos e do Brasil encontrarão no Velho Continente. O reforço das





relações económicas de Portugal com a China é muito positivo, e deveremos intensificar e aprofundar as relações culturais e académicas, pois a sua importância estratégica é fundamental para o convívio salutar entre os povos.

E a nível cultural?

Além da actividade estritamente económica, as autoridades passaram também a atribuir ao Fórum Macau um papel de apoio à cultura, na medida em que ela é um suporte da economia criativa e de lazer e um pilar para o aprofundamento da identidade de Macau. Acreditamos que é necessário aprofundar e intensificar esse caminho. O governo da RAEM tem tido uma extraordinária sensibilidade na preservação do património histórico de matriz portuguesa. Em Macau tem sido estimulado o intercâmbio com as culturas e a língua portuguesa, nomeadamente, apoiando a educação de formadores para o ensino da língua portuguesa na China, a organização de encontros, colóquios e conferências internacionais e incentivando a difusão da obra de escritores sobre Macau. O Observatório da China gostaria de contribuir para uma maior divulgação da cultura macaense e chinesa em Portugal e no Brasil.

Como vê as relações entre a China e a Lusofonia nos próximos anos?

A tendência é claramente de crescimento das relações da lusofonia com a China, que estabeleceu relações nos cinco continentes com os países de língua portuguesa produtores de matérias-primas, de hidrocarbonatos (petróleo de Angola, Brasil e Timor, gás natural de Moçambique), ou alimentares (do Brasil a soja) e tecnologias alternativas (como as eólicas, em Portugal). Os indicadores apontam para que esse relacionamento se intensifique com base no interesse mútuo. A China tem-se revelado um parceiro estrategicamente

importante para a recuperação económica europeia e ocidental. Paralelamente à necessidade de intensificar a divulgação do conhecimento sobre a civilização chinesa e à miscigenação entre a comunidade chinesa e as populações lusófonas respectivas, será necessário dar uma atenção cuidada à intensificação do relacionamento entre as respectivas comunidades, a fim de aprofundar as interacções sociais e culturais.

Qual o relacionamento do OC com as autoridades chinesas e a comunidade chinesa em Portugal?

O progressivo envolvimento do OC com entidades na China decorre da ampliação da nossa actividade e do desenvolvimento da nossa missão principal: contribuir para o aprofundamento do conhecimento e da divulgação da civilização chinesa em Portugal e no espaço da lusofonia. Com o aumento das nossas responsabilidades, estabelecemos com as autoridades chinesas um bom relacionamento de cooperação para a promoção de actividades culturais de interesse mútuo. Destacamos o apoio activo da Embaixada da China e do Mi-

“A CURIOSIDADE PELA CULTURA CHINESA TEM AUMENTADO EM PORTUGAL, ACOMPANHANDO O CRESCENTE INTERESSE DE ENTIDADES PORTUGUESAS EM DESENVOLVER INICIATIVAS CULTURAIS OU ECONÓMICAS RELACIONADAS COM A CHINA”

**AUMENTO GRADUAL
DOS CHINESES RESIDENTES
EM PORTUGAL**

Em 2001 eram 3953 e sete anos depois ultrapassam os 13.300. No último relatório do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, publicado em Dezembro de 2012, a comunidade chinesa ocupava o sétimo lugar na imigração, com 4,2% do total da população estrangeira em Portugal, possuindo 17.447 autorizações de residência no país.

nistério da Educação da China ao programa “Portugal China: Encontro de Culturas, 2013-2014”, que incluiu várias celebrações, nomeadamente os 20 anos da Lei Básica de Macau e os dez anos da criação do Fórum Macau. Este ano também assinalamos os 35 anos de reatamento das relações diplomáticas e oficiais de Portugal com a China. Com a comunidade chinesa em Portugal temos colaborado e estreado as relações ao longo dos anos. O Observatório abriu-se, sob a minha presidência, à filiação de chineses. Alguns têm actualmente responsabilidades nos órgãos de gestão do OC, como por exemplo, Y Ping Chow, presidente da Liga dos Chineses em Portugal.

Que projectos têm em curso para apoiar a comunidade chinesa de Portugal?

A nível cultural, destaco o espectáculo de Ópera de Pequim que levámos aos palcos de cinco cidades portuguesas. Em termos sociais, temos um projecto, que aguarda financiamento, para disponibilizar aos serviços públicos de saúde da Região de Lisboa e Vale do Tejo um *software* que facilite a comunicação de chinês para português e vice-versa, numa consulta padrão de clínica geral. Apoiamos também algumas iniciativas de associações portuguesas que promovem o intercâmbio comercial e cultural Portugal-China, realçando que somos membros fundadores da Câmara de Cooperação e Desenvolvimento Portugal-China. Pela nossa intensa actividade cultural na divulgação da civilização chinesa, fomos homenageados e galardoados com o “Prémio de Mérito Cultural 2012”, na festa chinesa de passagem do Ano Chinês da Serpente em 2013, pela comunidade chinesa através do Conselho de Mérito da Liga de Chineses em Portugal.

De que forma se traduz a maior curiosidade de Portugal na China, por exemplo, ao nível do ensino?

A curiosidade pela cultura chinesa tem aumentado em Portugal, acompanhando o crescente interesse de entidades portuguesas em desenvolver iniciativas culturais ou económicas relacionadas com a China. Várias instituições universitárias portuguesas passaram a dar grande atenção à



ACTIVIDADES EM DESTAQUE

São várias as actividades que o Observatório da China realiza todos os anos e muitas em parceria com outras entidades. Em Portugal, Brasil, Macau e China, esta entidade tem participado na organização de conferências, eventos culturais que assinalam datas importantes na história das relações com a China e com Macau. É ainda interessante notar as acções que promove e ou a que se alia em prol da comunidade chinesa em Portugal.

- “Macau-China em Lisboa” - assinalou os 30 anos de reatamento dos Laços Diplomáticos entre China e Portugal e os dez anos da criação da RAEM (conferências, espectáculos e exposições sobre Macau e a China), em Lisboa, 2009.
- XI Congresso Luso Afro-Brasileiro coordenou temas e promoveu a participação de Mia Couto, no Brasil, 2011.
- Programa Portugal-China: Encontro de Culturas, 2013-2014: Promoção da conferência internacional *Face to Face: the transcendence of the Arts in China and beyond* (Lisboa). Concerto “Amizade Lusófona com a China”, com artistas portugueses, brasileiros, angolanos e chineses (Pequim). Ópera de Pequim - Mitos e Lendas da China (cinco cidades portuguesas).
- Apoio ao Encontro de Escritores de Língua Portuguesa - Brasil, 2013 e 2014.
- Organização do Festival Internacional de Cinema Chinês e Lusófono - Lisboa, 2014.

China e estabeleceram relações com universidades estrangeiras. Em Portugal estudam cerca de 500 alunos chineses. Há institutos Confúcio (Lisboa e Minho), com os cursos de chinês sempre lotados, licenciaturas, mestrados e outros cursos especializados em várias universidades.

Qual o contributo dos grupos de trabalho do OC para o aprofundamento do conhecimento sobre a China? Pode destacar um desses núcleos?

A razão de ser destes grupos deve-se à importância estratégica dos temas a que se dedicam e ao facto de termos associados especialistas e interessados nesses tópicos. Criámos mais um grupo de trabalho dedicado ao audiovisual, de que fazem parte os nossos associados realizadores de cinema e jornalistas da área. Este grupo está de momento a dinamizar a preparação do Festival Internacional de Cinema Chinês e Lusófono. Os nossos grupos de trabalho têm contribuído para dinamizar várias áreas do conhecimento e da cultura através da organização de eventos descentralizados, de modo a estimular o debate e a troca de conhecimentos, de opiniões e de experiências através de tertúlias, palestras para apresentação de investigações em curso e outras já concluídas. Na área da lusofonia analisaram-se, nomeadamente, o papel da língua portuguesa e do mundo lusófono em Macau, na China e nos países lusófonos. No âmbito da Economia e no das Relações Internacionais foi organizada em Dezembro de 2013, a Conferência Internacional “Os Primeiros Dez Anos do Fórum Macau: Desafios e Oportunidades para a Lusofonia”, no auditório da Delegação Económica e Comercial de Macau, em Lisboa. No âmbito histórico-cultural estudou-se a influência chinesa nas mentalidades e sociedades europeias através do comércio de produtos preciosos; a visão da China através do cinema português; vivências de Macau, entre outros. A reflexão e acção dos grupos de trabalho permitem-nos fundamentar e desenvolver várias iniciativas a nível internacional. O OC considera importante contribuir para a divulgação do conhecimento sobre a China nos países de língua portuguesa, pelo que estabeleceu também alguns protocolos com instituições lusófonas. Destas gostaria de destacar a União de Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), que integra 40 cidades espalhadas pelos cinco continentes e na qual Macau é membro fundador e ocupa uma das vice-presidências. ■



Wynn Macau
felicitava a Região
Administrativa
Especial de Macau pelo
15° Aniversário da sua
criação

Wynn MACAU



CRIPOR

A rádio chinesa que fala português

T ANTÓNIO CAEIRO **F** RITA TUDELA
Em Pequim

O mais antigo serviço noticioso em português da República Popular da China já tem o seu próprio website e está também nas redes sociais. Mas a direcção da rádio não se quer ficar por aqui. Pelo contrário: “Queremos desenvolver relações de cooperação com todos os média dos países lusófonos”

CRU



中国国际广播电台

CHINA RADIO INTERNATIONAL



CATARINA WU, 37 anos, é a directora da secção portuguesa (CRIpor) da Rádio Internacional da China (CRI, na sigla inglesa). Criada em 1960 com apenas quatro jornalistas e a assistência de dois casais brasileiros, a CRIpor assume-se hoje como “uma plataforma multimédia”. Os seus 25 jornalistas, entre os quais três brasileiros e dois portugueses, estão instalados no 11.º andar de uma torre com janelas de vidro azul de Babaoshan, na zona ocidental de Pequim, ao lado das secções francesa, holandesa e de esperanto.

No total, a CRI emite em 61 línguas, do albanês ao vietnamita, e emprega cerca de 18 mil pessoas. Tudo somado dá mais de 1500 horas de emissão por dia – um grande órgão de informação, inteiramente estatal, à escala de uma potência emergente.

Licenciada em português pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim

(Beiwai), Catarina Wu é também uma das mais antigas profissionais da secção, dirigindo desde 2011 uma equipa onde a média de idades é inferior a 30 anos e em que as mulheres predominam. “Na China, há muito mais mulheres a estudar línguas do que homens”, explica.

Han Mengchen, de 23 anos, é a mais nova. Entrou em Setembro de 2013, depois de concluir o curso de português em Dalian, nordeste da China:

○ SERVIÇO EM PORTUGUÊS DA RÁDIO INTERNACIONAL DA CHINA CONTA COM 25 JORNALISTAS, ENTRE OS QUAIS TRÊS BRASILEIROS E DOIS PORTUGUESES

“Traduzo notícias (de chinês para português) e às vezes também faço entrevistas”. A cultura é a sua área preferida, mas – acrescenta – “também gosto muito de futebol”. De futebol, e em particular do capitão da selecção portuguesa, Cristiano Ronaldo: “Ele é muito elegante”.

“Quando comecei só tínhamos programas em onda curta”, recorda Catarina Wu. Isso passou-se em 1998. Na altura, o número de chineses ligados à Internet não ultrapassaria os dois milhões (contra 618 milhões no final de 2013) e a China estava longe de ser o que é hoje: a segunda economia mundial, o maior parceiro comercial do Brasil e o principal cliente do petróleo angolano.

As emissões em onda curta mantêm-se – uma hora e meia por dia, para os países de língua portuguesa – mas “desde há alguns anos, o número de ouvintes não aumenta”, refere Catarina Wu. “Não vamos abandoná-los, claro, mas precisamos de aprender com os novos média que estão a aparecer”.

No final da década de 1990, a CRIpor lançou uma edição online e cinco anos depois começou a publicar uma pequena revista intitulada Fanzine. Mais recentemente, entrou nas redes sociais do país, sobretudo o Sina Weibo (o chamado Twitter chinês) e o Weixin (WeChat), e, como a agência Xinhua e a Televisão Central da China (CCTV), já está também no Facebook. Neste caso, a página é gerida pelos correspondentes da CRIpor no Brasil.

A actividade internacional da CRIpor tem vindo, aliás, a expandir-se. Duas emissoras brasileiras, em Brasília e no Estado do Rio Grande do Sul, já





A CRI EMITE EM 61 LÍNGUAS, DO ALBANÊS AO VIETNAMITA, E EMPREGA CERCA DE 18 MIL PESSOAS. TUDO SOMADO DÁ MAIS DE 1500 HORAS DE EMISSÃO POR DIA — UM GRANDE ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, INTEIRAMENTE ESTATAL, À ESCALA DE UMA POTÊNCIA EMERGENTE



transmitem diariamente boletins noticiosos de cinco minutos elaborados pela CRIpor. E em Portugal, desde há dois anos, seis horas da programação diária da Rádio Íris FM, nos arredores de Lisboa, são asseguradas pela CRIpor. Esta expansão, que envolve ainda o intercâmbio de programas com a Teledifusão de Macau (TDM), parece um processo natural: “O alvo de cobertura da CRIpor são os mais de 200 milhões de falantes de português espalhados pela Europa, América Latina, África e Ásia”, salienta Catarina Wu.

Rádio Pequim com sotaque brasileiro

Mais de meio século depois, o português falado na Rádio Internacional da China (CRI, segundo a sigla em inglês) mantém um sotaque inconfundível. “Na altura ninguém falava português na China. Quem nos ensinou tudo foram dois casais brasileiros”, recordaria Yao Yuexiu, pioneira das emissões da CRI em português, iniciadas em Abril de 1960.



DUAS EMISSORAS BRASILEIRAS JÁ TRANSMITEM DIARIAMENTE BOLETINS NOTICIOSOS DE CINCO MINUTOS ELABORADOS PELA CRIPOR. EM PORTUGAL, DESDE HÁ DOIS ANOS, SEIS HORAS DA PROGRAMAÇÃO DIÁRIA DA RÁDIO ÍRIS FM SÃO ASSEGURADAS PELA CRIPOR. HÁ AINDA O INTERCÂMBIO DE PROGRAMAS COM A TELEDIFUSÃO DE MACAU (TDM)

A China não tinha relações diplomáticas com o Brasil nem com Portugal. Os dois casais – Benedito e Lídia de Carvalho, Carlos e Nair Frydman – foram enviados pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB). “O Benedito de Carvalho, que foi o meu primeiro professor de português, era amigo do Luís Carlos Prestes [líder histórico do PCB] e pertencia mesmo ao Comité Central do partido”, contou Yao Yuexiu por ocasião do 50.º aniversário da CRIPor.

A CRI chamava-se então Rádio Pequim e abria as emissões ao som de O Oriente é Vermelho, um hino revolucionário que os maoístas do mundo inteiro sabiam de cor. O objectivo da estação era “desenvolver e reforçar a amizade militante entre os povos da China e da África, baseada no combate ao imperialismo e ao colonialismo”. Yao Yuexiu começou na secção espanhola. O seu baptismo de fogo aos microfones da secção portuguesa foi em Novembro de 1961, quando teve de ler um editorial de mais de dez minutos sobre o 44.º aniversário da revolução russa: “Antes só tinha feito pequenas locuções. Desta vez era um artigo enorme e com palavras que nunca tinha ouvido”.

Uma dessas palavras era “revisionismo”, o alegado desvio ideológico que o Partido Comunista Chinês imputa-

va à liderança soviética e que durante mais de duas décadas dividiria o movimento comunista internacional. Os brasileiros da Rádio Pequim continuaram a apoiar os camaradas chineses da secção portuguesa, mas, como o PCB alinhava com as posições de Moscovo, deixaram de fazer a locução dos comentários políticos.

Além de Yao Yuexiu, a secção tinha três profissionais chineses: Ma An Lu, oriunda também da secção espanhola, e o casal Li e Chen, que aprenderam português em Macau. Em 1962, chegou outro casal

brasileiro, Jayme e Angelina Martins. Mais tarde, o Instituto de Línguas da Rádio e as Edições em Línguas Estrangeiras de Pequim recorreram também a nacionalistas das colónias portuguesas, nomeadamente ao cabo-verdiano Onésimo da Silveira e aos angolanos Sócrates Dáskalos, Jorge Morais (Monty) e Gentil Viana, mas, ainda hoje, os jornalistas chineses da CRIPor cumprimentam-nos como se estivessem no Rio de Janeiro ou em São Paulo: “Oi! Como vai? Tudo bem?!”. ■

* Exclusivo Lusa/ MACAU





JOSÉ ANTÔNIO DE CASTELLO BRANCO DE MACEDO SOARES
CÔNSUL-GERAL DO BRASIL EM HONG KONG E MACAU

“Um brasileiro em Macau sente-se parte do que vê”

Nasceu na Argentina, viveu em Itália, trabalhou em Inglaterra, EUA, Áustria e Panamá. Só há ano e meio é que conheceu a China, país cuja descoberta não cessa de fasciná-lo. Tanto que vê com bons olhos passar os próximos anos entre Hong Kong e Macau. Onde se lembra sempre do seu Brasil



T NUNO G. PEREIRA
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O CÔNSUL recebeu a revista MACAU em Hong Kong para uma entrevista exclusiva, na qual falou abertamente sobre as relações Brasil-China. Macau, claro, foi um assunto essencial, além de ser o palco escolhido para a sessão fotográfica. Até porque nesta cidade ele sente-se em casa.

Em Macau, o português é língua oficial. No entanto, a sede do Consulado Geral do Brasil em Hong Kong e Macau está na primeira cidade. Porquê? Há poucos consulados permanentes em Macau. Além do atendimento aos brasilei-

ros, temos um papel de promoção comercial, de divulgação cultural, etc. E como o consulado está em Hong Kong desde 1953, não faz sentido mudar.

O que pensam disso os brasileiros a viver em Macau?

Reclamam que temos de ir para lá. Eu brinco com eles: “Se morassem no Rio de Janeiro, para irem buscar o passaporte à polícia federal iam andar duas horas de autocarro, aqui é só uma hora de barco (risos)”.

O que espera o Brasil de Macau?

É uma pergunta que fazemos muitas vezes. Do ponto de vista económico do Brasil, Ma-

cau ainda não é um mercado atraente para investimentos mais volumosos e também não é a grande porta para o mercado chinês, porque isso já é feito há mais tempo por Hong Kong, onde há outras condições, como a grande capacidade portuária. Mas Macau tem-nos oferecido oportunidades especiais, sendo uma grande ponte cultural. Por exemplo, o Departamento de Português da Universidade de Macau tem feito um trabalho estupendo de tradução de livros. Também temos o Fórum de Macau, que é uma instituição curiosa, porque foi baseada em critérios linguísticos, mas é uma entidade com perfeita consciência de que

tem de fazer algo além da língua, em concreto na promoção comercial. O seu trabalho pode dar frutos importantes.

O Brasil e a China negociam quase sempre em âmbito bilateral, mas Macau foi a aposta do Governo chinês como plataforma económica com os países de língua portuguesa. Como é que este objectivo se tem desenvolvido?

É preciso entender que são dinâmicas de longo prazo, não coisas que se resolvem em dois ou três anos. Aliás, devemos aprender com a paciência chinesa a saber esperar.

Mas vive-se um fulgor económico na China e, em particular, em Macau, que convém aproveitar.

Sim, convém, até porque esse fulgor, no caso de Macau, é extraordinário. Destaco dois pontos. Primeiro, o facto de certas instituições ainda não terem concretizado todo o seu potencial não impede que os negócios se realizem, pois o comércio bilateral continua a aumentar. Em segundo lugar, uma instituição de promoção comercial, como o Fórum Macau, muitas vezes está a lançar sementes, explorando possibilidades. Se nem todas nascem de imediato, não significa que não venha a acontecer. O Fórum Macau tem toda a razão de ser e até tem feito um trabalho, em certos momentos, de grande audácia.

Quando vai a Macau, o que mais gosta na cidade?

Há coisas que faço sempre. Vou à Livraria Portuguesa, escolho um restaurante novo ou outro que tenha comida típica local, e visito sempre os amigos que lá tenho. Além disso, tento visitar o lado histórico. As fortalezas são parecidas com as brasileiras, a fachada da Igreja de São Paulo é uma fachada colonial... Um brasileiro, sobretudo se gostar de História, quando chega a Macau sente-se parte do que vê, é uma sensação muito agradável.

Como avalia o desempenho da Casa do Brasil em Macau?

Muito positivo. A nossa Jane [Jane Martins, presidente da entidade] tem sido, na prática, um pronto-socorro óptimo. Quando certos problemas acontecem, ela e o pessoal da direcção funcionam como



ajuda consular não oficial, mas eficaz. E avisam se acontece alguma coisa. Têm também o Festival da Lusofonia, acabam por ser um braço de promoção cultural.

A nova China

Como descreve a relação entre Brasil e China?

É antiga. Tivemos emigrantes chineses no Brasil em 1811, para plantar chá, e cônsul brasileiro em Macau em 1850. Mas nos últimos 15 anos mudou tudo. A China passou a ser o nosso principal parceiro comercial e, de repente, tornou-se outro país.

Para haver essa forte relação económica é porque muitos brasileiros se adaptaram bem à nova China.

Em Macau há cerca de 500 brasileiros, em Hong Kong o mesmo número. No total, haverá 6000 brasileiros na China. É muito pouco. Há 320 mil canadianos, 25 mil holandeses, 15 mil franceses.

Ou seja, a China continua a ser desconhecida para a maioria dos brasileiros?

Muito desconhecida.

Como vai evoluir essa relação?

Aos poucos. Quando recebo amigos aqui em Hong Kong, ficam todos boquiabertos. Não têm qualquer ideia da modernidade da China, em particular de Hong Kong. E o mesmo em relação a Macau, o que não podia ser mais diferente da realidade. Pelos grandes casinos, naturalmente, mas também por empreendimentos como o novo campus da Universidade de Macau. Macau já não é só casinos e restaurantes, começa a ter outra dimensão.



UNIVERSIDADE DE MACAU IMPRESSIONA

A qualidade e a dimensão do campus da Universidade de Macau na Ilha da Montanha causaram grande impacto no cônsul. “É uma cidade, é impressionante. Até já brinco com os meus netos, digo-lhes que têm de ir para lá fazer o mestrado.” Além de ter acompanhado uma visita às instalações, interveio também no estabelecimento de um contacto entre a instituição e uma grande universidade brasileira. “Fizemos a ponte com a FAAP de São Paulo, que já está em conversações para um programa de cooperação. Mandámos fotos para os directores da universidade no Brasil e eles reagiram logo, achando o campus absolutamente fantástico.”

Mas há dados concretos do presente que ajudam a definir a relação. Do ponto de vista económico, o Brasil está confortável exportando para a China matérias-primas e importando maquinaria?

Temos sempre de nos lembrar que o futuro não se faz de poucos anos, mas sim de uma geração. Pelo menos.

Poderá haver acordos para facilitar a abertura de negócios no Brasil por empresários chineses e vice-versa?

Na prática, acontece outra coisa. O Brasil tem cerca de 200 mil chineses ou descendentes de chineses. Estas pessoas conhecem os dois lados

do mundo e são as pontes naturais. São elas que vão abrir as empresas, descobrir os fluxos de comércio, à boa maneira da tradição empreendedora dos chineses. Na China, a comunidade de brasileiros também vai aumentando. Temos cá Bradesco, Itaú, Banco do Brasil. Também é por aqui que se descobrem caminhos.

A Embraer é um caso emblemático de sucesso do Brasil na relação comercial com a China, pelo sucesso de vendas e pela parceria estabelecida (Harbin). Há empresas brasileiras a quererem copiar este exemplo?

Espero que sim. Temos muitas missões empresariais cons-

tantemente a vir à China. São dois países grandes que já fizeram bastante juntos, mas têm muito mais por fazer. Além disso, são países sem arestas políticas, nenhuma história de guerras no passado, não há qualquer entrave de ordem política. Os fluxos do bom comércio estão abertos.

Futebol e comida *halal*
Há cada vez mais chineses a aprenderem português, assim como brasileiros a aprender mandarim. A expansão dos Institutos Confúcio é a grande responsável por isto ou tal deve-se ao crescimento das oportunidades de negócio entre os dois países?

Um pouco dos dois. E vou dar um exemplo: nós temos mandado diplomatas, já formados, aprender chinês. Passam três anos aqui a estudar chinês a tempo inteiro. Temos feito até um esforço para identificar brasileiros que sejam de famílias chinesas para que façam o exame do Instituto Rio Branco [responsável pela formação de diplomatas brasileiros].

Uma grande oportunidade, portanto, já que tradicionalmente é difícil entrar na carreira diplomática.

Em Hong Kong, por exemplo, temos 170 pilotos de aviação brasileiros, que estão cá há muitos anos e cujos filhos adolescentes geralmente falam cantonês. E passamos o tempo a pressionar para que façam o exame para o Ministério das Relações Exteriores. Ou seja, há uma grande necessidade de brasileiros que saibam falar mandarim ou cantonês.

Quais são as principais marcas da cultura brasileira reconhecidas na China?

Futebol, que este ano quase eclipsou tudo o resto. Fico sempre surpreendido quando entro numa loja e vejo equipamentos da selecção brasileira e chinelos havaianas à venda, tudo muito verde e amarelo. Aqui em Hong Kong, há uma coisa curiosa, um nicho específico: a comunidade islâmica associa o Brasil à comida. Isto porque o Brasil exporta muito comida *halal*.

Conterrâneo de Maradona

O seu pai era diplomata. Foi por isso que nasceu em

Buenos Aires, ele estava lá colocado?

Sim. Aliás, o meu avô, que era português, também foi diplomata. E sou casado com uma mulher cujo pai, o avô e o bisavô foram diplomatas.

Um brasileiro nascido na Argentina, isso deve-lhe ter trazido dores de cabeça.

Em época de futebol é motivo de gozo, claro. Mas há uma cláusula na Constituição Brasileira que dá direito a ser brasileiro nato pela via familiar. Ou seja, como



O SENHOR MARQUÊS

José Antônio de Castello Branco de Macedo Soares. Um nome imponente, que deixa antever linhagem de sangue azul. "Marquês de Belas e conde de Pombeiro. São títulos de Portugal, país de que gosto muito e visito quando posso. Não tenho qualquer vergonha do título, mas não valorizo. Estou fora do circuito dos nobres. O título será herdado pelo meu filho e pronto. Não traz lucro nem prejuízo (risos)." Nasceu em Buenos Aires, a 18 de Novembro de 1946, filho e neto de diplomatas. Foi a profissão que escolheu, com postos em Washington, Cidade do Panamá, Viena e Londres. A maior parte da carreira, porém, foi passada no Brasil, no Ministério das Relações Exteriores, onde trabalhou em diversas áreas. Em Fevereiro de 2013, foi nomeado Cônsul-Geral do Brasil em Hong Kong e Macau.

se tivesse nascido no Brasil. Quando fiz o serviço militar e tive de me apresentar, lá fui eu com o papelinho da Constituição. Estive três horas na fila, até que fui atendido por um sargento. Olhou para os meus papéis e disse: “O senhor nasceu em Buenos Aires, tem de se apresentar no exército argentino”. Lá tentei explicar o que dizia a Constituição, que eu era brasileiro nato, foi aquela discussão, pouco tempo depois já estavam 20 ou 30 pessoas à volta de nós, discutindo o assunto (risos). Até que ele chama o superior, um oficial já grisalho. Ele ouve as ponderações de um e de outro e, já com umas 100 pessoas a ouvir o debate, tem uma reacção engraçada. Dá um safanão no sargento e diz: “Ó fulano, você acha que esse menino ficou três horas na fila para entrar no exército errado? Alista o garoto!”.

Qual era a sua visão da China antes de chegar? E agora?

Cheguei em Fevereiro de 2013. Nunca tinha vindo à Ásia. A minha mulher, como filha de diplomata, tinha morado no Japão e na Tailândia, e há anos que me dizia que eu precisava de ter um posto no Extremo Oriente. Achava que era uma parte da sua experiência de vida que me faltava. E quando o ministro me ofereceu a possibilidade de vir para Hong Kong, aceitei de imediato. A minha mulher adora, está absolutamente encantada. Vir para Hong Kong foi uma bela surpresa e agora tenho a certeza de que realmente me faltava esta experiência. Faltam poucos anos para me reformar, fechei o círculo direitinho (risos). ■



莫桑比克共和國駐中華人民共和國澳門特別行政區總領事館
開館儀式

INAUGURAÇÃO OFICIAL DO

CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DE MOÇAMBEQUE

EM MACAU DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA



Moçambique abre portas para a China em Macau

A abertura de um consulado geral da República de Moçambique na RAEM marca o reforço nas relações entre aquele país africano e a República Popular da China. Na cerimónia oficial, que decorreu no final de Outubro, o embaixador António Inácio Júnior sublinhou o forte investimento chinês no país e a vontade de continuar a crescer em termos de investimentos e trocas comerciais. A missão consular que agora se inicia a cargo do diplomata Rafael Custódio Marques pretende reforçar essa cooperação através de Macau

T SANDRA LOBO PIMENTEL
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

DESDE O final de Outubro que a República de Moçambique tem, oficialmente, o seu consulado geral na RAEM, marcando, através de Macau, o reforço nas relações entre aquele país africano e a República Popular da China. A cerimónia de inauguração contou com a presença do secre-

tário permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Moçambique, Filipe Chidumo, do embaixador de Moçambique na República Popular da China, António Inácio Júnior, e da secretária para a Administração e Justiça, Florinda Chan, em representação do Governo da RAEM, para além de vários convidados da comunidade moçambicana aqui radicada e de outras instituições locais.

O NOVO CÔNSUL-GERAL,
RAFAEL CUSTÓDIO MARQUES,
PRETENDE COOPERAR, COLABORAR
E INTERAGIR COM A COMUNIDADE
LOCAL PARA APROFUNDAR
RELAÇÕES COMERCIAIS E DE
AMIZADE

O cônsul-geral designado, Rafael Custódio Marques, terá a seu comando a direcção desta missão diplomática que, como referiu no discurso inaugural, pretende “cooperar, colaborar e, acima de tudo, interagir com vista a aprofundarmos as nossas relações de amizade”. Testemunhando uma “recepção calorosa” por parte das autoridades do Governo Central e local, Custódio Marques expressou a vontade de “contar com o mesmo calor e apoio essenciais para o desempenho cabal das funções”.

Sobre os desígnios do novo consulado, o diplomata sublinhou a vontade de fazer mais do que apenas servir os utentes que procurarem os serviços disponíveis, nomeadamente, “contribuir para o reforço das actividades de cooperação triangular entre a República de Moçambique e a Região Administrativa Especial, no quadro de cooperação bilateral que desenvolvemos com a República Popular da China”.

Em representação do Chefe do Executivo, a secretária para a Administração e Justiça proferiu um discurso no qual sublinhou as “seculares” relações entre Macau e Moçambique e “entre as gentes de Macau e do Grande Delta do Rio das Pérolas e o povo de Moçambique”. Florinda Chan relembrou ainda que “com a criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, e a escolha de Macau para sede do respectivo Secretariado, essas relações adquiriram uma dimensão e uma institucionalização que antes não existia”.

A abertura do Consulado Geral na região “traduz não só a importância que o Governo de Moçambique atribui às relações com a República Popular da China e com Macau, mas também o aprofundamento das relações recíprocas entre Macau e Moçambique”, e o Governo local “tudo fará para o desenvolvimento amigável e frutuoso dessas relações”.

Salto qualitativo na cooperação

O embaixador de Moçambique em Pequim, António Inácio Júnior, enfatizou os “diversos momentos de solidariedade e amizade mútua” entre Moçambique e a China e anunciou que, através da cooperação entre os dois bancos centrais, estão a ser criadas condições para que a moeda chinesa passe a ser usada naquele país africano, tal como a rede de pagamentos Union Pay.

O embaixador relembrou as palavras do presidente Xi Jinping, quando este disse que Mo-



Rafael Custódio Marques está a cargo da nova missão diplomática na RAEM



António Inácio Júnior, embaixador de Moçambique em Pequim

Moçambique é um “amigo de dia e de noite” da China, sublinhando o “relacionamento firme e consistente, no qual aprofundamos a nossa cooperação político-diplomática, cultural, comercial e económica”. Na opinião de António Inácio Júnior, a cooperação entre os dois países “tem vindo a dar saltos qualitativos” e a abertura de um Consulado Geral em Macau é uma decisão que visa “redimensionar a sua representação diplomática na China”.

Sublinhando que a RAEM “possui excelentes condições para complementar as acções de cooperação” que aquele país tem com as instituições centrais no Interior, expressou a expectativa de que, “de Macau sejam mobilizados mais recursos, mais capitais e mais grupos empresariais chineses que possam intervir cada vez mais em Moçambique através de investimentos em novas áreas”.

Para tal, o embaixador convidou “a comunidade empresarial local a interagir” com o novo consulado, “de modo a criar as condições favoráveis para o desenvolvimento de parcerias dinâmicas”. António Inácio Júnior fez questão de sublinhar que a China é o segundo maior investidor no país e, actualmente, a “marca principal” das relações entre os dois países é o crescimento contínuo do volume das trocas comerciais e do investimento público e privado em diversas áreas, “com destaque para os sectores da agricultura, energia, educação, saúde, indústria mineira e no desenvolvimento de infra-estruturas públicas”.

A China já investiu nos últimos anos mais de 4000 milhões de dólares americanos em Moçambique. O investimento chinês é diver-

A CHINA JÁ INVESTIU MAIS DE 4000 MILHÕES DE DÓLARES AMERICANOS EM MOÇAMBIQUE EM SECTORES COMO OS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES, A AGRICULTURA E OS SERVIÇOS

sificado, sendo que “42 por cento foi feito no sector dos transportes e comunicações, 31 por cento na indústria como a agricultura e 12,5 por cento nos serviços”.

António Inácio Júnior admitiu que o objectivo das relações entre os dois países é potenciar ainda mais a relação bilateral esperando, ao nível puramente comercial, atingir no final deste ano 2000 milhões de dólares americanos de trocas. “Este consulado é a concretização de um objectivo que temos vindo a consolidar nos últimos anos para ampliar a nossa presença na Grande China e num quadro de relacionamento privilegiado com este país, aqui formulado e vincado através de Macau, a cidade plataforma da China para os países de língua portuguesa”, referiu.

Nesse sentido, salientou o diplomata, Moçambique quer potenciar também os contactos através do Fórum Macau, esperando a “mobilização de mais recursos, mais capitais e mais empresas” para investirem no seu país, não apenas nos sectores tradicionalmente mais rentáveis como os hidrocarbonetos, como ao “desenvolvimento de infra-estruturas necessárias à criação de condições para o crescimento sustentável da economia moçambicana”. ■



Florinda Chan, secretária para a Administração e Justiça da RAEM



商匯館 MACAO IDEAS

澳門名優商品展示及採購中心

CENTRO DE APOIO E EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS DE MACAU

開放時間

星期一至星期五，早上9時至下午6時
星期六、日及公眾假期休館

Horário de Funcionamento

Segunda a Sexta, 9:00-18:00
Fechado aos fins de semana e Feriados

澳門宋玉生廣場263號「中土大廈」19樓
Alameda Dr. Carlos d'Assumpção, nº 263,
Edif. China Civil Plaza, 19º andar, Macau

<http://macaoideas.ipim.gov.mo>
853 2870 0620



Pela primeira vez nas suas 14 edições, o Festival Fringe Macau apostou num intercâmbio com outros eventos culturais da região, colaborando com o festival irmão de Shenzhen e de Hong Kong e ainda com a Semana da Dança de Guangdong. O resultado foi um certame cultural mais variado e com grandes nomes das artes, com artistas a transitarem pelas quatro cidades do Delta do Rio das Pérolas

F GONÇALO LOBO PINHEIRO

NA primeira quinzena de Novembro, o Festival Fringe regressou a Macau com 39 actividades, divididas por 78 sessões espalhadas por várias localizações como as Ruínas de S. Paulo, o Jardim de Luís de Camões, o Largo do Senado e as Casas-Museu da Taipa. Foram mais de 25 peças de teatro, concertos e mostras de dança e ainda quatro exposições de artes numa edição que também incluiu visitas guiadas pela cidade para falar da história e cultura únicas de Macau.

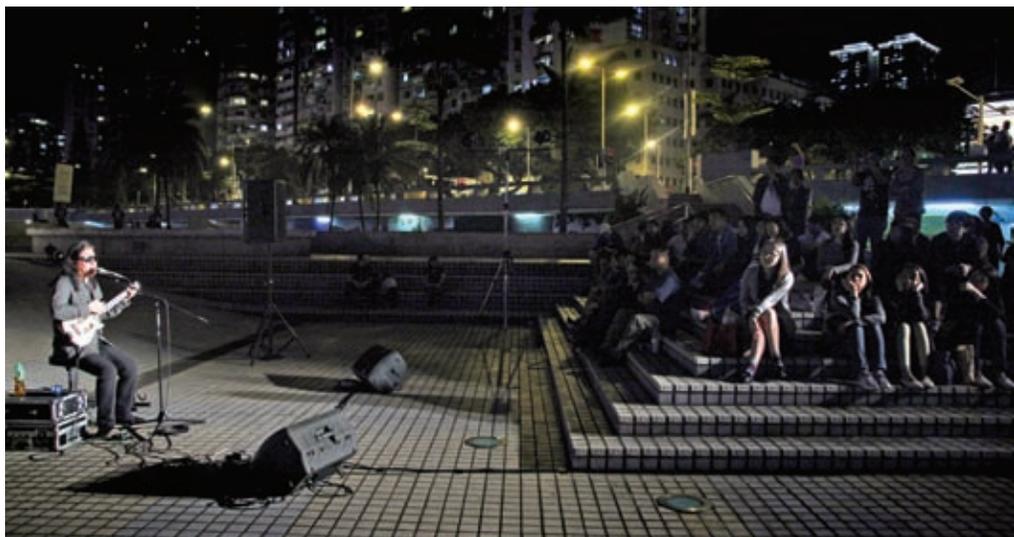
Tendo como tema “Levar a vida dos bairros antigos até aos cidadãos”, foram por isso criados vários projectos especiais para dar a conhecer o modo de vida da cidade, como *10 Histórias da Rua da Felicidade* ou *Mercado de Histórias: Um Dia na Vida, Ok-lá e Depois?* A Rua da Felicidade foi uma das artérias principais deste festival, onde foram exibidos documentários e fotografias da vida dos comerciantes e habitantes desta icónica rua. O festival local, que celebrou a sua 14.ª edição, colaborou pela primeira vez com eventos semelhantes de três cidades vizinhas – Hong Kong, Shenzhen e Cantão – com o objectivo de fomentar o intercâmbio artístico. Depois de terem passado por Macau, actores, dançarinos e músicos, rumaram às regiões vizinhas, tais como os Danças Privadas, grupo de origem portuguesa, e o Dança Voyeur, de Israel, depois de estreadem as suas produções em Macau. Os destaques foram para o mimo francês Philippe Bizot, que apresentou *O Silêncio é Ouro*, premiado em vários festivais internacionais, e para a estreia do cantor Zhou Yunpeng, um dos artistas chineses contemporâneos mais influentes, que trouxe à RAEM *Poet & Song in a Night Boat*. Artistas provenientes de todos os cantos do mundo, incluindo Portugal, Brasil, Espanha, França, Japão e Taiwan, completaram o cartaz.



PALCO DE TODAS AS ARTES

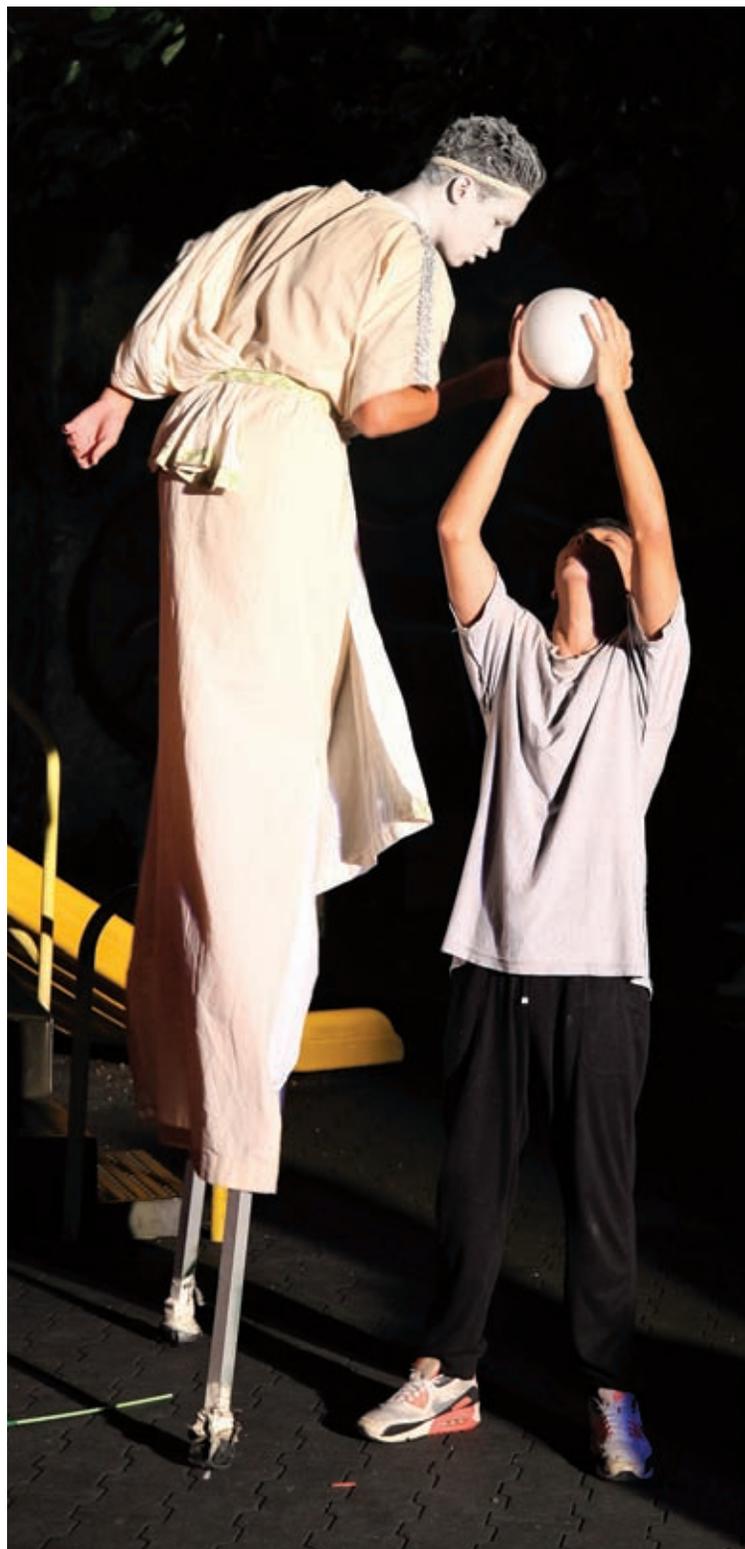


FESTIVAL FRINGE MACAU

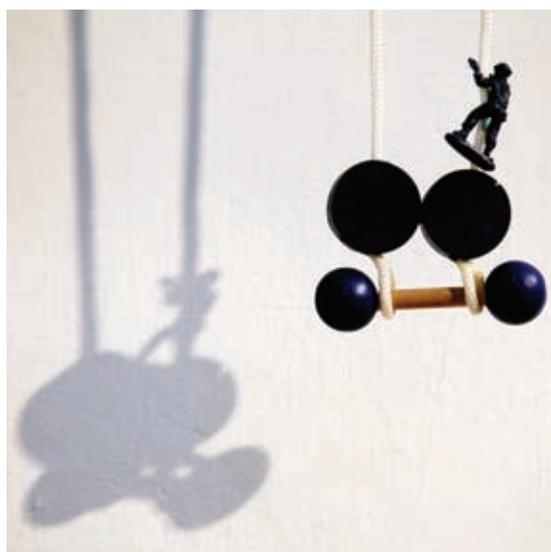




FESTIVAL FRINGE MACAU







BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行

O Banco Nacional Ultramarino felicita
a Região Administrativa Especial de Macau
pela passagem
do 15.º aniversário
do seu estabelecimento



ASSOCIAÇÃO DOS APOSENTADOS, REFORMADOS E
PENSIONISTAS DE MACAU

澳門退休、退役及領取撫恤金人士協會

A APOMAC FELICITA
A REGIÃO ADMINISTRATIVA ESPECIAL DE MACAU
PELA PASSAGEM
DO 15.º ANIVERSÁRIO
DO SEU ESTABELECIMENTO

A Macao Water Felicita **A Região
Administrativa Especial de Macau**
pela passagem do seu 15º aniversário e
deseja a todos um **Feliz Natal**



Mais do que Água de Qualidade Nós Distribuimos Qualidade de Vida



LINHA ABERTA: 2822 0088
www.macaowater.com



ASSOCIAÇÃO DOS MACAENSES
澳門土生協會

A Associação dos Macaenses felicita
a Região Administrativa Especial de Macau
pela passagem
do 15.º aniversário
do seu estabelecimento



GASTRONOMIA

Uma 'pitada' de modernidade na tradicional mesa macaense

T DIANA DO MAR F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Ritual enraizado no seio da comunidade macaense, o Chá Gordo figura como um dos mais apreciados costumes de uma cultura de sabores de distintas influências. Outrora servido como tradicional lanche festivo em casa de abastadas famílias, hoje conquista um lugar à mesa de modernos restaurantes

O **CHÁ GORDO** faz parte da memória dos que abraçam a comunidade macaense seja por origem ou simples afinidade. Mesas fartas, toalhas rendadas e famílias apuradas a pretexto de um momento festivo compõem a imagética, num passado não muito longínquo, das salas de estar de uma casa macaense. Hoje o Chá Gordo serve-se em modernos restaurantes para deleite de quem tem saudades e para surpresa de quem vai à descoberta de uma tradição que deixou de ser exclusiva.

“É como reviver a Macau antiga. Queríamos fazer algo sobre Macau e achamos isto realmente representativo”, explica Filipe Ramos que, com Miguel João de Souza, ‘cozinhou’ o conceito de recriar um Chá Gordo no restaurante Feast, do Hotel Sheraton, onde ambos trabalham. Do menu constam mais de 30 pratos, incluindo sobremesas, servidos em formato *buffet*, todos os fins-de-semana, entre as 15h30 e as 17h30, desde o princípio de Abril.



“QUERÍAMOS FAZER ALGO SOBRE MACAU E ACHAMOS ISTO REALMENTE REPRESENTATIVO”
FILIPE RAMOS, DIRECTOR DE F&B DO SHERATON

“A ideia era reavivar algo esquecido, trazer de novo, porque se não o fizemos ninguém mais o fará”, realçam os mentores, ambos macaenses. A definição do cardápio foi precedida, porém, por um trabalho de pesquisa, encetado em busca de receitas antigas de família,

verdadeiros segredos para muitos clãs.

Os primeiros tempos, “sem grande publicidade”, afirmaram-se como um “teste” à adesão à iniciativa hoje sem data para acabar. “Queríamos ver primeiro. Inicialmente, eram mais turistas, mas sabíamos que os locais haviam de vir e hoje há cada vez mais. Eles gostam sobretudo porque não encontram com facilidade um Chá Gordo em Macau. Há até pratos que não se encontram em mais parte nenhuma porque algumas das receitas têm muito tempo”, sublinha Filipe Ramos, director do F&B, cuja família foi das primeiras a provar as iguarias.

Dos macaenses que por ali passam, a maioria de uma geração mais velha, espera-se a crítica, enquanto dos turistas, sobretudo chineses, o despertar da curiosidade. “Se os macaenses não gostarem vão ser os primeiros a dizer e isso é bom porque vamos aprenden-



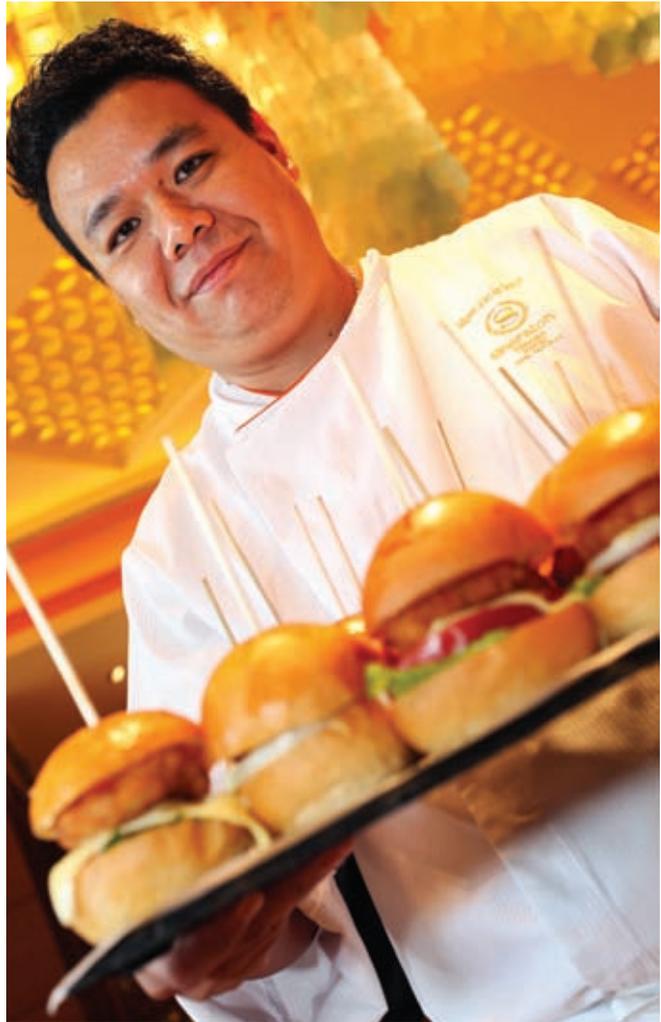
do durante o percurso”, diz Ramos. Souza complementa: “Alguns turistas não entendem [o conceito] e somos chamados a explicar porque, às vezes, não conseguem diferenciar a gastronomia portuguesa da macaense”.

A adesão tem agradado, embora “se possa, naturalmente, fazer melhor”. Desde o arranque, o Chá Gordo tem atraído, aos sábados e domingos, uma média de 160 pessoas, embora o espaço tenha capacidade para mais do dobro, segundo dados do director do F&B e do chefe Souza, aliás, único macaense numa cozinha com cerca de meia centena de funcionários.

Entre pratos

Reflexo da própria comunidade, o Chá Gordo apresenta-se com uma diversidade de pratos, consoante quem os dispõe sobre a mesa, fruto de variadas receitas e de distintas combinações de ingredientes e modos de confecção. Mas, no menu, há uma espécie de lista “obrigatória”, explica a investigadora macaense Cecília Jorge, autora do livro *À Mesa da Diáspora* (2004), elencando, entre outros, o apabico, o chilicote e o lacassá, a bebinca de rábano, o *cheese toast*, a tosta de camarão e doces como o bolo Minino, a bebinca (de leite), coqueiras ou o saransurável.

A esmagadora maioria marca presença no *buffet*, onde o minchi e a chacha também se afiguram incontornáveis. Na última etapa do *buffet* os mais gulosos encontram também serradura, alua, ladu e baji, num circuito que se fecha com a maltose *sandwich*, um par de *crackers* ligadas com melão de cana e espe-





“ ALGUNS TURISTAS NÃO ENTENDEM [O CONCEITO] E SOMOS CHAMADOS A EXPLICAR PORQUE, ÀS VEZES, NÃO CONSEGUIM DIFERENCIAR A GASTRONOMIA PORTUGUESA DA MACAENSE ”

MIGUEL JOÃO DE SOUZA, CHEFE DE COZINHA DO SHERATON

tadas num pau, na imagem característica de um doce de criança que outrora os vendilhões apregoavam nas ruas de Macau. Para beber, e seguindo a rota do tradicional, a principal sugestão, em tempo estival, passa por um xarope de figo.

Origens e coordenadas

Independentemente de como se recria, “aquilo que se designa hoje por o Chá Gordo não é o que originalmente havia, ou como julgo que terá começado”, considera Cecília Jorge, res-

salvando que o costume “não é tão antigo” como se poderá pensar. “Ainda estou à procura de indícios que me consigam confirmar isso, mas tenho para mim que é mais uma influência britânica, sobretudo dos residentes ingleses e americanos a partir de meados do século XIX, e talvez também por via das famílias macaenses de Hong Kong e das que vieram de Xangai e de Cantão.”

A investigadora dá como exemplo disso mesmo o facto do Chá Gordo decorrer habitualmente entre as cinco e as

sete da tarde, a fazer recordar o chá inglês (das cinco) e de haver referências ao *high-tea* em relatos da época. Dentro da própria comunidade macaense anglófona lá fora tal designação ainda hoje é utilizada para descrevê-lo: um “chá muito mais rico”, em que se serve *finger food*, coisas que se petiscam à mão e em pé. A própria designação de muitos dos azeites da gastronomia típica macaense, como o famoso minchi, de *minced* (picado), derivará de palavras inglesas, acrescenta a investigadora.



Nos tempos que correm o Chá Gordo surge com maior regularidade, até como montra da gastronomia macaense – inscrita na Lista do Património Cultural Imaterial de Macau em 2012 –, mas nem sempre assim foi. Na sua génese, era costume próprio das famílias de classe média-alta e observava a ocasião. “O Chá Gordo era sempre um lanche festivo, em que se reunia a família alargada, parentes próximos e afastados e amigos mais íntimos ou vizinhos, em torno de um aniversário, baptizado, noivado ou até da inauguração de um negócio ou o fim do curso, no regresso de um filho emigrado”, frisa Cecília Jorge. “Começava pelas cinco horas, mas não era raro alongar-se e abarcar a refeição seguinte, servindo-se pratos mais suculentos”.

O macaense “sempre apreciou o prazer da comida, em ambiente de convívio e não se envergonha de o afirmar. A sua alegria de viver está ligada ao estômago e à comida saborosa”, diz. “Aliás, talvez esteja nesse deleite a razão principal do facto de a nossa gastrono-

mia ter conseguido sobreviver até aos nossos dias, quando tudo o resto se perdeu”, complementa.

É que ‘lanchar, lanchamos todos’, mas com a tamanha fartura que o Chá Gordo encerra desde logo no nome apenas em ocasiões especiais. ■

“ O CHÁ GORDO ERA SEMPRE UM LANCHE FESTIVO, EM QUE SE REUNIA A FAMÍLIA ALARGADA, PARENTES PRÓXIMOS E AFASTADOS E AMIGOS MAIS ÍNTIMOS OU VIZINHOS, EM TORNO DE UM ANIVERSÁRIO, BAPTIZADO, NOIVADO OU ATÉ DA INAUGURAÇÃO DE UM NEGÓCIO OU O FIM DO CURSO, NO REGRESSO DE UM FILHO EMIGRADO ”

INVESTIGADORA CECÍLIA JORGE

O ABC DO CHÁ GORDO

OS PRATOS QUE NÃO FALTAM À MESA

As receitas divergem de família para família e conhecem diversas variantes. A descrição apresentada tem como base explicações da investigadora macaense Cecília Jorge e o próprio livro da autora intitulado *À Mesa da Diáspora*, publicado em 2004.

ALVARO TAVARES E FERNANDO MADEIRA À MESA DA DIÁSPORA



MINCHI

Carne picada (de vaca, porco, ou ambas), com batata frita em cubinhos, arroz branco e ovo estrelado (facultativo)



BEBINCA DE LEITE

Uma espécie de leite-creme com consistência de pudim, junta leite de coco, fécula de milho, ovos, açúcar e leite. Também pode ir ao forno a tostar



COQUEIRA

Descendente directo do pastel de coco, é mais pequeno e apresenta uma 'casquinha' feita em massa finíssima



SARANSURÁVEL

Com designação de origem malaia, trata-se de um bolo feito com leite de coco, cozido a vapor e recoberto com coco ralado e pó de feijão torrado



APABICO

Bolinho de massa de arroz glutinoso cozido em vapor, recheado com um picadinho de carne de porco e vegetais de conserva. Serve-se com sutate (molho de soja) e chili missó (picante)



CHEESE TOAST

Pão de forma cortado em triângulos barrado com uma pasta de queijo ralado, manteiga, açúcar, ovos e leite condensado. Vai ao forno a gratinar



BOLO MININO

De textura muito fofa, é como um pão-de-ló enriquecido com coco, farinha de feijão e açúcar pilé, levando também pinhões e amêndoas



CHACHA

De inspiração malaia, é uma espécie de sobremesa líquida que junta feijão encarnado, tapioca, inhame, coco, jagra e, em algumas receitas, sementes de feijão mungo (verde)



CHILICOTE

A massa é um meio-termo entre a massa tenra e o rissole, fazendo-se, quando pastelinho frito e crocante, com farinha de trigo. É cortada em meias luas e o recheio leva minchi de porco, picante ou não. Quando cozido em vapor, o chilicote é feito de farinha de arroz, banha e água, sendo o recheio carne picada com chalotas e *chung-chói* (vegetal de salmoura). Cozido em invólucros de folha de bananeira dá-se-lhe o nome de *chilicote-folha*



LACASSÁ

Massa de farinha de arroz, semelhante à aletria (que é de trigo). Serve-se em sopa (caldo) ou frita. A sopa de lacassá (com balichão e camarões pequenos) é tradicional na véspera de Natal. A versão frita leva apenas um achar (conserva acidulada) de gengibre adocicado e vermelho, ovos mexidos, cebolinho e, por vezes, *chá-siu* (carne de porco assada), tudo cortado em tiras muito fininhas. É acompanhado do balichão (à base de camarão minúsculo, louro, sal, cravinho, pimenta preta em grão e vinho) ou chili missó (molho picante feito de feijão de soja, sal e chilis)



BEBINCA DE RÁBANO (LO-PAC-OU)

Cozido em vapor, ao rábano (ou nabo), ralado em tiras finas, junta-se farinha de arroz, chouriço fumado ou presunto chinês e sementes de sésamo.

Tem a aparência de uma massa desfiada de abóbora-gila e pode levar coentros a decorar. Na versão chinesa tem mais ingredientes, como camarão miúdo seco e cogumelos, surgindo em forma de pudim compacto que se pode depois aquecer em vapor ou cortar em talhadas para fritar. Serve-se com tempero de chili missó e sutate



ALUA

Doce da quadra natalícia, de origem goesa, leva farinha de arroz pulu (glutinoso), amêndoas e pinhões, coco, jagra e manteiga. Conserva-se várias semanas, ao contrário do *Ladu*, feito de arroz pulu torrado e moído, pinhão, coco ralado e feijão torrado em pó



GENETES (OU BICHO-BICHO)

Biscoitos de fécula de milho, ovos e manteiga, com essência de baunilha. A designação inglesa *cornstarch* é a mais comum hoje em dia para um biscoito que é conhecido, quando bem feito, pela facilidade com que se desfaz na boca



BAJI

Arroz pulu (glutinoso) cozido em santã (ou calda de coco) e açúcar, com aspecto translúcido, é servido em travessa.

Existem variantes, sobretudo na diáspora, que incluem leite condensado



JOGOS ASIÁTICOS 2014

O longo caminho para a glória

T MARCO CARVALHO F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Sete medalhas, três de prata e quatro de bronze. Em Incheon, na Coreia do Sul, Macau obteve uma das suas melhores prestações de sempre nos Jogos Asiáticos. Mas a 17.^a edição do evento, que decorreu em Outubro, marcou também um virar de página para o desporto local. A prova foi a última de Jia Rui, de Cheung Pui Si e de Paula Carion, os atletas que mais medalhas conquistaram com as cores da RAEM

LARGOS DIAS têm cem anos. Os de Li Yi e de Huang Junhua assemelham-se a centúrias quase desde sempre: começam cedo, desenrolam-se com a mecânica regularidade de um pêndulo e terminam com uma refeição espartana, já a lua se alça há muito sobre o horizonte. Aos 22 e aos 23 anos, respectivamente, os atletas garantiram um lugar nos anais da história do desporto de Macau, mas a longa caminhada para o pódio – Li e Huang foram dois dos sete representantes do território que subiram à tribuna de honra na 17.^a edição dos Jogos Asiáticos, em Incheon, na Coreia do Sul – não se fez sem percalços e sem uma grande dose de abnegação.

O destino de Huang Junhua cruzou-se com o wushu aos seis anos e a modalidade é desde então o compasso a partir do qual se estrutura um quotidiano e uma vida. “Treino seis dias por semana, de segunda a sábado. Tenho aulas todos os dias de manhã, inclusive aos domingos. Ao final da tarde treino com os meus colegas entre três a quatro horas. Jantamos, fazemos os trabalhos de casa e só então descansamos. Esta tem sido a minha rotina desde os seis anos”, diz Huang, sem que se lhe note na voz qualquer nota de desagrado.

Sorriso rasgado e olhar alegre, um corpo sólido, de feições renascentistas, Huang Junhua exala confiança, mas nem sempre assim foi. “Foram precisos muitos sacrifícios para chegar onde cheguei e a ideia de desistir passou-me muitas vezes pela cabeça. Fraturei o osso da perna esquerda e nessa altura pensei em desistir. Mas o wushu, mais do que um modo de vida, é para mim um sonho. Quero ser o melhor do mundo. Foi esse sonho que me fez continuar.”

Huang Junhua ainda não é o melhor do mundo, mas a medalha de prata alcançada em Incheon, na prova que combinou as categorias de



Zeng Tieming, seleccionador de wushu da RAEM

nanquan e de nangun, ajudou a dissipar fantasmas. O galardão colocou o atleta no mapa do wushu do continente asiático e elevou-o ao estatuto de grande promessa da modalidade que mais longe levou o nome do território fora de portas. Das 28 medalhas conquistadas por Macau nas sete edições dos Jogos Asiáticos em que se fez representar, 13 foram de atletas de wushu.

A disciplina, aliás, continua a ser a que oferece maiores garantias de novas medalhas, defende Zeng Tieming, o seleccionador de wushu da RAEM. “Estes dois atletas, a Li Yi e o Huang Junhua, competiram nos Jogos Asiáticos pela primeira vez, mas antes de terem obtido um bom desempenho em Incheon, já tinham participado com sucesso noutras competições internacionais. A Li Yi, por exemplo, conquistou uma medalha de ouro no Campeonato Asiático de Wushu e o Huang Junhua foi segundo no Campeonato do Mundo. São atletas muito talentosos e o facto de serem ainda jovens faz-me acreditar que poderão fazer ainda melhor”, sustenta o técnico.

Os trunfos ditam os vencedores

A par de Huang Junhua, Li Yi, de 22 anos, é outra atleta a quem os Jogos Asiáticos elevaram a um novo patamar de esperança. A atleta arrecadou a medalha de prata na prova combinada das categorias de jianshu e de qiangshu. “Eu e o Huang Junhua temos uma rotina muito similar. Treinamos todos os dias e quase não temos folga. Foi a primeira vez que competi nos Jogos Asiáticos e investi muito na preparação. Não queria ter de voltar para Macau de mãos a abanar. Fiquei muito feliz com a medalha de prata. Mas tenho a sensação de que posso fazer melhor. Se trabalhar mais, acredito que poderei regressar com uma medalha de ouro da próxima vez”, afirma em jeito de promessa.



Li Yi conquistou a medalha de prata na prova combinada de jianshu e de qiangshu

Mais do que brilhar nas principais montras do wushu mundial, Li Yi e Huang Junhua têm em mãos a incumbência de suceder ao mais bem sucedido atleta da história do desporto da região. Em 2010, Jia Rui inscreveu o nome da RAEM a letras douradas no livro de honra da principal competição desportiva do continente asiático. O atleta tornou-se o primeiro desportista a conquistar com as cores da RAEM uma medalha de ouro nos Jogos Asiáticos, ao bater a concorrência na prova combinada das categorias de daoshu e de gungshu.

Jia voltou a competir na Coreia do Sul e a celebrar nova conquista. Um segundo lugar no changquan possibilitou a terceira subida de Jia Rui ao pódio em outras tantas edições dos Jogos Asiáticos, naquela que foi a sua última *performance*. O atleta mais bem sucedido da história do desporto de Macau despediu-se em Incheon da alta competição, mas a sua retirada não deve ser vista como um drama, adverte Zeng Tieming. “Da primeira vez que ele competiu, não conquistou nada. E porquê? Era jovem e não tinha experiência. Não tinha atingido o seu melhor nível. Com os anos tornou-se um

atleta mais maduro e é normal que tenha conseguido bons resultados”, reconhece o treinador. “A mesma teoria se aplica aos outros atletas que hoje trabalham connosco. Se eles se esforçarem, estou convencido de que poderão continuar a oferecer bons resultados a Macau.”

José Tavares partilha da boa fé de Zeng Tieming. Para o presidente do Instituto do Desporto de Macau (IDM), a despedida de Jia Rui não fragiliza a RAEM, nem irá comprometer o desempenho do território em grandes competições internacionais, desde que se acautele atempadamente o futuro. “O abandono do Jia Rui não é uma questão fácil de digerir, mas não podemos parar. A Associação Geral de Wushu já se apercebeu desta questão e está a preparar terreno para que nos próximos jogos Macau possa conquistar mais medalhas. Quem sabe até se não poderemos celebrar um novo ouro?”

Entre ases e manilhas

Só o tempo poderá dizer se a 17.^a edição dos Jogos Asiáticos pautou ou não um virar de página para o desporto de Macau. Para além de Jia Rui, também Cheung Pui Si e Paula Carion competiram na Coreia do Sul pela última vez em Jogos Asiáticos. A atleta macaense ainda disputou em Novembro, em Bremen, o Campeonato do Mundo, mas Cheung Pui Si já pendurou o kimono. Com o abandono das duas atletas, o karaté-do da RAEM fica sem duas das suas mais sólidas protagonistas. “No que me diz respeito, creio que basta. Quero ter tempo para fazer outras coisas. Dediquei-me durante muitos anos ao karaté e acho que chegou a hora de dar oportunidade aos mais novos. Talvez eles possam obter melhores resultados do que eu. Isso deixar-me-ia muito feliz”, reconhece Cheung, de 36 anos.

Em sete participações nos Jogos Asiáticos, Macau arrecadou 28 medalhas, uma de ouro, nove de prata e 18 de bronze. Dos 28 galardões conquistados por atletas do território, dez foram ganhos por Jia Rui, Paula Carion e Cheung Pui Si. Antiga vice-campeã asiática de kata, Cheung esteve em quatro edições dos Jogos Asiáticos e em todas subiu ao pódio. Paula Carion só não igualou o registo da colega porque marcou presença em menos uma edição da prova. A quarta ida aos Jogos Asiáticos afigura-se muito improvável. “Não me parece que venha a competir daqui a quatro anos. Uma das questões que se coloca é a da idade e, a meu ver, ter participado em três edições é já bastante bom. Mas vou competir no Campeonato Asiático da



Huang Junhua foi segundo nos exercícios combinados de nanquan e nangun



Cheung Pui Si e Paula Carion com o treinador Reza Rashidnia

modalidade no próximo ano, e depois disso vou tentar perceber como me sinto e como as coisas evoluem. Vou continuar a competir enquanto tiver vontade”, admite a atleta macaense, sem acusar o desgaste de mais de duas décadas de treinos, exercícios e rotinas.

Paula Carion morava no Canadá e tinha nove anos quando fez do tatami um improvável campo de batalha. O gosto pela modalidade não se esbateu com o regresso a Macau e, em 2005, a atleta saltou para a ribalta do desporto da região ao conquistar uma medalha de ouro na 4.ª edição dos Jogos da Ásia Oriental, que decorreu em Macau. Ao longo da última década, Paula Carion foi uma das mais bem sucedidas protagonistas de uma geração de atletas que levou longe o nome do karaté de Macau, mas nem as duas medalhas de bronze conquistadas em Incheon iludem as nuvens negras que pairam sobre a modalidade.

Se nas fileiras do wushu há novos valores que

despontam, no karaté a renovação não é ainda um dado adquirido, admite José Tavares. “Olhando para o futuro, estamos cientes de que algumas modalidades poderão enfrentar dificuldades. O karaté é um exemplo. Já alertamos a associação que terá de se aplicar mais na captação e formação de atletas”, argumenta o dirigente.

Para contornar o problema, o IDM e a Associação de Karaté-do de Macau avançaram, em 2009, para a criação da Escola de Karaté Juvenil. Cerca de três dezenas de jovens já estão a treinar e a esperança é de que no grupo, às ordens do iraniano Reza Rashidnia, possa despontar uma nova Paula Carion ou uma nova Cheung Pui Si. “Alguns deles são muito bons, têm muito potencial, mas ainda são muito jovens e, em Macau, os estudos e a educação são uma questão incontornável. A escola consome muito tempo e muita energia. Foram muitos os atletas que deixaram para trás o karaté por causa dos estudos e os que não o fizeram abriram mão de outras coisas. Antes de participar nos Jogos Asiáticos não tive vida social durante mais de seis meses”, diz Paula Carion.

No fio da espada

Para além das duas medalhas de bronze no karaté e das três de prata no wushu, Macau notabilizou-se na Coreia do Sul também no taekwondo, com Liu Qing e Wang Junnan a garantirem dois outros terceiros lugares. A modalidade tornou-se a quinta a oferecer um lugar no pódio à RAEM, depois do wushu, do karaté, dos saltos para a água e do culturismo. Em Incheon, taekwondo, karaté e wushu foram a santíssima trindade com que se escreveu o sucesso do desporto do território, mas José Tavares está convicto de que os atletas locais poderão vir a dar cartas noutras

EM INCHEON,
TAEKWONDO,
KARATÉ E WUSHU
FORAM A SANTÍSSIMA
TRINDADE COM
QUE SE ESCREVEU
O SUCESSO DO
DESPORTO DO
TERRITÓRIO





EM SETE PARTICIPAÇÕES NOS JOGOS ASIÁTICOS, MACAU ARRECADOU 28 MEDALHAS, UMA DE OURO, NOVE DE PRATA E 18 DE BRONZE. DOS 28 GALARDÕES CONQUISTADOS POR ATLETAS DO TERRITÓRIO, DEZ FORAM GANHOS POR JIA RUI, PAULA CARION E CHEUNG PUI SI

modalidades. “Estamos agora a apostar em novas modalidades e em disciplinas em que a conquista de medalhas não é de todo impossível. Um bom exemplo é a esgrima. Nos últimos Jogos Asiáticos, os nossos atletas de esgrima assinaram boas exibições, embora ainda não tenham um nível competitivo muito elevado, daí que eu julgue que a esgrima pode ser uma boa aposta”, aponta o presidente do IDM.

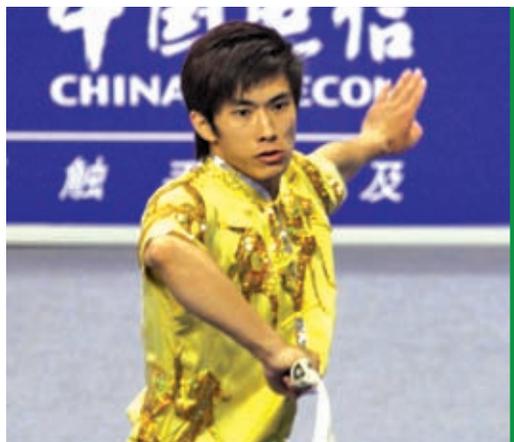
A 18.ª edição dos Jogos Asiáticos terá Jacarta como cidade anfitriã e no certame não estarão já nem Jia Rui, nem Cheung Pui Si, nem Paula Carion. Ao longo da última década, os três sacrificaram família e amigos, colocaram de lado estudos e vida social para que vitórias que eram deles se tornassem triunfos de todos.

Na hora do adeus à alta competição, as atletas olham para o passado sem arrependimento e sem saudades do futuro. “Entreguei-me de corpo e alma ao karaté durante muitos anos. Não sinto tristeza. Esta é a altura de parar”, diz Cheung Pui Si, com a mesma convicção com que Paula Carion garante que voltaria a repetir cada treino, cada combate e cada lágrima derramada: “Valeu a pena, a todos os níveis. Es-

pero que alguém olhe para mim e veja nas minhas conquistas não só um motivo de orgulho, mas também um exemplo. Espero que possam abrir mão do conforto e se possam dedicar a algo. Não digo necessariamente ao karaté, mas a algo que os possa fazer olhar para trás um dia e dizer, como eu, valeu a pena.” ■



Os sete magníficos de Incheon



JIA RUI

• Medalha de prata nos exercícios de Changquan

O mais bem sucedido protagonista da história do desporto do território anunciou o adeus à alta competição depois dos Jogos Asiáticos de Incheon e no seu enalço deixa um legado difícil de ignorar. A medalha de ouro conquistada há quatro anos em Cantão é a mais significativa de um extenso palmarés que inclui quatro títulos de campeão do mundo e mais de duas dezenas de medalhas nas categorias de gunshu, daoshu, changquan e duilian. Nascido a 18 de Fevereiro de 1987, licenciou-se em Educação Física no Instituto Politécnico de Macau e vai agora trabalhar ao lado de Zeng Tieming na descoberta e formação de novos campeões.



HUANG JUNHUA

• Medalha de Prata nos Exercícios Combinados de Nanquan e Nangun

Aos 22 anos, Huang Junhua dificilmente poderia aspirar a uma melhor estreia na principal competição desportiva do continente asiático. Nascido na cidade de Guiping, na Província de Guangxi, o atleta é um dos mais sérios candidatos a ocupar o lugar de primazia deixado vago por Jia Rui. Há um ano, em Kuala Lumpur, garantiu uma medalha de prata no Campeonato do Mundo de Wushu na categoria de nandao e ficou às portas do pódio nos exercícios de nangun. A participação nos Jogos Asiáticos de Tianjin foi ainda mais favorável, com Huang Junhua a garantir a conquista de uma medalha de prata e três de bronze. É aluno do Instituto Politécnico de Macau.



LI YI

• Medalha de Prata nos Exercícios Combinados de Jianshu e de Qiangshu

Nascida na Província de Guangdong, Li Yi iniciou-se na prática do wushu aos oito anos e não demorou a assumir o estatuto de uma das mais sólidas promessas do desporto local. Campeã do mundo no escalão de juniores, a atleta de 22 anos brilhou em Incheon com a conquista de uma medalha de prata, mas também já o tinha feito há um ano, em Kuala Lumpur, quando terminou os exercícios de duilian na segunda posição. Na 6.ª edição dos Jogos da Ásia Oriental subiu ao pódio por duas vezes, ao garantir o bronze nas provas de duilian e de qiangshu, tendo terminado o certame de changquan na quinta posição da geral.



PAULA CARION

• **Medalha de Bronze em Karaté, Categoria + 68kg**

Nascida a 23 de Setembro de 1982, deu os primeiros passos no karaté aos nove anos, no Canadá, mas a modalidade só se tornou um elemento preponderante do quotidiano da atleta quando regressou a Macau. Com três medalhas de bronze noutras tantas edições dos Jogos Asiáticos, Carion começou a dar nas vistas em 2005, com a conquista de uma medalha de ouro na 4.ª edição dos Jogos da Ásia Oriental. Na última edição do certame, em 2013, a atleta macaense voltou a repetir a presença no pódio, com uma medalha de bronze.



CHEUNG PUI SI

• **Medalha de Bronze em Karaté, Kata**

Nascida e criada em Macau, Cheung Pui Si está para o karaté do território como Jia Rui está para o wushu, ainda que não se tenha conseguido distinguir com a mesma magnitude nos grandes palcos internacionais. Em quatro participações nos Jogos Asiáticos, Cheung garantiu outras tantas medalhas de bronze, uma por cada um dos certames em que marcou presença. Notabilizou-se também no Campeonato Asiático da modalidade, tendo-se sagrado vice-campeã asiática na Malásia, em 2007. Cheung Pui Si começou a praticar karaté aos oito anos e durante algum tempo conciliou a prática da disciplina com o ténis de mesa por influência do pai, um antigo praticante da modalidade.



LIU QING

• **Medalha de Bronze em Taekwondo, Categoria -67Kg**

É uma das maiores esperanças dos desportos de combate do território. Na estreia, há um ano, no Campeonato do Mundo de Taekwondo, caiu nos quartos-de-final da prova, disputada na cidade mexicana de Puebla. Em 2012, alcançou em Ho Chi Minh, no Campeonato Asiático da modalidade, o seu primeiro grande resultado enquanto sénior, com uma medalha de bronze. Foi, no entanto, na 6.ª edição dos Jogos da Ásia Oriental que Liu Qing alcançou o seu melhor resultado em competições internacionais, ao garantir o ouro em Tianjin. Nasceu a 28 de Janeiro de 1993.



WANG JUNNAN

• **Medalha de Bronze em Taekwondo, Categoria +73 Kg**

Nascida a 7 de Junho de 1989, Wang Junnan soma já quatro participações no Campeonato do Mundo de Taekwondo, mas nunca se conseguiu afirmar na competição. Estreou-se na principal montra mundial da modalidade em 2007, aos 18 anos, mas só no Campeonato Asiático se conseguiu distinguir, conquistando uma medalha de bronze logo na sua primeira participação no certame. Este ano, no Uzbequistão, a atleta ressentiu-se de uma lesão na zona lombar e não conseguiu melhor do que a quinta posição. Há um ano, em Tianjin, nos Jogos da Ásia Oriental, conquistou um terceiro lugar na categoria em que se notabilizou em Incheon.



JIA RUI DESPEDE-SE DA COMPETIÇÃO AOS 27 ANOS

“Vir para Macau foi a escolha mais acertada que fiz na vida”

T MARCO CARVALHO

DEDICOU 22 anos de vida ao wushu, somou mais de duas dezenas de medalhas e distinções em grandes palcos internacionais, foi o melhor do mundo em mais do que uma categoria e deixa o nome associado à maior honra individual alguma vez alcançada por um atleta de Macau. Aos 27 anos, Jia Rui colocou a alta competição para trás das cos-

tas, mas vai continuar ligado à modalidade como treinador

Depois de há quatro anos ter feito história em Cantão com a conquista de uma medalha de ouro, este ano na Coreia do Sul conquistou a prata. Sente que ficou aquém das suas potencialidades?

O resultado foi justo. Acredito que todos os atletas partem em pé de igualdade quando se trata de lutar por medalhas e

nem sempre se pode vencer. No início de uma competição todos têm as mesmas hipóteses; depois depende muito da forma como a competição evolui e do modo como quem compete agarra as oportunidades. Está mais apto a vencer quem mais consegue avançar em termos técnicos, quem mais consegue crescer.

Nasceu na província de Henan e foi o wushu que o trou-

xe a Macau. Foi uma aposta ganha?

Sou filho único e, estranhamente, a minha mãe não ficou muito incomodada por eu ter vindo para Macau, mas ao fim de todos estes anos reconheço que ela estava certa. Vir para Macau foi a escolha mais acertada que fiz na vida. Devo agradecer aos responsáveis pela Associação Geral de Wushu primeiro por me terem escolhido e depois por me terem permitido aprofundar conhecimentos e técnicas. Macau apoiou-me incondicionalmente ao longo de todos estes anos e ajudou-me a crescer e a evoluir. Para ser bem sucedido, um atleta necessita do apoio dos que o rodeiam e eu devo agradecer todo o apoio que Macau me deu. Foi graças a esse apoio que pude dar o meu melhor e que consegui alcançar os resultados que alcancei. Foi para mim uma enorme honra fazer parte da família de atletas de Macau e competir com as cores do território. É algo que me deixa orgulhoso e feliz.

Despediu-se da alta competição nos Jogos Asiáticos de Incheon. O que tem feito desde então?

Tenho descansado muito (risos). Ainda me estou a adaptar à ideia de uma rotina diferente. É bom parar um pouco antes de começar a preparar o futuro.

Ainda não se acostumou à ideia de que não vai voltar a competir, então?

Confesso que não. Pratiquei wushu durante mais de duas décadas e dediquei uma boa parte do meu tempo à modalidade. Tenho, no entanto, de me convencer a mim mesmo

que os meus dias como atleta já fazem parte do passado. Vou continuar a trabalhar na área do desporto, mas não como atleta. Isto é algo novo para mim e não há ninguém que se sinta confortável perante grandes mudanças. Ainda assim, quero virar esta página.

Já sente saudades da competição?

Estaria a mentir se disser que sinto. Guardo as melhores memórias dos meus dias como atleta, mas essas experiências fazem já parte do passado. Agora é tempo de olhar para o futuro, de procurar trilhar novos caminhos. Em abono da verdade, a minha vida enquanto atleta era um bocado monótona. Daqui para a frente terei a oportunidade de aprender e de complementar a minha ligação ao wushu com vivências e experiências que nunca tive a possibilidade de ter, porque a prioridade passava por me dedicar a 100 por cento à modalidade.

Que tipo de experiências? O que tenciona fazer com o tempo que agora tem em mãos?

Sobretudo aprender. Quero aprender, enriquecer-me a mim mesmo. A verdade é que tenho muito tempo livre e tenho de o preencher de uma forma ou de outra. Quero aprender línguas, como inglês, por exemplo, e quero aprofundar competências noutros domínios. Tenho a ideia de me inscrever numa série de cursos, até porque sinto a necessidade de melhorar em aspectos que fui negligenciando ao longo dos anos. Devo ao wushu tudo o que consegui, mas a verdade é que ser-se muito competente num domínio já não é garantia de nada. A sociedade não gos-

ta de talento homogeneizado. Agora, que já não sou atleta, tenho de ter capacidade para melhorar noutros aspectos, porque só posso acompanhar o desenvolvimento de Macau. Quero ser um bom exemplo para os jovens.

Ainda assim, vai continuar ligado ao wushu como treinador...

Já sou treinador desde 2006. Trabalho com miúdos de várias idades e já o fazia enquanto atleta. É algo que me agrada muito. Não vale de nada ter talento se não o partilho com os outros, se não contribuo para o desenvolvimento da modalidade e da sociedade. Quero ajudar os outros a melhorar e a reforçar conhecimentos. Em suma, quero ajudar os outros a serem mais fortes.



Acredita que algum dos seus alunos pode vir a alcançar o mesmo nível que alcançou?

Trabalho sobretudo com miúdos novos. Os atletas de Macau são treinados pelos mesmos técnicos que me treinaram a mim. Em termos gerais, são todos atletas de elevada qualidade e não é de estranhar que obtenham bons resultados. Eu não trabalho sozinho. Os resultados dos últimos anos são fruto de um contributo colectivo. Trabalhei com atletas extraordinários e estou convicto que aparecerão novos exemplos de sucesso. Não me refiro apenas ao wushu. Noutros desportos também há excelentes atletas.

É o mais medalhado dos atletas que competiram e competem com as cores de Macau. Sem Jia Rui, é de esperar que o desporto de Macau continue a ser assim tão bem sucedido?

Não sei bem ao certo se serei mesmo o atleta mais medalhado. Acredito piamente que se um atleta conquista medalhas e é bem sucedido, só o é porque nele convergiu o apoio do governo, o trabalho desenvolvido

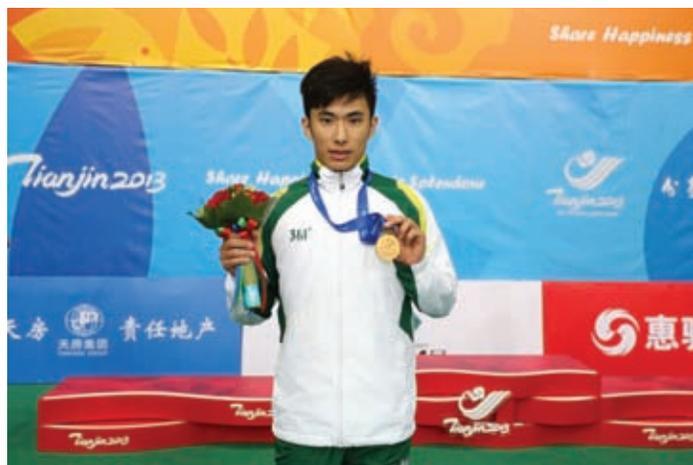
por toda uma equipa associativa e as expectativas da população. É claro que é necessário também um grande esforço individual. Se Macau vai continuar a conquistar medalhas sem mim? Estou convencido que sim. Os nossos atletas são muito empenhados. Além disso, o governo e as associações dão um grande apoio. O nível competitivo dos nossos atletas está sempre a aumentar. Sem mim, haverá espaço para que um novo Jia Rui se afirme e há em Macau, como dizia, muitos atletas extraordinários. Há, ainda assim, margem de manobra para alguma melhoria. Desde que Wong Tong Jeong conquistou a primeira medalha de Macau nos Jogos Asiáticos de 1990, o wushu de Macau e, de uma forma geral, o desporto do território melhorou significativamente. Fico feliz porque para além do wushu há resultados a surgir noutras modalidades. O taekwondo e o karaté têm um nível muito elevado e as prestações na natação são cada vez melhores. Espero que as pessoas possam dar o devido valor ao esforço destes atletas, porque eles trabalham de forma árdua.

Qual é a melhor memória que guarda de tantos anos na alta competição?

Depois dos Jogos Asiáticos, fomos a escolas partilhar experiências com crianças e esta foi uma das perguntas. Outros atletas evocaram certames em que competiram, mas eu não tenho uma memória predilecta. Toda a minha carreira foi inesquecível. Dediquei 22 anos da minha vida ao wushu e lembro-me de forma cristalina de todas as provas em que participei. Poderia escrever um extenso texto sobre cada uma delas, porque todas as memórias são dignas de serem evocadas. Aprendi muito ao longo deste anos e algumas delas são lições de vida.

E teve momentos menos felizes?

Há sempre. Estreei-me em competições internacionais com as cores de Macau em 2004 e sofri a primeira grande desilusão da carreira logo na primeira prova em que participei, ao encaixar uma derrota estrondosa. Foi uma das experiências mais importantes pelas que passei porque me fez perceber que teria que ser mais diligente. Na altura éramos amadores à luz dos regulamentos desportivos. Reflecti bastante e foi essa derrota que me levou a assumir a postura que fez de mim, como dizia, o mais medalhado dos atletas de Macau. Por vezes, o fracasso pode ser bom. Fiquei devastado porque achava que tinha desperdiçado uma oportunidade, mas aprendi a fazer dessa derrota uma referência: foi esse desaire que levou a melhorar e a ambicionar sempre mais. Quando se é atleta, isto é o mais importante. ■



Parabéns pelo 15º Aniversário do Estabelecimento da RAE de Macau



Travel to the selected Asian country / destination* continuously for 3 days or more enjoy the
“**Bridge DataRoam Unlimited 1 Day**”
at **\$88 / day** (original: \$98).

* Thailand, Singapore, Japan, Taiwan, South Korea, Malaysia, Australia, Vietnam, Indonesia, Romania, Philippines, India.

Easy ways to apply:

1. You can apply for several days at one time via “CTM eServices” (www.ctm.net).
2. Call **#130#** daily at the selected country / destination* and enjoy the service within the local time period.



Enjoy **5X** reward gift points* for Overseas* Spending using your CTM Credit Card

* Excludes Mainland China, Hong Kong and Macau transactions.

^ With a successful registration of the CTM Credit Card Automatic Payment Service, you can enjoy the offer with 10,000 points.

Note: The “Bridge DataRoam Unlimited 1 Day” offer is valid until 31 / 12 / 2014.

The Promotion Period lasts from 8 August to 31 December 2014. For the bonus terms and related inquiries, please call the Credit Card Customer Service Hotline: 8988 9933. CTM and BOC Credit Card (International) Ltd. reserve the right to make the final decision in case of any dispute.

Detail





De Macau para a Antártida

Aos 25 anos, Cynthia Tang prepara-se para realizar um sonho: ir à Antártida. Seleccionada para integrar a expedição internacional anual da 2041, fundada pelo famoso explorador britânico Robert Swan, parte em Março, com a bandeira de Macau na bagagem

T DIANA DO MAR
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

FORAM AS aulas de Geografia que lhe despertaram um especial interesse pela Antártida. Concebido nos bancos de escola, o “bichinho” esteve sempre presente. Hoje, aos 25 anos, Cynthia Tang prepara-se para integrar a expedição internacional da Organização 2041 fundada pelo explorador britânico Robert Swan. A viagem ao continente gelado está marcada para Março.

“Como gosto tanto e queria muito ir, lia imenso sobre a Antártida e passava o tempo a fazer pesquisas na Internet. Até fui ver se havia oportunidades ou vagas na estação chinesa, mas infelizmente apenas contratam cientistas. Senti que o meu sonho nunca se iria tornar realidade, até que descobri esta organização e decidi inscrever-me”, conta a jovem natural de Macau. Contudo, prevalecia a sensação de que a probabilidade era remota. “Eles receberam mais de 4000 candidaturas e, por isso, pensei que seria muito difícil escolherem-me mas, em meados

de Agosto, recebi um e-mail a dizer que tinha sido aceite!”

A expedição, que se realiza entre 13 e 25 de Março, arranca em Ushuaia, a cidade mais austral do planeta, na Argentina, ponto de encontro e de “aquecimento”. “Esses dois dias servem para formação e treino. Aliás, nem todos podem alguma vez ter visto neve ou gelo.” É também em Ushuaia que os participantes devem dizer “adeus” à família porque uma vez a bordo acabaram as comunicações. “Eles avisam que vamos ficar uma



semana ‘desligados’ do mundo”, realça a jovem, que trabalha na área do *marketing*.

A travessia marítima de Ushuai até a Antártida demora um dia e meio, contempla a famosa Passagem Drake, que deve o seu nome a Sir Francis Drake, navegador inglês do século XVI, e tem como o destino final a Península, onde “o clima é menos extremo e perigoso”. O programa prevê uma série de desembarques, nomeadamente na ilha de Curveville, famosa pelos pinguins, com as excursões a serem decididas a bordo numa base diária. Dos locais a visitar figura também o Neko Harbour e o Paradise Harbour, assim como o Canal Lemaire, se o tempo e as condições climáticas permitirem. Mas o dia mais excitante – a avaliar pela expressão de Cynthia Tang – vai ser o do acampamento para aqueles que alinharem na excêntrica experiência.

Contudo, a expedição tem um preço. “Custa 22 mil dólares norte-americanos, sem contar com o bilhete de avião para a Argentina. Todos os membros – os que são seleccionados – têm de encontrar patrocinadores.” Até ao final de Outubro,

A EXPEDIÇÃO,
QUE SE REALIZA
ENTRE 13 E 25 DE
MARÇO, ARRANCA EM
USHUAIA, A CIDADE
MAIS AUSTRAL
DO PLANETA, NA
ARGENTINA, PONTO
DE ENCONTRO E DE
“AQUECIMENTO”



“ELES RECEBERAM MAIS DE 4000 CANDIDATURAS E, POR ISSO, PENSEI QUE SERIA MUITO DIFÍCIL ESCOLHEREM-ME MAS, EM MEADOS DE AGOSTO, RECEBI UM E-MAIL A DIZER QUE TINHA SIDO ACEITE!”

Cynthia tinha angariado cerca de metade da verba.

A maior ajuda surgiu de uma associação budista. E a possibilidade de não ir por causa da insuficiência de patrocínios nem se coloca. “Vou na mesma, é o meu sonho”, diz, peremptória. O facto de poder contar com o Instituto Politécnico de Macau (IPM), onde se formou em Tradução Chinês/Inglês, como “unidade de apoio” deixa-a “contente”. “Deram-me conselhos e facultaram contactos de organizações locais, ajudando-me a arranjar apoios.”

A própria instituição de ensino também promoveu a antiga aluna, enaltecendo os resultados notáveis que alcançou, os quais lhe granjearam, aliás, diversas bolsas de estudo, ou o trabalho de voluntariado durante os anos de faculdade. “Acreditamos que a Cynthia vai espalhar a energia positiva dos jovens de Macau aos representantes de todo o mundo, apresentando-os a este pequeno mas especial pedaço de terra”, afirmou o pre-

sidente do IPM, Lei Heong Iok, em comunicado.

Cynthia sabe de outros residentes de Macau que pisaram a Antártida, mas deixa a ressalva: “No programa da 2041 sou a primeira em 12 anos. Sei que no passado houve quatro ou cinco representantes de Hong Kong, mas este ano a organização disse que não ia ninguém de lá”.

Quando submeteu a candidatura, escondeu o feito da mãe que, anteriormente, em resposta à ideia da filha de ir à Antártida disse: “Tu és louca”. Contudo, quando chegou a boa-nova teve de voltar a tocar no assunto. “O quê? Não! É tão frio e perigoso. Uma rapariga sozinha...”, reagiu a mãe de Cynthia, que depois de ouvir o plano na íntegra e sobretudo a missão do programa acabou por “compreender que era algo com significado”.

“Temos responsabilidade de proteger a Antártida”, frisa a jovem que vai ‘mergulhar’ no universo das alterações climáticas e perceber melhor a forma como afectam o mundo, apren-

dendo com a equipa de especialistas da organização fundada pelo primeiro homem a calcorrear tanto o Pólo Norte como o Pólo Sul. A 2041 dedica-se à preservação da Antártida, promovendo as energias renováveis e a sustentabilidade para combater as alterações climáticas, procurando inspirar e envolver a próxima geração de líderes a assumir um papel ativo

Quando ouviu falar da Antártida na escola ficou fascinada pela riqueza de recursos naturais – e aprendeu, mais tarde, a importância dos seus ecossistemas e as ambições territoriais de que é alvo –, mas foram sobretudo os glaciares que a atraíram como um íman. Hoje o entusiasmo ainda se nota nas palavras.

Apesar de ainda ter tempo até ao dia da partida, confessa que já pensa no que colocar na mala. “Além dos equipamentos para o frio, das roupas adequadas para o clima extremo e, claro, das botas, também vou levar a bandeira de Macau. É o que mais quero.” ■

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大 西 洋 銀 行



— Desde 1902 —



“Estamos a viver um bom momento do teatro lusófono”

T FILIPA QUEIROZ

Durante três dias falou-se português com sotaque do Brasil, Angola, Cabo Verde e Guiné-Bissau no palco do auditório do Instituto Politécnico de Macau na I Mostra de Teatro dos Países de Língua Portuguesa

“**SOLTAR AS** amarras! Vamos partiiiiir!” O actor repete as mesmas palavras aos gritos, com vozes diferentes, os braços erguidos para o alto e as pernas agitadas para trás e para a frente, para trás e para a frente. Johan Padan, o veneziano malandro e fanfarrão, embarca em Sevilha numa caravela de Cristóvão Colombo rumo às Américas. Estamos em 1492. Depois de dias e dias a navegar, os espanhóis chegam finalmente a uma ilha “tão florida tão florida que mais tarde veio a chamar-se... Florida”.

Durante uma hora e 20 minutos de monólogo com mui-

to humor ouvimos a narração das aventuras do “Italiano”, a criação do dramaturgo Dario Fo recriada pelo actor e encenador brasileiro Julio Adrião. Um espectáculo com tanto sucesso que está há nove anos na estrada. Mais de 500 apresentações em todo o mundo, sobretudo no Brasil.

“É um espectáculo que vai aos pouquinhos, vai chegando e as pessoas vão se envolvendo, acredito que graças ao facto de ser uma história muito próxima das pessoas que são fruto desse grande período de colonização por parte de vários países da Europa e não só”, explica Adrião à porta do

auditório do Instituto Politécnico de Macau (IPM).

A *Descoberta das Américas* abriu a novidade da edição deste ano da Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa, organizada pelo Secretariado Permanente do Fórum Macau – o Teatrau, I Mostra de Teatro dos Países de Língua Portuguesa, coordenada pelo Instituto Português do Oriente (IPOR). “Pareceu-nos que o teatro em língua portuguesa era uma área que precisava de algum impulso”, comenta João Laurentino Neves, director do IPOR. “O teatro é talvez nas artes performativas aquele em que a língua desempenha o papel mais importante do ponto de vista de trazer até nós o que é uma representação cultural, e o que temos em palco são leituras que companhias fazem daquilo que é a sua cultura, a sua identidade.”

Julio Adrião considera que a peça do Nobel da Literatura de 1997 permite ao público reflectir sobre factos que, não sendo engraçados, são transmitidos numa chave de uma certa pureza e ingenuidade. Por isso, “proporciona uma reflexão sobre o que aconteceu, mas também sobre as coisas que ainda hoje acontecem como diferenças, imposições e violência, todas presentes no quotidiano da civilização. Esta é uma oportunidade para pensar sobre elas”.

Sintadu

Reflexão é a palavra chave do trabalho do Grupo de Teatro do Oprimido (GTO) da Guiné-Bissau, que também usa factos reais para passar ao público uma mensagem e receber uma resposta. *Sintadu* foi a peça que apresentaram em Macau. Duas mulheres de duas gera-

GONÇALO LOBO PINHEIRO





ções diferentes trabalham a terra quando um jovem, neto de uma delas, decide usurpar o terreno e destruir as colheitas para construir por cima. Na Guiné, *sintadu* significa harmonia e uma boa relação de vizinhança. A peça trata o conflito da posse de terras, problema que estraga precisamente o *sintadu* e que actualmente é um problema que, segundo José Carlos Correia, está a crescer no país africano.

No final da apresentação, o actor e encenador pergunta ao público se tem alguma proposta de solução para o problema daquelas duas mulheres, e o público acede. Uma espectadora sobe ao palco e substitui uma das personagens fazendo um discurso diferente, completamente improvisado. Depois dela outros sobem ao palco, inclusive uma criança que se ajoelha no chão a pedir clemência.

“Fiquei impressionada! A criança conseguiu fazer o opressor mudar de ideias”, confessa a

“// ○ TEATRO É TALVEZ NAS ARTES PERFORMATIVAS AQUELE EM QUE A LÍNGUA DESEMPENHA O PAPEL MAIS IMPORTANTE. ○ QUE TEMOS EM PALCO SÃO LEITURAS QUE COMPANHIAS FAZEM DAQUILO QUE É A SUA CULTURA, A SUA IDENTIDADE”

JOÃO LAURENTINO NEVES, PRESIDENTE DO IPOR

actriz Edilta da Silva. Ela e Elsa Gomes fazem parte do GTO desde a fundação, há dez anos. Antes faziam parte de um grupo de teatro convencional. “Todas as formas de teatro sensibilizam, mas esta em particular é uma metodologia e uma forma mais fácil de criticar as coisas que não estão bem”, explicam.

O Teatro do Oprimido foi fundado nos anos 1960 pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal e alia a arte à acção social. As técnicas e práticas difundiram-se pelo mundo e são hoje

largamente empregadas, não só por aqueles que entendem o teatro como instrumento de emancipação política, mas também nas áreas de educação, saúde mental e sistema prisional. “Todos os seres humanos são actores porque actuam, e espectadores porque observam”, disse Boal.

O GTO da Guiné inclui um programa de reinserção de vítimas de guerra e aborda temas que vão desde o casamento precoce, escolarização da rapariga e excisão feminina até à



corrupção, sempre com recurso a elementos cénicos que identificam a origem. “É útil porque levamos a peça à comunidade para trabalhar com eles uma solução para os problemas”, conta José Carlos. “Nas muitas regiões onde fomos houve uma resposta positiva. As pessoas têm a coragem de dizer: ‘É isto que temos de fazer!’ Sabemos que o conflito não é fácil nem rápido de resolver, mas aos poucos vai havendo uma mudança de mentalidade e por isso trouxemos esta peça a Macau, para mostrar um outro mundo.”

Adão e Eva

Apesar de não ser a versão bíblica que todos conhecemos, porque o texto é do escritor

e músico Mário Lúcio Sousa, e apesar de usar uma conjugação de linguagens, como o teatro e a dança contemporânea, há detalhes ao nível da expressão corporal e do ambiente sonoro e visual da peça de Cabo Verde que são marcadamente representativos do país. A cestaria, a música, o balanço do corpo, por exemplo.

João Paulo Brito e Raquel Monteiro são *Adão e Eva* dos Sikinada, uma companhia com cinco anos que aposta no experimentalismo, sem uma linha estética definida mas com vontade de inovar, e cuja criatividade tem sido alimentada, entre outras coisas, pelos encontros no espaço da luso-

fonia. “Apesar das crises, o intercâmbio entre companhias lusófonas tem sido muito grande. Há vários festivais no Brasil, em Portugal e em Cabo Verde – como o Mindelact, que já é um festival de referência –, por isso algumas das pessoas que encontrei aqui em Macau já conhecia. Vamo-nos cruzando pelo mundo”, explica João Paulo.

O também director nacional das Artes de Cabo Verde diz que os frutos estão à vista em forma de diálogos que resultam em co-produções, que por sua vez representam uma troca de experiências enriquecedora e revitalizante para os artistas. “O nosso teatro vai enriquecendo, vai



saindo e ganhando uma dimensão para além do nosso espaço. Fazíamos teatro há uns anos muito direccionado para Cabo Verde, mesmo ao nível da linguagem.”

Geralmente a companhia opta por representar em língua portuguesa. “Há espectáculos que pela sua natureza não se traduzem, mas mesmo

fazendo em português é um português cuja construção frásica é diferente do português que se fala em Portugal, completamente perceptível, mas onde se percebe que há um jogo de palavras diferente. Acho que é uma riqueza termos essa possibilidade de, dentro da mesma língua, dizermos: ‘Ah, isso é teatro falado em português mas é angolano ou é da Guiné’”, conclui.

Órfã do Rei

O público deste primeiro Teatrau foi escasso. Mel Gamboa, que apresentou Órfã do Rei, da companhia HenriqueArtes de Luanda, diz que foi o “único ponto negativo”, mas

garante que quem foi, gostou. “Foram poucos mas foi muito bom. Disseram-nos que se sentiram surpreendidos, que gostaram muito e que ficaram com vontade de ver mais”, conta a actriz que interpretou um monólogo do escritor angolano José Mena Abrantes sobre a partida para Angola de uma órfã criada num asilo real, no final do século XVI.

Segundo Mel Gamboa, em Angola o panorama é similar, agravado pela falta de salas e o preço elevado dos bilhetes. Pela experiência nas oficinas que os grupos também fizeram em instituições de ensino de Macau, a actriz arrisca que mais do que divulgação, Macau precisa de formar público teatral.

O GTO da Guiné-Bissau desdramatiza. “Para nós é muito normal fazer teatro até para uma pessoa. É muito bom ter a sala cheia mas não importa, mesmo menos cheia nós vamos trabalhar”, diz Edilta Silva.

No Brasil o teatro é prolífico. Julio Adrião explica que no interior do país a arte perfor-

“ É UMA RIQUEZA TERMOS ESSA POSSIBILIDADE DE, DENTRO DA MESMA LÍNGUA, DIZERMOS: ‘AH, ISSO É TEATRO FALADO EM PORTUGUÊS MAS É ANGOLANO OU É DA GUINÉ’”

JOÃO PAULO BRITO, CABO VERDE

“ O TEATRO SÓ ACONTECE NAQUELE MOMENTO EM QUE ELE ACONTECE. CADA ESPECTÁCULO QUE FAÇO É COMO SE TIVESSE UMA MEMÓRIA PRÓPRIA. AQUI EM MACAU É AINDA MAIS ESPECIAL — REALMENTE INESQUECÍVEL ”

JULIO ADRIÃO, BRASIL

mativa é uma forma de comunicação muito forte, além de uma ferramenta de educação e de troca a outros níveis que não só o do entretenimento. Mas cada vez que faz um espectáculo, o actor pensa sempre que há alguém que está ali pela primeira vez e que para voltar uma segunda depende do trabalho que ele fizer. “Acho que embora o teatro não seja um alimento necessário para o corpo, ele acaba por ser um elemento muito importante

para a alma. É um lugar onde você se renova, onde você pensa sobre coisas muito próprias. Por isso, tem uma função e vai continuar a ter.”

Num contexto global, em que as atenções estão voltadas para as novas tecnologias, o cinema e a televisão, Adrião considera que o teatro está a salvo, precisamente devido ao seu carácter único. “O teatro só acontece naquele momento em que ele acontece. Cada espectáculo que faço é como se

tivesse uma memória própria. Aqui em Macau, por exemplo, é ainda mais especial — realmente inesquecível.”

João Paulo não tem dúvidas: “Estamos a viver um bom momento do teatro lusófono.” E João Laurentino Neves espera para o ano poder repetir a dose. “O facto de podermos ter teatro com leituras completamente diferentes é uma oportunidade excelente para aprofundarmos aquilo que temos vindo a dizer que Macau pode ser, que é essa plataforma de encontros, de diálogos, dessas competências interculturais que queremos desenvolver para todos dentro da mesma língua, reconhecendo as nossas diferenças e sobretudo valorizando-as.”

A manter-se o evento, segundo o director do IPOR, para o ano haverá uma II Mostra de Teatro dos Países de Língua Portuguesa e com uma peça original de Macau. ■

JORGE DE PALMA



NOSSAS SINCERAS FELICITAÇÕES PELO
ESTABELECIMENTO DA REGIÃO ADMINISTRATIVA
ESPECIAL DE MACAU NO SEU 15º ANIVERSÁRIO

COM OS MELHORES CUMPRIMENTOS,
GALAXY ENTERTAINMENT GROUP
GALAXY MACAU™
STARWORLD HOTEL



星際酒店
StarWorld Hotel



LÍNGUA CHINESA

O bater do coração

 LUÍS ORTET  RUI RASQUINHO

“Isto para mim é chinês” – eis uma expressão típica da língua portuguesa para significar a situação de quem se encontra perante algo, por exemplo, uma língua, sobre o que não tem qualquer pista quanto ao significado



A **UMA** pessoa em contacto, pela primeira vez, com os caracteres chineses, o que ocorre é a ideia de que eles são desenhos mais ou menos arbitrários, sem qualquer sentido lógico a associar os traços que os compõem.

Na verdade, porém, os caracteres chineses estão longe de ser conjuntos de traços sem sentido. Na sua origem, eles começaram por ser representações pictográficas de objectos e seres (ver exemplos de caracteres pictográficos, nas páginas 98 e 99).

A variedade de objectos, seres e situações existentes, de forma crescente, na vida obrigou a encontrar formas de combinar esses desenhos originais para formar novos caracteres, até se chegar às largas dezenas de milhares de caracteres que actualmente compõem a língua chinesa.

Diga-se de passagem que os caracteres são as unidades por excelência da língua chinesa, desempenhando um papel semelhante às letras (e aos ditongos) das línguas ocidentais, já que correspondem a sons. Só que, ao mesmo tempo, cada carácter (independentemente da sua associação a outros caracteres) tem um significado próprio, o que não acontece com as letras das línguas alfabéticas, em que elas, por si próprias, não correspondem a significados. Só depois de se combinarem entre si e formarem palavras passa a haver significados nessas línguas.

Em casos mais simples dois pictogramas (caracteres) chineses juntam-se, associando os seus significados correspondentes e gerando novas entidades gráficas, isto é, novos caracteres. É o caso de 好 *hao* “bom”, que junta os caracteres/radicais 女 *nü* “mulher” e 子 *zi* “criança”; ou o caso de 明 *ming* “bilhante”, associando o 日 “sol” e a 月 “lua”.

No dia-a-dia da língua chinesa (pelo menos no mundo cantonense) é frequente ouvir-se a expressão “一個好子” (*iat ko hou chi*), que significa “um carácter *hou/hao*”. É um comentário a propósito da circunstância feliz de uma família que, além dos pais, inclui uma menina (女) e um menino (子) como descendentes, formando assim um carácter 好.

Mas a complexidade dos caracteres chegou ao ponto de, em muitos casos, uma parte do desenho apenas informar sobre o som provável do carácter e não sobre o seu significado. Só para dar um exemplo, no carácter 請 (請) *qing*, que significa “pedir”, “perguntar”, o que transmite o significado é a parte esquerda do desenho, o radical 讠 (言) que significa “falar”, “palavras”. O som *qing* é dado pela componente do lado direito do carácter, 青 *qing*, que, quando escrita isoladamente, quer dizer “verde”, “azul”, “jovem” e também empresta o som (mas não necessariamente o significado) a outros caracteres como: 情 *qing* “sentimento” (o radical “coração”, à es-



querda, indica que é de sentimento que se trata), 清 *qing* “puro” “claro” (o radical são as “três gotas de água”, também à esquerda), 鯖(鯖) *qing* “cavala” (o radical “peixe”, 鱼, especifica que se trata de um peixe) e 晴 *qing* “límpido” (relativo ao estado do tempo, como indica o radical “sol”). Todos estes caracteres são, até certo ponto, homófonos, uma vez que a pronúncia é a mesma, mas distinguem-se pela respectiva entoação, os muito falados tons da língua chinesa.

Os linguistas referem que, numa fase mais primitiva da língua chinesa, cada carácter, considerado isoladamente, já significava, por si, um substantivo, um verbo ou um adjetivo. Mas com o tempo chegou-se à situação actual em que, numa grande parte dos casos, os substantivos, verbos e adjetivos são compostos por dois caracteres, o que ajuda a uma maior clarificação do que se pretende dizer.

É nesse tipo de combinações que a língua chinesa mostra a sua criatividade e a sua lógica interna, adaptando-se, ao mesmo tempo, às realidades emergentes. Se juntarmos os caracteres 电 (電) *dian* (eléctrico) e 脑 (腦) *nao* (cérebro) temos a expressão 电脑 (電腦) *diannaoyao*, que significa “computador” (um “cérebro eléctrico”). Fogo 火 *huo* e carro 车 (車) *che*, geram a expressão 火车 (火車) *huoche*, que significa “comboio” (um carro/veículo movido pelo fogo). Note-se que na língua chinesa (como aliás na inglesa) os adjetivos precedem os substantivos.

Um dos caracteres pictográficos mais antigos da língua chinesa é 心 *xin*, que significa “coração” (o órgão do corpo) mas também “mente” e “sentimento”.

No contexto da cultura chinesa tradicional o coração, nas suas vertentes física e não-física, ocupa um lugar de relevo, como bem o atesta a medicina tradicional. Um investigador da Universidade do Estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos da América, Ning Yu, desenvolveu um interessante trabalho de investigação (publicado sob o título *The Chinese HEART in a Cognitive Perspective*), em que relaciona o conteúdo semântico de 心 *xin* com os conceitos da medicina tradicional chinesa e sublinha a vertente cognitiva dos seus significados.

A utilização da palavra “coração” com a conotação de sentimento é transversal a praticamente todas as culturas, incluindo a chinesa. Mas na língua chinesa 心 *xin* pode significar bem mais do que o simples “coração” que se emociona e apaixona.

Na verdade, a disciplina académica Psicologia



diz-se em chinês 心理学 *xinlixue*, isto é o “estudo das leis da mente”, a mente na sua globalidade, e não apenas a sua componente emocional.

Se é um facto que uma grande maioria dos caracteres que exprimem sentimentos tem 心 *xin* como radical, há no entanto outros, com uma conotação mais “fria” e racional, que igualmente usam 心 *xin* como radical (a que, portanto, devem o seu significado). 思 *si* (com o radical *xin* na parte inferior do carácter) quer dizer “pensar” ou “considerar”; 想 *xiang* também quer dizer “pensar”, pelo que a combinação dos dois caracteres, na expressão 思想 *sixiang*, quer dizer “pensamento”.

意 *yi* quer dizer “sentido” e, quando combinado com 思 *si*, em 意思 *yisi*, quer dizer “ideia”.

Ou seja, na sua componente subjectiva, 心 *xin*, na língua chinesa, é bem mais abrangente do que o universo semântico de “coração” ou *heart*, nas línguas ocidentais.

Nos exemplos que apresentamos neste artigo, ilustrado por Rui Rasquinho, mostramos a maneira como o carácter 心 *xin* se combina com outros caracteres para gerar significados completamente novos.

Os exemplos escolhidos são expressões do dia-a-dia que qualquer pessoa com um conhecimento básico da língua chinesa (nas versões mandarim ou cantonês) certamente conhece. Eles são reveladores da flexibilidade (mas também de uma inesperada simplicidade criativa) da língua chinesa.

Os significados dos caracteres referidos nos exemplos são os veiculados pelo dicionários e os que se inferem do uso que lhes é dado, pelos falantes de chinês, em situações do dia-a-dia.

No entanto as especulações conceptuais em torno dos mesmos são da inteira responsabilidade do autor deste artigo. ■



日 rì (yat) “sol”

Originalmente era um círculo com um ponto no centro, à semelhança do símbolo alquímico e astrológico ocidental do mesmo astro. O uso do pincel para desenhar os caracteres levou a que o círculo desse lugar a um quadrado, com um pequeno traço no centro



月 yuè (yut) “lua”

Começou por ser um crescente lunar semelhante ao símbolo astrológico da Lua, mas, com a introdução do pincel, as curvas deram lugar a formas mais rectas



火 huǒ (fo) “fogo”

O desenho sugere bem as labaredas do fogo... Entrando na composição de um novo carácter, como radical, pode assumir a forma 灬 se aparecer na parte inferior do mesmo



水 shuǐ (soi) “água”

Imitando os remoinhos dos riachos. Quando radical, aparecendo no lado esquerdo de um novo carácter, assume a forma 氵 (mais conhecido como “três gotas de água”, 三点水)



木 mù (mok) “árvore”, “madeira”

Os dois traços oblíquos (e ligeiramente curvos) na parte inferior do carácter representam as raízes da árvore



口 kǒu (hau) “boca”

A sua forma era originalmente redonda mas depois tornou-se quadrada, pelas mesmas razões acima apontadas



心 xīn (sam) “coração”

O volume das aurículas e dos ventrículos e os vasos que saem e entram no coração. Quando é radical, aparecendo no lado esquerdo de um novo carácter, assume a forma 忄



人 rén (ian) “homem” (ser humano)

O movimento das pernas de um homem caminhando. Quando radical, assume a forma 亻 na parte esquerda do novo carácter



女nǚ (noi) “mulher”

Começou por ser a representação gráfica de uma mulher submissamente ajoelhada, mas é possível uma leitura mais moderna, independente e dinâmica deste carácter...



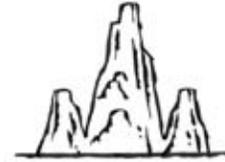
子zǐ (chi) “criança”

O traço horizontal na parte superior do carácter estilizava, na versão original, a cabeça (comparativamente grande) do bebé



土tǔ (tou) “terra” (solo)

O traço horizontal sugere a solidez do solo



山shān (san) “montanha”

Uma simulação dos cumes das montanhas



言yán (yin) “palavra” “fala”

Em baixo está a boca, os traços horizontais sugerem a formação das palavras... Quando funciona como radical adquire, na escrita simplificada, a forma 讠, aparecendo no lado esquerdo do novo carácter

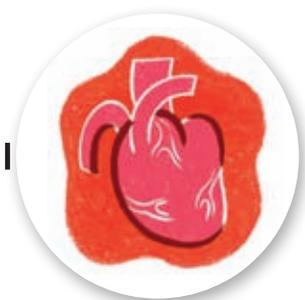


門(mén) mén (mun) “porta”

A natureza pictográfica deste carácter é óbvia, evocando as típicas portas dos saloons das antigas bandas desenhadas de *cowboys*

Os 14 desenhos aqui reproduzidos, da autoria de Rui Rasquinho, fazem parte de um conjunto de 100 publicado no suplemento em língua portuguesa do jornal *Tai Chung Pou*, entre o Verão de 2007 e princípios de 2008

CARÁCTER XĪN 心



开心 (開心)

KĀIXĪN (hoi sam)

开 “abrir” + 心 “mente-coração” = sentir-se feliz, ter prazer, estar alegre, satisfeito

Aqui a mente-coração está livre de qualquer constrangimento, o seu “campo de consciência” está aberto a 360 graus. Provavelmente não há nenhum compromisso ou qualquer acção que obrigue a “fechar” a mente-coração numa direcção definida, excluindo as restantes. Por isso se goza a vida em toda a liberdade, é tempo de férias...

KĀI (hoi) 开 (開)
abrir, começar.

Por exemplo, *kaimen* quer dizer “abrir a porta” (*hoi mun*, em cantonês). *Kai* também pode querer dizer “ligar” (o motor do carro), “acender” (a luz) e “partir” (o comboio partir), etc. Mas para o presente exemplo interessa-nos o seu significado original, “abrir”.



关心 (關心)

GUĀNXĪN (kuan sam)

关 “fechar” + 心 “mente-coração” = estar preocupado com, ter ou mostrar interesse em

Guanxin pode significar “preocupação” mas, mais tipicamente, indica uma operação cognitiva em que a mente-coração se orienta com alguma intensidade

para um determinado objecto, excluindo em maior ou menor grau os restantes. Pode significar mera curiosidade ou um interesse mais profundo por esse objecto (problema, situação, conhecimento, etc), o que exige um estreitamento do “campo de consciência”.

GUĀN (kuan) 关 (關)
fechar, apagar

No dialecto cantonense do dia-a-dia não se utiliza o verbo *kuan* mas sim *san* para dizer “fechar” (uma porta, por exemplo, *san mun*). Mas na linguagem escrita usa-se o carácter *kuan*, como se pode ver num exemplo que apresentamos na página xx. Em mandarim diz-se e escreve-se sempre *guan*, como, por exemplo, em *guan men* “fechar a porta”.

O carácter 关 *guān* tem uma outra vertente semântica. É que igualmente pode significar “relação” ou “relacionamento”. É o que se verifica em 关系 *guānxi* (*kuan hai*), o célebre *guanxi*, significando rede de contactos influentes, frequentemente citado pelos ocidentais ao analisarem a sociedade chinesa, e *guānyú* (*kuan yu*), “sobre, no que diz respeito

a". Uma ambivalência de significados que sugere algo que se pode fechar mas também abrir, consoante as circunstâncias. Não é por acaso que o radical de *guan* é *men* ("porta")...

Em Macau há muitas carreiras de autocarros que têm como destino as Portas do Cerco (que é o nome dado à fronteira que permite o acesso ao Interior da China). O seu nome chinês, em caracteres tradicionais, é 關閘, que se pode ler nos letreiros dos autocarros que têm como paragem final a fronteira. A versão original terá sido a chinesa 關閘 e, a partir daí, traduziu-se para português. Porém, considerando a vertente mais "aberta" de *guan* (*kuan*), o primeiro dos dois caracteres do nome, a tradução para "Portas do Cerco" pode parecer algo restritiva...



小心
.....
XIǎOXĪN (siu sam)

小 "pequeno" + 心 "mente-coração" = ter cuidado, ser cauteloso, prudente

Xiaoxin é a atitude que se tem (ou se deve ter) perante o desconhecido e o perigo. Os sentidos ficam alerta, o corpo e a mente preparam-se para todas as eventualidades. Não são permitidas desatenções, a mente, totalmente concentrada na situação presente, o corpo preparado para passar à acção. A mente está "contraída", ou seja, "pequena".

XIǎO 小 pequeno



担心 (擔心)
.....
DĀNXĪN (dam sam)

担 (擔) "peso", "fardo" + 心 "mente-coração" = estar preocupado; assumir responsabilidades pesadas

O carácter *dan* implica expressamente a noção de peso ou fardo, uma vez que um dos seus significados é a vara que se transporta sobre os ombros e em cujas extremidades balançam objectos mais ou menos pesados. Associado ao

carácter *xin* ("mente-coração") só pode significar um fardo mental e emocional, uma "barra pesada", como diriam os brasileiros, uma preocupação...

DĀN (dam) 担 (擔)
carregar sobre os ombros ou assumir responsabilidades. Um fardo (que se carrega)



放心
.....
FÀNGXĪN (fong sam)

放 "libertar", "descontrair" + 心 "mente-coração" = ficar descansado; livrar-se de aflições

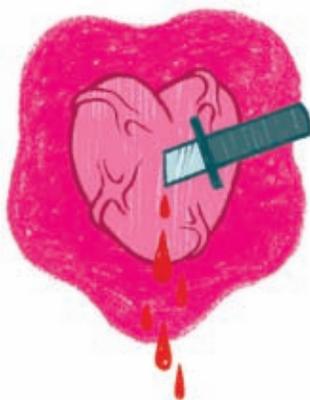
No dialecto cantonense, que é dominante em Macau, é comum ouvir-se a expressão "*fong sam-la!*", que quer dizer, "não te preocupes!". Pressupõe uma situação prévia de *xiaoxin* ou de *danxin*. A mente-coração pode afinal descontrair, folgar, ou porque o perigo passou ou porque a causa da preocupação (o "peso" sobre a mente-coração) deixou de existir.

FÀNG (fong) 放 libertar;
expandir, dilatar;
descontrair; deixar,
colocar/pôr; tocar
(um disco); disparar,
fazer explodir

Este carácter *fang* oferece um gama muito larga de significados, desde “expandir” até “disparar” ou “fazer explodir”. Mas todos eles têm em comum um efeito de descompressão. Há previamente uma situação de compressão e, com o *fang*, a pressão deixa repentinamente de existir e a energia armazenada liberta-se. Ou então há um agente exterior (uma “causa eficiente”, como diria o filósofo Aristóteles...) que propicia a libertação da energia ou da informação até então “comprimidas”.

Mesmo quando se diz “*fang zai na li!*” (*fong hai go tou!*) “deixe isso aí!” está-se a pedir ao interlocutor que liberte o objecto da pressão das suas mãos e o deixe entregue a si próprio. Querem entregar-me alguma coisa mas agora eu estou *guanxin*, em virtude do trabalho que tenho em mãos, portanto peço que deixem (“libertem”) “isso”

aí que mais tarde eu trato do assunto.



伤心 (傷心)

SHĀNGXĪN
(seong sam)

伤 (傷) “ferir”, “ficar ferido”
+ 心 “mente-coração” =
ficar psicologicamente
ferido, triste

Shangxin é verdadeiramente um coração ferido. Não está em causa uma mente fechada, ocupada, ou seja, *guanxin*; nem uma mente *xiaoxin*, encolhida perante a eventualidade de um perigo; nem mesmo a “barra pesada” de uma preocupação (*danxin*), que no entanto é apenas

uma possibilidade, ainda não uma realidade. Com *shangxin* o pior já aconteceu, a mente-coração está desfeita, *the heart is broken...*

SHANG 伤 (傷) ferir

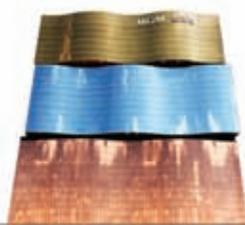
Este carácter *shang* significa ferir. Nos noticiários em chinês ouve-se falar do número de feridos (num acidente), neste caso com referência aos *shoushang* (*sau seong*), os que recebem ferimentos, os feridos. Mas também se fala, no dia-a-dia, de *shangfeng* (*seung fong*) para referir uma doença (ferimento) provocada pelo “vento” (*feng*), a vulgar constipação...

Nas portas traseiras (de saída) dos autocarros de Macau é possível ler a frase, em caracteres tradicionais: 小心車門開關 *xiaoxin che men kai guan* (*siu sam che mun hoi kuan*), ou seja “cuidado” “porta do carro/veículo” “abrir” “fechar”. É um aviso para a abertura e o fecho automático das portas, recomendando para isso, um “coração pequeno”, atento e cuidadoso, para que se evitem acidentes.

Nota: entre parênteses estão indicadas as expressões escritas em caracteres tradicionais e a pronúncia em cantonês, utilizando o sistema de romanização oficial de Macau



Congratulations on
the 15th Anniversary of
the Establishment of the Macau SAR



URBANISMO **M**

PONTE GOVERNADOR NOBRE DE CARVALHO

40 anos a ligar Macau e Taipa

T PATRÍCIA CRUZ



A primeira travessia terrestre entre Macau e Taipa, a ponte Governador Nobre de Carvalho, foi aberta ao trânsito há 40 anos. Antes disso, a ligação estava sujeita a travessias marítimas irregulares que chegavam a levar uma hora de viagem para cruzar os três quilómetros que separam as duas margens. A construção foi uma verdadeira ousadia na altura devido à profundidade dos lodos de fundação e durante anos foi considerada a ponte contínua mais longa do mundo



“**PARA TODA** a população portuguesa e chinesa, a ponte Macau-Taipa é o símbolo do futuro de Macau.” Assim anunciava o governador Nobre de Carvalho, em Outubro de 1969, a construção da primeira travessia terrestre entre a península de Macau e a ilha da Taipa. Projectada pelo engenheiro Edgar Cardoso no final da década de 1960, a construção iniciou-se a 18 de Junho de 1970 e a inauguração teve lugar a 5 de Outubro de 1974, continuando a ser actualmente a única das três pontes da ligação Macau-Taipa que se pode atravessar a pé.

Os seus três quilómetros de extensão, parte dos quais constituídos por uma superestrutura de betão armado, deram-lhe, nos anos 1970, o título de ponte contínua mais longa do mundo. A meio do seu percurso, o trainel é elevado aos 35 metros formando um arco triangular que garan-

A CONSTRUÇÃO DA PONTE GOVERNADOR NOBRE DE CARVALHO POSSIBILITOU O DESENVOLVIMENTO ACELERADO DAS ILHAS DA TAIPA E DE COLOANE. NA DÉCADA DE 1960, A TAIPA ERA UMA VILA, COM UMA REDUZIDA OFERTA DE COMÉRCIO E SERVIÇOS

te a passagem de barcos. Inspirada nas tradicionais pontes asiáticas de bambu, a sua forma evoca o dorso de um enorme dragão, representando a cabeça o Casino Lisboa e a cauda o Monumento da Taipa. Outrora fomentadora do desenvolvimento socioeconómico de Macau, a Ponte Governador Nobre de Carvalho é hoje um ex-libris da cidade.

Sonho antigo

A existência de uma ponte entre a cidade de Macau e a

Taipa era um sonho acalentado há várias gerações pela população de Macau, que, após a inauguração do Istmo Taipa-Coloane, a 2 de Junho de 1968, desejava a integração física do território. Aquela aspiração era igualmente sentida pelo Governo de Macau, tendo a construção da ponte sido idealizada pelo governador Jaime Silvério Marques, acarinhada por governador Lopes dos Santos, para ser concretizada por José Manuel de Faria e Sousa Nobre de Carvalho.

ARQUIVO HISTÓRICO



Macau sem a ponte numa imagem dos anos 1960



Ao centro, de capacete, o engenheiro Edgar Cardoso, responsável pelo projecto

Tal demora deveu-se à falta de meios financeiros, só se tornando possível com o auxílio financeiro do Governo de Portugal, num processo em que o Ministro do Ultramar do país, Joaquim Moreira da Silva Cunha, desempenhou um papel relevante, ao conceder um despacho favorável à construção da ponte.

Como razões para a sua construção, Nobre de Carvalho apontava o desenvolvimento

da indústria e do turismo, a melhoria das comunicações com o exterior (estava prevista a construção de um porto em Coloane...) e a alta densidade demográfica que já se avizinhava na península.

Numa entrevista ao *Diário Popular* de 27 de Setembro de 1972, Nobre de Carvalho afirmava que “A Ponte Macau-Taipa, pelo seu elevado valor socioeconómico, será a principal força propulsora do de-

envolvimento da província. Mesmo antes de concluída, já se estão obtendo resultados positivos, em diversos sectores da vida de Macau, designadamente quanto à valorização do concelho das ilhas, onde se regista um crescente interesse na obtenção de terrenos para fins industriais, turísticos e outros”, acrescentando que “Macau passará a ter uma nova dimensão, sendo de admitir que a população daquele território – onde se regista, como já disse, a mais alta densidade demográfica do mundo – passe a repartir-se de forma mais equilibrada, pois hoje essa população está praticamente concentrada na península”. A Ponte Macau-Taipa apresentava-se assim como uma promessa para o progresso económico e social.

Desafios técnicos

O projecto ficou nas mãos do engenheiro Edgar António de



A travessia a pé era uma opção para os que não tinham carro



Portagem na chegada à Taipa



Monumento Macau-Taipa

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Mesquita Cardoso (1913-2000), considerado por muitos o maior engenheiro português do século XX. O inventor de pontes, como era conhecido, projectou tais construções não só em Portugal ou Macau, como também em Angola, Moçambique, Guiné, Nigéria, Índia, Timor, Brasil, Costa Rica e Venezuela, tendo escrito um dia que “em todos os rios existe um local que fora feito para fazer uma ponte. Era preciso encontrá-lo”.

A construção da Ponte Macau-Taipa foi adjudicada a Ho Yin, que contratou a Empresa de Engenharia de Macau, que, por sua vez, nomeou o engenheiro Wong Cheok Keong e o técnico Ng Fok para ficarem à frente da obra. Sob a fiscalização dos engenheiros Manuel de Mesquita Borges e José João de Deus Rodrigues do Rosário, do Gabinete da Ponte Macau-Taipa, o projecto foi sendo acompanhado *in loco* pelo autor do projecto, que se deslocava a Macau com frequência. A cerimónia de cravação da primeira estaca deu-se a 18 de Junho de 1970.

O projecto representava na altura um enorme desafio técnico, devido à má qualidade dos solos de fundação, constituídos por lodos com 25 a 30 metros de profundidade. No



ANTES DA CONSTRUÇÃO DA PONTE, OS HABITANTES DA TAIPA VIVIAM ISOLADOS DO RESTO DO TERRITÓRIO, UMA VEZ QUE A PASSAGEM ERA FEITA DE LANCHAS, MEDIANTE UM REDUZIDO HORÁRIO PRÉ-ESTABELECIDO QUE, NO ENTANTO, SE SUBORDINAVA ÀS MARÉS E ÀS CONDIÇÕES ATMOSFÉRICAS

entanto, todas as dificuldades foram ultrapassadas através de técnicas inovadoras, como a pré-fabricação e a colagem

dos elementos pré-fabricados de betão armado, de betão armado pré-esforçado e de aço com resinas epóxi. Outro



aspecto inovador foi a colocação de uma superestrutura contínua de betão armado, o que fez dela a ponte contínua mais longa do mundo durante muitos anos. Os seus dois passeios ao lado das faixas de rodagem fazem com que esta seja ainda hoje a única travessia pedestre possível entre a península e a Taipa.

Longo caminho até às torres de betão

A construção da Ponte Governador Nobre de Carvalho possibilitou o desenvolvimento

O SENHOR GOVERNADOR

A 25 de Novembro de 1973, por deliberação das autarquias de Macau foi atribuída a designação de Ponte Governador Nobre de Carvalho à ligação até então conhecida como Ponte Macau-Taipa, numa homenagem ao homem que levou adiante o tão sonhado projecto. José Manuel de Sousa e Faro Nobre de Carvalho era general do Exército Português e desempenhou o cargo de Governador de Macau entre 25 de Novembro de 1966 e 19 de Novembro de 1974. Nascido em Lisboa em 1910, foi mobilizado para várias comissões de serviço na Índia, Cabo Verde e Angola, onde foi Chefe de Gabinete do Governador Geral e, mais tarde, Comandante Geral da Polícia de Segurança Pública. Recebeu várias condecorações e inúmeros louvores. Morreu a 23 de Agosto de 1988, em Lisboa, aos 77 anos.



TRÊS É BOM

A Ponte Nobre de Carvalho foi, até 1994, a única ligação terrestre entre a península e a Taipa. Em Junho de 1990, arrancaram as obras para a construção da segunda travessia, a Ponte da Amizade, inaugurada em Março de 1994, com 4,7 quilómetros de extensão e 800 metros de largura. Com o aumento do tráfego e o forte desenvolvimento da Taipa e do Cotai, foi ainda necessário criar uma terceira travessia. E assim, em Dezembro de 2004, nasceu a Ponte de Sai Van, com 2,2 quilómetros de extensão e a única da região suspensa por cabos. Nas alturas em que o sinal número oito de tufão é hasteado, a Ponte de Sai Van é a única que está aberta ao trânsito, devido ao um túnel no tabuleiro inferior que garante a circulação dos veículos sem as tempéries de fortes ventos. Desde 2012, funciona ainda uma faixa de circulação exclusiva para motociclos.

acelerado das ilhas da Taipa e de Coloane. Na década de 1960, a Taipa era uma vila, com uma reduzida oferta de comércio e serviços. De facto, existiam apenas dois cafés, dois restaurantes de massas chinesas, uma mercearia, um mercado, um centro de saúde, o edifício dos Correios, um fotógrafo, um relojoeiro, um sapateiro e um cinema, sendo as únicas alternativas de entretenimento ir ao café e ao cinema.

Naquele tempo, os habitantes da Taipa viviam isolados do resto do território, uma vez que a passagem era feita de lancha, mediante um reduzido horário pré-estabelecido que, no entanto, se subordinava às marés e às condições atmosféricas. António Cambeta, Furriel Miliciano de Infantaria do Exército Português, foi mobilizado em 1964 para uma comissão de serviço em Macau, tendo ido parar ao Quartel da Taipa, e recorda hoje, com melancolia, os tempos em que ainda não havia ponte. “A Taipa tinha unicamente a parte da vila, de resto eram arrozais. Não havia grande vida. Existia um centro de saúde e eu dava-

-me bem com o médico e íamos para um cafezinho que ainda existe lá – o Café da Maria. Era onde os portugueses se juntavam. Eu e o médico, o Dr. Serra, todas as noites íamos para lá beber uma garrafa de Macieira. E o cinema tinha o projector no outro lado da rua. Era o que havia.”

De acordo com os Censos de 1970, residiam 5352 pessoas na Taipa, sendo a população total do território de 248.636 habitantes (226.880 na península, 1871 em Coloane e 14.533 na área marítima). Os Censos de

NA ALTURA DA
SUA ABERTURA AO
TRÂNSITO, A PONTE
GOVERNADOR NOBRE
DE CARVALHO
POSSUÍA UM REGIME
DE PAGAMENTO DE
PORTAGENS, QUE
SÓ FOI ABOLIDO EM
DEZEMBRO DE 1981

1981, já com a ponte construída, mostravam um desenvolvimento tímido da antiga vila. Com poucas fracções habitacionais construídas, houve um aumento de apenas 216 habitantes, num universo de 238.562 pessoas de toda Macau. O desenvolvimento da Taipa processou-se de forma lenta até ao início dos anos 1990, quando mais e mais torres de edifícios começaram a mudar a paisagem. Em 2011, a vila registava uma população de 78.497 pessoas, enquanto outros 469.009 estavam concentrados na península e outros 4262 em Coloane.

Mudança de estratégia

Na altura da sua abertura ao trânsito, a Ponte Governador Nobre de Carvalho possuía um regime de pagamento de portagens, que só foi abolido em Dezembro de 1981. No primeiro mês de utilização, de 5 a 31 de Outubro de 1974, 36.780 veículos cruzaram a ponte, numa média diária de 1362. Com o rápido desenvolvimento de Macau, verificava-se um constante aumento do fluxo de tráfego e, de modo a aliviar a pressão, foram construídas a Ponte da Amizade, em 1994, e a Ponte de Sai Van, em 2004 [ver caixa].

Quando a Praça de Ferreira do Amaral passou por remodelações, em 2005, foram implementadas medidas provisórias de controlo de tráfego, permitindo a circulação apenas de transportes públicos e veículos autorizados. A medida acabou por ser estendida, continuando ainda activa dentro do âmbito da política de prioridade do transporte público. Todos os dias mais de 17 mil veículos atravessam a primeira ponte de Macau. ■

A rquitectura



CONJUNTO EDIFICADO NO TAP SEAC (1903-1910)

TEMPO E EVENTO



T MARGARIDA SARAIVA
Investigadora, curadora
e educadora



T TIAGO QUADROS
Arquitecto

ANTES DE mais, e se calhar sem mais nada, é preciso dizer que sempre vimos na literatura, muitas e muitas arquitecturas. Algumas das questões mais importantes resultantes da experiência literária são a busca do sentido e da nossa identidade, na relação com outras identidades, e na forma como esta pode ser evocada e renovada. O processo da leitura pode constituir uma revisão de como nos vemos a nós próprios (o eu) e o outro, de como imaginamos e construímos (na espacialidade) o projecto do homem (na temporalidade). E assim também acontece com a arquitectura. A construção da nossa identidade, só pode ser feita no corpo lembrado das nossas casas. Como num álbum de fotografias, em que nos reconhecemos apesar da imagem da casa se modificar continuamente.



Vem isto a propósito do conjunto edificado no Tap Seac. Projecto da autoria do arquitecto espanhol J. M. Casuso, experiência de construção de um conjunto habitacional integrado numa concepção global de planeamento urbano em Macau – o Bairro de São Lázaro. Com este texto procuramos pensar ou perceber a “casa” como visão de uma consciência que é a sua e que é intencional, subjectivamente virada para o seu objecto de pensamento (a realidade e o mundo). As Casas do Tap Seac dizem-nos que os nossos mais recônditos pensamentos e as nossas ações, a alegria e a dor, exprimem a nossa necessidade de abertura ao sentido, sentido esse que impregna culturalmente comportamentos, emoções e vontades, em busca da felicidade, do prazer, da verdade, mesmo que situadas historicamente. E nós, mesmo que afastados desse tempo, lembramos os espaços que não conhecemos como um espelho sem lados falsos. À procura de nós e menos dos outros – à espera do dia em que a Casa, se nos revele.



“O hibridismo sino-português reflectiu-se claramente na construção de habitação ao longo do século XX em Macau. Um gosto profundamente eclético, reflectindo esse encontro de culturas entre o Ocidente e o Oriente, vai protagonizar uma vontade de mudança e afirmação de famílias e lugares.

Entretanto, a progressiva utilização do ferro e, depois, do betão na construção, vai estimular a aplicação de uma nova gramática, capaz de desenvolver dispositivos de espaços de transição como galerias, avarandados,

consolas para sombreamento ou reixados para ventilar. Também a utilização de muretes com platibanda ou balaustradas a rematar uma cobertura que deixa de ser visível confere uma inusitada feição moderna e contemporânea à maioria das habitações unifamiliares.

Muitas destas casas simbolizam as famílias ricas macaenses. Construídas como símbolos da sua riqueza, o declínio económico das famílias e consequente impossibilidade de manutenção como residências, proporcionou em muitos casos uma reconversão de funções, nomeadamente para equipamentos escolares.”

Mesmo que desenvolvida a uma certa distância dos paradigmas e paradoxos da ‘nova’ arquitectura moderna e internacional, bem como dos debates europeus em torno dos programas sociais e políticos gerados no início do século XX, a casa privada foi em Macau o principal veículo a partir do qual inovações, sobretudo ao nível tecnológico, foram introduzidas. Estas casas eram “representações sociais de uma produção luxuosa de prazer e desejo”. Poder-se-ia dizer que se revelavam a partir de reproduções não apenas de “formas metropolitanas” (King, 1990:60) mas também de formas imperiais importadas de outras cidades periféricas, de outros sistemas coloniais e depois integradas numa rede que pode denominar-se de trans-imperial e trans-colonial.

A razão da aglutinação nas grandes cidades, onde o espaço vital se deteriora, reside na exiguidade da liberdade de movimentos, mas tam-

PROJECTO DA AUTORIA DO
ARQUITECTO ESPANHOL J. M.
CASUSO, AS CASAS DO TAP
SEAC SÃO UMA EXPERIÊNCIA DE
CONSTRUÇÃO DE UM CONJUNTO
HABITACIONAL INTEGRADO
NUMA CONCEPÇÃO GLOBAL DE
PLANEAMENTO URBANO EM
MACAU – O BAIRRO DE SÃO
LÁZARO



O CONJUNTO EDIFICADO NO TAP SEAC É PROMESSA DE FELICIDADE PORQUE CONTRARIA A MANEIRA DE SUBORDINAR A CIDADE A UMA SÓ VISÃO

bém no número de regras indispensavelmente estabelecidas para salvaguardar o controle dos direitos do poder sob a capa da salvaguarda de direitos. Para além de uma peça de resistência na Macau contemporânea, o conjunto edificado no Tap Seac é promessa de felicidade porque contraria a maneira de subordinar a cidade a uma só visão. Porque vivemos barricados num território de distopias, pequenos mundos organizados para uma função determinada, com as suas hierarquias, a arquitectura do conjunto edificado no Tap Seac combate um tempo em que todo o espaço seja já percurso para algo, em que toda a representação de corpo nos lugares seja já percurso para algo, em que toda a representação do corpo nos lugares seja invisível, em que o



sujeito não reconheça em si mais que uma peça da engrenagem.

Hoje, as sociedades organizadas concorrem para a satisfação da necessidade social da espécie humana, acumulando grupos que se identificam como entidades congénitas institucionais levadas ao paradigma da escala de poder onde uns parecem ser mais que outros. Que espécie humana permite essa escala

que peiora a relação saudável da sociedade onde está sujeita a necessidade de presença do semelhante, como um castigo, e onde a quietude não tem lugar? Onde vamos calcorrendo vagarosamente os caminhos das Casas do Tap Seac?

A apreensão visual de um determinado espaço pressupõe um observador que a realize e a consideração da existência de tal observador



AS CASAS DO TAP SEAC DIZEM-NOS QUE OS NOSSOS MAIS RECÔNDITOS PENSAMENTOS E AS NOSSAS ACÇÕES, A ALEGRIA E A DOR, EXPRIMEM A NOSSA NECESSIDADE DE ABERTURA AO SENTIDO, SENTIDO ESSE QUE IMPREGNA CULTURALMENTE COMPORTAMENTOS, EMOÇÕES E VONTADES, EM BUSCA DA FELICIDADE, DO PRAZER, DA VERDADE, MESMO QUE SITUADAS HISTORICAMENTE

vem enriquecer, pela criação de situações várias, o dimensionamento do espaço. A esse propósito recordamos uma passagem de *Terna é a noite*, de Scott Fitzgerald: “Abriu a porta do seu quarto e dirigiu-se directamente à secretária, onde recordava ter deixado o relógio. Estava ali. Enquanto o colocava no pulso, olhou a carta diária para a sua mãe e terminou mentalmente a sua última frase. Foi então que se apercebeu gradualmente, sem se virar, de que não estava sozinha no quarto”.

Num quarto habitado há sempre objectos refrangentes em que mal se repara: madeira envernizada, metais mais ou menos polidos, prata e marfim, além desses milhares de reflectores de luz e sombra, tão apagados que dificilmente os vemos como tais: topos das molduras, gumes de lápis ou de cinzeiros, de objectos de porcelana ou cristal. Toda esta refração – que apela para reflexos igualmente subtis da visão, assim como para fragmentárias associações subconscientes que parecemos reter, como um vidreiro guarda fragmentos de vidro que mais tarde lhe poderão ser úteis – pode justificar aquilo que mais tarde Rosemary descreveu, misticamente, como a “compreensão” de haver mais alguém no seu quarto, antes de o ter propriamente visto. Mas quando compreendeu tal, voltou-se rapidamente, numa espécie de passo de *ballet*, e viu um negro morto deitado na sua cama”.



CONJUNTO EDIFICADO NO TAP SEAC

Avenida Conselheiro Ferreira de Almeida,
n. 93/95

1903/1910 J. M. Casuso realiza o projecto do conjunto edificado no Tap Seac

2008 Venda do Conjunto edificado no Tap Seac, por parte da Fundação Oriente ao Governo da RAEM

Tal como o tempo não se percebe à margem dos acontecimentos, também o espaço não se percebe à margem dos objectos. E é tão simplesmente isto que as Casas do Tap Seac, da forma mais bela, nos contam – a separação entre espaço e objecto não tem sentido, como não tem sentido a separação entre tempo e evento.

Com o presente artigo encerramos a selecção de obras edificadas em Macau até 1911. Como sabemos, a implantação da República em Portugal em 1910 e, no ano seguinte, na China, constituem factos da maior importância no âmbito de um novo quadro político apostado no progresso e nas possibilidades técnicas do mundo contemporâneo. De facto, a nova república portuguesa empenhar-se-á numa acção mais decisiva e concertada do que tinha sido praticada até então e, para além do mais, no novo quadro político as tensões entre os dois países atenuar-se-ão. A entrada de Macau no século XX será determinada pela abertura dos portos da China ao Ocidente, bem como pela afirmação crescente dos ingleses em Hong Kong. ■

BIBLIOGRAFIA

- BURNAY, Diogo (1994). *Modern Architecture in Macau. Architecture, modernism and colonialism in Macau*, Londres: The Bartlett, University College London: Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada à University College London.
- MATTOSO, José (2010). *Património de Origem Portuguesa no Mundo – Ásia, Oceânia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SCOTT FITZGERALD, F. (2007). *Terna é a noite*, Lisboa: Relógio D'Água.
- VICENTE, Manuel (Setembro 1982). "Macau: a arquitectura da cidade" in *Sábado* – n. 22, Macau, pp. 14-23.

Criativos unidos para conquistar os mercados na Ásia

T SANDRA LOBO PIMENTEL
F CARMO CORREIA

A partir das suas próprias necessidades com a marca local Lines Lab, Manuel Correia da Silva e Clara Brito fundaram o projecto MUNHUB para ajudar a comercializar nas feiras e eventos na região a moda e o design que se faz longe da Ásia. A plataforma essencialmente lusófona pretende conquistar um modelo de rentabilidade também através do online



www.foxhills.com

OS DOIS criadores responsáveis pelo projecto local Lines Lab lançaram-se a um novo desafio para ajudar a própria marca e outras a conquistar o seu espaço deste lado do mundo. Manuel Correia da Silva e Clara Brito chegaram a Macau em 2002. Mais de uma década volvida, decidiram fundar um novo projecto, a MUNHUB, uma plataforma para dar a conhecer e comercializar as marcas de pequenas e médias empresas que surgiu “exactamente daquilo que são as necessidades” da própria Lines Lab.

“Somos *designers*, por isso gostamos de fazer coisas, construir coisas e depois dar-lhes a vida comercial e colocá-las no mercado”, explicou à MACAU Manuel Correia da Silva. Serem criadores locais acabou por significar “todo um processo de aprendizagem”, mas chegada a hora de dar o passo em frente, a dupla decidiu que era necessária uma reorganização e, acima de tudo, “abordar o mercado de forma mais eficiente e profissional”.

Contribuiu também o facto de saberem que muito do mercado “sofre com o mesmo desafio e muitas outras marcas e designers, não estando aqui, sentem necessidade de partilhar este mercado da China”. A ideia base da MUNHUB passa por poder “associar a nossa acção profissional com a prestação de serviços a outras marcas”, até porque já têm experiência de participação em feiras e contacto com alguns compradores.

“Como pequena empresa que somos, por vezes, vamos demasiado pequenos, e é difícil convencer muito do mercado que está habituado às grandes marcas e grandes operações. Achámos que se

fôssemos em conjunto teríamos muito mais força.”

Majoria das marcas são portuguesas

A ideia de criar esta plataforma em Macau cedo se virou para o mundo lusófono e Manuel Correia da Silva admite que a maioria das marcas que já contactaram são de Portugal. Isto porque, defende, “te-

mos que ser realistas, porque na área da moda e do *design* há muitas diferenças de desenvolvimento”.

O criador sabe que há países como Angola ou Moçambique que não conseguem ainda competir com o desenvolvimento na área que já existe em Portugal ou no Brasil, no entanto, a abertura existe para quem tem produtos de qualidade e que possam ser comercializados.

“Temos a experiência da nossa marca que queremos rentabilizar, e com isso potenciar as vendas dos nossos produtos e também dos outros”. No entanto, é preciso que as marcas seleccionadas tenham capacidade para responder aos mercados, mas também que os passos sejam dados numa dimensão realista. “Nas feiras as pessoas querem sempre ver mais. Mas temos a dimensão que temos e não conseguimos mais. Depois não teríamos capacidade para acompanhar”.

Sobre a forma de abordagem ao mercado, Manuel Correia da Silva admite que não podem competir pelo preço baixo. “Não teríamos hipótese porque a China fá-lo-á sempre mais barato que nós. Por isso temos que fazer melhor e diferente e criar uma união para sermos mais fortes.”

Dois eventos e mais se seguem

A MUNHUB tornou-se realidade em finais de Agosto e os criadores começaram por criar um calendário de eventos e feiras para marcar presença. Até à data, participaram numa feira inédita no *Hong Kong Design Market* e ainda no certame *In Bed With Designers* em Taipei.

“COMO PEQUENA EMPRESA QUE SOMOS, POR VEZES, VAMOS DEMASIADO PEQUENOS, E É DIFÍCIL CONVENCER MUITO DO MERCADO QUE ESTÁ HABITUADO ÀS GRANDES MARCAS E GRANDES OPERAÇÕES. ACHAMOS QUE SE FÔSSEMOS EM CONJUNTO TERÍAMOS MUITO MAIS FORÇA”





Para o evento em Hong Kong, que decorreu entre Agosto e Outubro, a MUNHUB esteve presente com cinco marcas provenientes de Macau, Portugal e uma de Angola. Num edifício dedicado às indústrias criativas, o contacto com as marcas foi feito de forma informal mas directa. “A base do evento é a de potenciar a ideia dos criativos emergentes”, sublinhou Manuel Correia da Silva.

Para o evento em Taiwan, que se seguiu em Outubro, juntou-se outra marca portuguesa “que trabalha com tecidos inteligentes”, numa aposta da tecnologia aliada à criatividade. *In Bed With Designers* trata-se de um “projecto original”, frisou o criador, que decorreu de 8 a 12 de Outubro. “Os organizadores criam parcerias com hotéis e atribuem um quarto a cada designer. Nós redecoramos o espaço e as pessoas são convidadas a visitar. O nome do evento surge porque dormimos nesse mesmo espaço, o que cria um

contacto mais íntimo com os produtos e com os criadores. É uma maneira diferente de falar de negócios e para o comprador é mais estimulante.”

Sobre a escolha dos locais onde marcam presença, Manuel Correia da Silva explica que “é importante trabalhar com eventos com boa estrutura e uma rede de contactos forte”. Especialmente na fase inicial do projecto.

Quanto à estratégia, acredita que “o comprador que já tem as grandes marcas começa a dar atenção aos criadores emergentes e à história que está por trás do produto final. O que pode cativar as pessoas é poderem participar, por vezes, até no processo. A chamada personalização, por exemplo.”

Em Outubro fechou o primeiro ciclo de eventos, que mais não foi do que um preparo para o futuro, até para acertar métodos de trabalho. “Estamos a testar uns ao outros. E ao mercado, claro.”

Para o fundador da MUNHUB, a ideia de plataforma tem que ser de conteúdos. “Para isso queremos criar uma rede social, online, para depois se tornar uma rede comercial. As pessoas têm primeiro que se apaixonar pelos produtos e, para isso, é importante contar as histórias.”

Manuel Correia da Silva diz que aprendeu em Macau a ser muito pragmático e a procura de parceiros foi progressiva. “Quando decidimos criar a MUNHUB já conhecíamos algumas destas marcas e até já as tínhamos trazido a Macau para o *Macau Fashion Link*.”

No entanto, “não havia negócio para fazer”, revelou. “O melhor que podemos ganhar em Macau é a promoção, mas mesmo assim, é sempre difícil projectar para fora o que acontece aqui. Mas as marcas também levam o evento para onde estão sediadas.”

Apesar da lógica da parceria, a MUNHUB assume-se como



prestadora de serviços. “É a única forma de fazer o projecto funcionar. A questão das indústrias criativas é essa: a criatividade existe, mas a indústria ainda não. Tem que haver rentabilidade e sustentabilidade.” De acordo com o fundador, foi fácil convencer as marcas e o projecto corre agora por si só. “Agora já são as marcas que nos procuram e dizem que querem vir”.

Na China os pés são diferentes

Acessórios de moda e roupa são o núcleo forte do que a MUNHUB tem para mostrar, mas sem que passe por alguns transtornos próprios de vender num mercado que pode ser muito diferente. “Por exemplo nos sapatos é complicado. Os números são diferentes e o fornecedor tem alguma dificuldade. Parece que os pés na América são diferentes dos pés na China.” Por esse motivo, os criadores têm-se focado em produtos sem tamanho, como as malas.

Manuel Correia da Silva acredita que a plataforma “tem que ter muitas marcas, para poder dar a escolher aos vários mercados. Mas focamo-nos nas cidades. A ideia de querer o mercado da China é pouco realista. Gosto de falar em irmos para Cantão, Zhuhai, Hong Kong. Se falar-mos em Pequim, por exemplo, já é complicado”, explicou.

Sobre os mercados de onde vêm os produtos, os criadores estão apostados no online para fazer crescer a plataforma e poder criar uma rede de contactos que possa, no futuro, facilitar a presença em eventos fora da Ásia.

Um dos próximos projectos é a Semana da Moda em



A PERSPECTIVA DA MUNHUB É QUE TRABALHE A UM NÍVEL REAL, NAS FEIRAS, ONDE O NEGÓCIO É FEITO DIRECTAMENTE COM OS COMPRADORES, E A UM NÍVEL VIRTUAL, ATRAVÉS DO ONLINE



Hong Kong, evento que já está a ser trabalhado, e continuar a apostar nas feiras. “É o investimento mais seguro. Vamos continuar a estar presentes em Hong Kong, Taipei e também em Singapura e em Xangai, que são cidades-chave.”

A perspectiva da MUNHUB é que trabalhe a um nível real, nas

feiras, onde o negócio é feito directamente com os compradores, e a um nível virtual, através do online, “onde as histórias dos produtos são contadas”. “Tem que ser uma plataforma social e não só comercial. Algo que as pessoas se interessem, saber quem são os criadores e como são feitos os produtos.” ■



FLAMENCO, ARQUITECTURA E POESIA

Inspirada na obra e na pessoa do arquitecto brasileiro Oscar Niemeyer, *Utopia* é um projecto global em que sete bailarinos interpretam com a coreógrafa María Pagés a experiência ética e estética do desejo, do inconformismo, da utopia, através do flamenco

O arquitecto brasileiro Oscar Niemeyer acreditava que a arquitectura nascia a partir de um traço. Quando se ouvirem os primeiros passos no tablado do Centro Cultural de Macau (CCM) nos dias 27 e 28 de Dezembro, imagine-se que as ondas de som provocadas por um movimento intenso e comprometido são a banda-sonora de uma arquitectura que sonhou com um mundo melhor.

María Pagés, coreógrafa e intérprete de flamenco, define o espectáculo *Utopia* como um encontro entre o corpo de um edifício e os corpos dos bailarinos, como “uma reflexão emocional sobre o desejo, a imaginação e o



instinto dos seres humanos para sonhar um futuro melhor”.

Segundo Niemeyer, em quem a coreógrafa se inspirou num espectáculo estreado em 2011 no Centro Niemeyer de Avilés de Espanha, a dança construiu um objecto que foge “à linha recta, dura, inflexível, criada pelo homem”. O cenário de tal feito sugere “a praça aberta a todos os homens e mulheres do mundo”, “as curvas generosas, de espaços amplos e abertos”.

Os 70 minutos de espectáculo estão estruturados em oito partes, ou versos, que convocam poemas de Baudelaire, Benedetti, Neruda, Machado, Lerbi El Harti e do próprio Niemeyer, incorporando ainda palavras de D. Quixote de Cervantes. Poemas que falam da solidariedade, do compromisso, do exílio, da fugacidade da vida, da pequenez dos homens, da imaginação e do idealismo como motores necessários da mudança.

A ideia do espectáculo começou a tomar forma em 2010, quando Pagés visitou o estúdio de Niemeyer no Rio de Janeiro. Impressionada pelo humanismo e dedicação do arquitecto à sociedade, a coreógrafa concebeu uma peça que contempla temas como solidariedade, empenho e a fugacidade da vida. A bailarina sevilhana é reconhecida internacionalmente pela sua visão do flamenco como dança dinâmica, actual e viva. O escritor José Saramago uma vez disse: “Nem o ar, nem a terra são iguais, depois de María Pagés ter dançado.”

Fundada em 1990, a companhia tem actuado um pouco por todo o mundo, tendo já passado por cidades como Nova Iorque, Istambul ou Singapura.

O CCM organiza também uma tertúlia pré-espectáculo no dia 28 de Dezembro, que inclui uma abordagem às origens e ao percurso cultural do flamenco, bem como uma introdução ao espectáculo e à companhia espanhola.

UTOPIA

27 E 28 DE DEZEMBRO @ 20H00
GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL
DE MACAU

Bilhetes a partir MOP 150

NA AGENDA



TEATRO



Musical Sing High

Concebido para celebrar o 15.º aniversário do CCM, Sing High é um musical original de Leon Ko que se inspira em trajectos de vida de personagens locais, a contar uma história à medida de Macau. O enredo gira em torno de um jovem que tem como ambição vencer além-fronteiras.
6 E 7 DE DEZEMBRO @ 20H00
CENTRO CULTURAL DE MACAU
Bilhetes a partir de MOP 100



MÚSICA



O Tigre e o Dragão

A Orquestra de Macau sobe ao palco do Venetian Theatre para interpretar as músicas do filme *O Tigre e o Dragão*, de Tan Dun, compositor chinês premiado com um Oscar pela melhor banda sonora em 2001.
9 DE DEZEMBRO @ 20H00
THE VENETIAN THEATRE
Bilhetes a partir de MOP 280



VARIEDADES



Desfile por Macau, Cidade Latina

Grupos locais e estrangeiros protagonizam um espectáculo de som e cor pelas ruas da cidade para celebrar o 15.º aniversário do estabelecimento da RAEM. Partindo das Ruínas de São Paulo, o desfile, que tem este ano o tema dos contos-de-fada, percorre as ruas do Centro Histórico até desembocar na praça do Tap Seac.
20 DE DEZEMBRO @ 15H00
CENTRO HISTÓRICO DE MACAU
Entrada livre



OS PEQUENOS GRANDES NEGÓCIOS TRADICIONAIS DA CIDADE

São 45 fotografias de várias lojas antigas de Macau, na sua maioria com mais de um século de história, pertencentes à colecção do Museu de Arte de Macau (MAM) e que mostram vividamente as suas fachadas despretensiosas. Quase todas dedicam-se à venda de produtos alimentícios e da medicina chinesa. É uma viagem ao tempo de uma Macau descontraída e pequena

As lojas antigas de Macau apresentam um aspecto encantador que resistiu à voragem dos tempos, preservando práticas comerciais antigas que hoje atestam a riqueza cultural da cidade. Como parte integrante da herança cultural urbana, estas relíquias possibilitam um olhar histórico sobre a evolução dos bairros antigos e das vicissitudes por que passaram muitas actividades comerciais de Macau ao longo da sua história, além de servirem de pontos de orientação para aqueles que aqui regressam passados longos anos. Ao longo da sua história de mais de quatro séculos, Macau já foi conhecida como vila piscatória com safras abundantes, com o seu peixe fresco e salgado a liderar as exportações, e com as indústrias de fabrico de vinho chinês e de molho de soja também a desempenhar um papel importante. As carnes curadas eram igualmente exportadas em grandes quantidades, tornando-se muito populares no estrangeiro.

O conhecido ditado cantonês “O Outono é a época própria para comer carnes





curadas” reflecte justamente o gosto dos locais por esta iguaria. Este tipo de produtos constituiu uma significativa percentagem da produção e do comércio de Macau noutros tempos.

Resgatar essa memória é o objectivo da exposição *Fotografias de Lojas Antigas de Macau*, patente até 31 de Dezembro no Museu de Arte de Macau. As 45 imagens, todas da colecção do museu, conduzem os visitantes a uma viagem no tempo pelos antigos negócios da cidade, muitos deles com uma longa história familiar que há muito deixou de existir. São pequenos negócios como mercearias e lojas de produtos medicinais que serviam sobretudo uma clientela local. Alguns, mais resistentes às adversidades do desenvolvimento da cidade, ainda hoje continuam de portas abertas, como é o caso da loja de Pak Tong Go, bolos de consistência esponjosa feitos de açúcar branco, ou de outras que ainda vendem chás de ervas chinesas para todos os males.

E fica um ponto a reparar nesta viagem, segundo o MAM: “Os observadores mais atentos não deixarão certamente de reparar que os seus proprietários se apresentam de forma descontraída e sem pretensões no meio da azáfama da urbe moderna, granjeando assim a nossa admiração.”

FOTOGRAFIAS DE LOJAS ANTIGAS DE MACAU

ATÉ 31 DE DEZEMBRO
MUSEU DE ARTE DE MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO

Bilhetes a MOP 5



Montra de Artes de Macau: A Região Obscura, Cerâmica e Gravura por Heidi Lau

Cerâmicas de forte textura e trabalhos em papel que filtram técnicas, memórias, temas cósmicos e espirituais através da perspectiva idiossincrática da artista local.

ATÉ 7 DE DEZEMBRO
MUSEU DE ARTE DE MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO

Bilhetes a MOP 5



Beyond Pixels de Victor Marreiros

A mais recente exposição do artista macaense Victor Marreiros é composta por 16 obras que contam com temas como a proibição de fumar em Macau, a revolução portuguesa do 25 de Abril, ou escritos do escritor lusitano Camilo Pessanha, que viveu e morreu em Macau.

ATÉ 31 DE DEZEMBRO
SIGNUM LIVING
RUA ALMIRANTE SÉRGIO, 285
DIARIAMENTE © 12H00 – 20H00

Entrada livre



Retorno à Origem: Restauraos da Colecção do MAM

Cinco pinturas restauradas da colecção do Museu de Arte de Macau estão patentes na exposição acompanhadas de textos e imagens do processo de restauro. A mostra inclui o desenho “Águias Duplas, Bambu e Pardal” de Lin Liang, um pintor de Guangdong da dinastia Ming, e a pintura histórica “Panorama de Macau”, que retrata a Igreja da Madre de Deus e o Colégio de S. Paulo antes do incêndio.

ATÉ 8 DE MARÇO
MUSEU DE ARTE DE MACAU
DE TERÇA-FEIRA A DOMINGO

Bilhetes a MOP 5

LUSOFONIA DE A A Z

Nas 300 páginas bilingues português-chinês de *Portefólio dos Oito Países de Língua Portuguesa para Negócios: Um Breve Panorama* há todo o tipo de informação para investidores e curiosos para entender a história, a cultura, a sociedade e a economia dos países lusófonos

T PATRÍCIA LEMOS

Não foi a cana-de-açúcar primeiro a atrair os europeus ao Brasil, mas sim as plumas coloridas dos papagaios. Nem todos os países da lusofonia são profundamente católicos como Timor-Leste; na Guiné-Bissau 45% da população é muçulmana. Estas são algumas das informações disponíveis no *Portefólio dos Oito Países de Língua Portuguesa para Negócios: Um Breve Panorama*. Este livro desenha em cerca de 300 páginas o perfil histórico, social, político e económico dos oito países de língua portuguesa. É a resposta da Universidade Cidade de Macau, mais precisamente do seu jovem Instituto para a Investigação dos Países de Língua Portuguesa, ao crescente interesse na cooperação sino-lusófona.

De fácil consulta, o compêndio que a universidade está a distribuir gratuitamente desde Janeiro, sistematiza uma série de dados em papel que já se encontravam disponíveis, mas ainda não haviam sido publicados num único documento. Apesar de se apresentar como um breviário, o livro aprofunda os perfis económicos de cada país, reunindo dados recentes sobre exportação e dando nota das

oportunidades de mercado e ainda das suas fraquezas ou fragilidades. Não é por isso um livro promocional das várias economias, antes procura dar uma imagem real de cada país. E para o atestar destaca-se por exemplo o facto ali estar descrito que o segundo maior produtor de petróleo da África subsaariana, Angola, tem uma “das sociedades com maiores desigualdades”. Um país em grande ascensão mas que regista uma esperança média de vida de apenas 51 anos. Nas muitas páginas dedicadas a Portugal a crise que afecta o país também não é escamoteada, fazendo-se referência ao “elevado grau de endividamento externo e baixo crescimento económico tendencial”.

A equipa que está por detrás deste projecto de investigação, coordenada por Rui Rocha e Sheng Jian, dá relevo às relações bilaterais entre os países de língua portuguesa e a China, optando por modelos diferentes na forma de as retratar. No caso de Angola incluíram-se excertos de uma entrevista a Rita Santos, a Coordenadora do Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum de Macau. Na mesma área, o texto descritivo do Brasil reúne as partes essenciais do acordo de cooperação do país sul-americano com a China. Já o texto de Portugal apresenta-se mais económico, enquanto o de Timor-Leste tem um cariz político, com extractos de um discurso de 2012 do embaixador da China no país, Tian Guangfeng.

Também o olhar sobre os países lusófonos na “perspectiva das relações económicas internacionais” entra no índice do “Portefólio”.



No caso de Moçambique, “um dos países com maior potencial a nível mundial” na área do carvão, chama-se a atenção para alguns “constrangimentos” que o potencial investidor tem de conhecer, como a dificuldade de exportar de Moçambique ou o facto das suas gentes não saberem dizer “não”. São informações que fazem deste um bom guia para quem quiser fazer negócio nesse universo, carregado que está de dados estatísticos económicos actualizados. Apesar deste livro não se debruçar muito sobre questões culturais e costumes, faz sugestões interessantes. É até útil em viagem porque nele se encontram também informações gerais, como a corrente eléctrica, os feriados ou mesmo o horário dos bancos.

Recorrendo sobretudo a fontes oficiais, o “Portefólio” prima pelo facto de ser bilingue, português e chinês, mas mais ganhariam os países visados se também tivesse sido convidada a língua inglesa para aquelas páginas. O documento dirige-se sobretudo os potenciais investidores em países de língua portuguesa, mas pode despertar ainda mais o interesse dos estudantes chineses e portugueses, no tema da cooperação, até porque a apresentação é apelativa. Será ainda um óptimo documento de consulta para jornalistas e todos aqueles que lidarem com temas ligados à lusofonia no dia-a-dia do seu trabalho. Deixa mesmo no leitor o desejo de uma actualização periódica.

A primeira obra do Instituto para a Investigação dos Países de Língua Portuguesa foi lançada em Janeiro, assinalando os dez anos de existência do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. E respeita o pedido expresso de Pequim no 12.º Plano Quinquenal da República Popular da China, aprovado em 2011, com vista a trabalhar no desenvolvimento da plataforma de serviços da RAEM para a cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa.

PORTEFÓLIO DOS OITO PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA NEGÓCIOS: UM BREVE PANORAMA

CORDENADENAÇÃO: RUI ROCHA & SHENG JIAN
CONSULTOR: LUÍS RODRIGUES
TRADUÇÃO: YANG SHU



Contos do Portugal Rural/ 葡萄牙鄉村故事

Isabel Maria Fidalgo Mateus
Gráfica de Coimbra, 2014

Em versão bilingue português-chinês numa parceria com a Universidade de Macau, compreende uma selecção de

12 histórias retiradas de *Outros Contos da Montanha*. O documento está a ser distribuído pelas várias universidades e instituições chinesas em que se ensina português, com o objectivo de ser um novo meio de disseminação da cultura portuguesa na China.



Heráldica Portuguesa na Porcelana da China Qing

Pedro Dias
Fundação Macau/Centro Científico e Cultural de Macau, 2014

Após a publicação de *Heráldica Portuguesa na Porcelana da China*

Ming, Pedro Dias estuda agora a produção da Dinastia Qing entre aproximadamente 1645 e 1911. Como afirma o autor: “...se é verdade que este estudo parte de obras de arte, a verdade é que ele é, fundamentalmente, um trabalho que entrelaça a História Social, a História Política e a História Económica, pois usamos as peças como documento histórico que, analisado de todos estes ângulos, permite perceber muito sobre os seus encomendantes...”

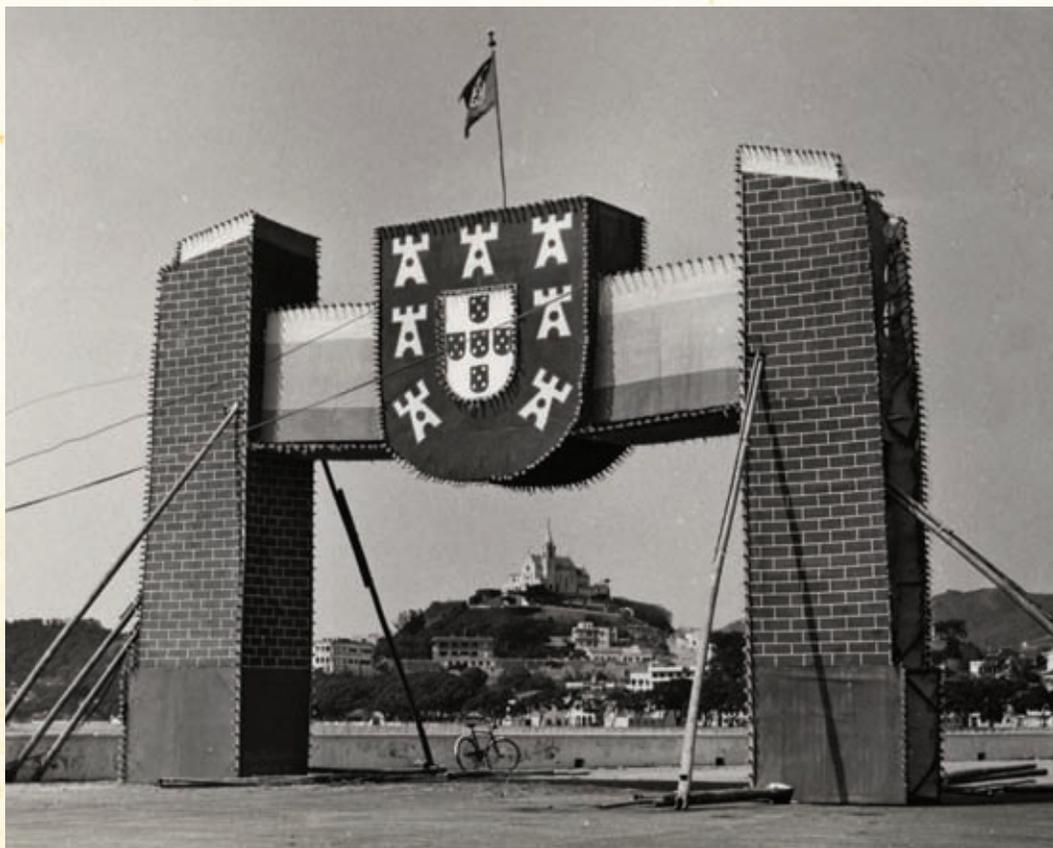


A Comunidade Macaense em Portugal: Alguns aspectos do seu comportamento cultural

Isabel Maria Rijo Correia Pinto
Instituto Cultural de Macau/ Edições Almedina, 2011

Este é um estudo transversal,

descritivo e analítico que pretende dar a conhecer como se comporta culturalmente a comunidade macaense residente em Portugal. Nesta investigação, analisam-se os aspectos que a nível cultural são predominantes no seu quotidiano, uma vez que a origem euro-asiática leva a que sejam influenciados pelo Oriente, mas pelo facto de viverem em Portugal, são também influenciados pela cultura portuguesa.



MACAU ASSINALA OS 45 ANOS DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

NO DIA 5 de Outubro de 1955, no 45.º aniversário da implantação da República em Portugal, logo ao raiar do sol e sob o comando do major João Carlos de Sousa, contingentes das unidades militares e militarizadas saíram as ruas para um desfile. Um padrão comemorativo (na foto) foi erguido na Baía da Praia Grande com grandes

varas de bambu para assinalar a data. O Palácio do Governador, não muito longe do padrão, abriu portas para uma sessão de visitas e cumprimentos que só terminou ao final do dia. Já em 1910, Macau tinha baptizado uma das suas mais extensas avenidas, que começa junto à Rua do Bom Parto e termina na Rua de S. Tiago da Barra, com o nome República – uma importante via de ligação entre o Porto Exterior e Interior.

rastignac.com



EIFFEL TOWER XO 200CL


Rastignac
威利来

超然

超 | 然 | 國 | 際
EXCELENTE

亞洲總代理:

熱線電話:

+853 2870 3037

+853 2870 0220



NAPOLÉON 70CL

Colección Selos
de Macau

收 澳 郵 票 藏

Collect
Macao's Stamps



澳門特別行政區成立十五周年紀念
15^o Aniversário do Estabelecimento da
Região Administrativa Especial de Macau



澳門議事亭前地
Largo do Senado, Macau

• 電話 Tel : (853) 8396 8513, 2857 4491
• 傳真 Fax : (853) 8396 8603, 2833 6603

• 電郵 E-mail : philately@macaupost.gov.mo
• 網址 Website : www.macaupost.gov.mo



齊心一意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas. Facilitamos Negócios